UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LISETTE WEISSMANN

Interculturalidade e vínculos familiares: uma intervenção psicossocial

São Paulo
2016

LISETTE WEISSMANN

Interculturalidade e vínculos familiares: uma intervenção psicossocial
(Versão original)

Tese apresentada no Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutora em
Psicologia Social

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^ª Dr^a Maria Inês
Assumpção Fernandes

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Weissmann Seidmann, Lisette Adriana.

Interculturalidade e vínculos familiares: uma intervenção psicossocial / Lisette Adriana Weissmann Seidmann; orientadora Maria Inês Assumpção Fernandes. -- São Paulo, 2016.

202 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia social 2. Interculturalidade 3. Vínculos familiares
4. Expatriados 5. Psicanálise das configurações vinculares 6.
Migrações temporárias I. Título.

BF575.S75

Nome: WEISSMANN, Lisette

Título: Interculturalidade e vínculos familiares: uma pesquisa psicossocial

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A minha avó, que migrou, com 18 anos, atravessando o oceano e fugindo dos nazistas, à procura de amparo em terras mais justas, e as achou no Uruguai, minha terra natal.

A Jorge, meu marido, Paula e Agustin, meus filhos, com quem migramos para estas maravilhosas terras brasileiras, onde recebemos tanto carinho e oportunidades de crescimento e melhorias.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Maria Inês Assumpção Fernandes, por ter acreditado em mim e ter-me presenteado com generosidade todo seu conhecimento e idoneidade na academia, assim como pelo apoio e compreensão recebidos nos momentos difíceis da vida que me tocaram viver nesses anos de preparo do doutorado.

Aos professores da banca de qualificação – Miriam Debieux e Maria Lucia de Souza Campos Paiva –, que tanto me ajudaram no meio do caminho da confecção da tese. Aos professores da banca de doutorado – Isabel Cristina Gomes, Maria Lucia Souza Campos Paiva, Renato Mezan e Marcelo Viñar –, por terem concordado em ler meu trabalho com dedicação e carinho e me presentear com suas ideias, que me permitirão enriquecê-lo.

A meus professores do Uruguai, Argentina e Brasil, especialmente a Isidoro Berenstein e Janine Puget, por terem sempre me estimulado a pensar e avançar no conhecimento psicanalítico e suas ampliações, para atuar nos novos contextos contemporâneos que nos tocam viver.

À psicanalista Gina Tamburino, por ter lido com tanto cuidado e carinho meu trabalho.

A meus colegas brasileiros, uruguaios e argentinos, Rachele, Claudia, Cristiane, Liz, Marina, Beatriz, Pablo, Tatiana, Sonia, Liliana, Claudia, Carol, Heloisa, Vânia, Nelson, Nancy, Gabriela, Marina, Sara, por estar sempre perto para trocar ideias, continuar aprendendo e crescer juntos na psicologia e na psicanálise.

A minhas amigas uruguaias de hoje e de sempre: Sylvia, Yael, Helena, Sandra, Nahir, com as quais a distância não apaga o carinho e amizade que sempre nos nutriram.

A minha família de origem – Mechi, Mauricio, Evelyn e Nicole –, com quem aprendi a percorrer os longos caminhos da vida.

A meus tios Tita e Toby que alentaram e leram meu trabalho. A minha tia Susi que sempre compartilhou ideias novas e ricas comigo.

Aos funcionários da USP – Nalva Gil, Rosangela Sigaki –, entre outros, que tanto têm me auxiliado nestes quatro anos.

À agência CAPES, pela bolsa concedida, que me permitiu realizar esta pesquisa.

E aos expatriados que se ofereceram para fazer parte da investigação, aportando com generosidade suas experiências de vida, as quais me permitiram aprofundar e aprimorar o conceito de interculturalidade. Sem eles, nada de tudo isto teria sido possível.

RESUMO

WEISSMANN, L. **Interculturalidade e vínculos familiares: um olhar psicossocial**. 2016. 205 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

O mundo contemporâneo estrutura sujeitos que se submergem no espaço virtual, intercomunicados e com acesso para viajar a países distantes de modo vertiginoso; porém, os expatriados são uma amostra que, de modo mais abrangente, desenha o perfil subjetivo do sujeito do século XXI. Com base no trabalho psicanalítico feito com famílias de expatriados, a presente pesquisa visa a aprofundar o conceito de interculturalidade. Esses sujeitos contemporâneos se constituem a partir de um emaranhado de culturas que se entrecruzam, deixando marcas variadas que vão se estruturando em uma identidade intercultural. Os vínculos familiares servem de base e apoio, em seus diferentes formatos. Trabalhamos com o expatriado e sua família em “encontros terapêuticos em situação vincular”, pelos quais a terapeuta faz interpretações e assinalamentos sobre o processo de inserção em culturas estrangeiras. A teoria que ampara o trabalho clínico e teórico é a psicanálise das configurações vinculares. Vários autores são citados para dar luz sobre o mundo atual, partindo da psicanálise e também considerando outras ciências, como a sociologia e a antropologia. Trabalhamos sobre seis casos clínicos de expatriação: cinco famílias com filhos e um casal, para dar sustentação clínica à pesquisa teórica. Apresentam-se diversos modos de estrutura dos vínculos, frente às mudanças geográficas, de espaço, tempo e cultura. Algumas famílias dão sustentação a esses processos, colaborando na conformação da identidade intercultural de seus membros, enquanto outras ficam a meio caminho, nesse processo. Assinalam-se os diferentes níveis de modificação ou impossibilidades de transformação na estrutura familiar inconsciente de cada grupo familiar. Três dimensões da estruturação psíquica são levadas em conta, no presente texto, que incluem a conformação intrapsíquica, a intersubjetiva ou vincular e a transubjetiva ou sociocultural. Estabelece-se um *link* entre a teoria e a prática clínica, para chegar às conclusões sobre o perfil subjetivo do sujeito contemporâneo. A constituição subjetiva do sujeito contemporâneo pressupõe uma adaptabilidade e maleabilidade na oscilação entre diversos universos, a possibilidade de utilização do novo como forma de modificação interna e o uso dos recursos que assegurem uma certa estabilidade vincular e interna, para construir a identidade intercultural.

Palavras chave: Psicologia Social - Interculturalidade - Vínculos familiares - Expatriados - Psicanálise das Configurações Vinculares - Migrações Temporárias

ABSTRACT

WEISSMANN, L. **Interculturality and family bonds: a psychosocial contribution**. 2016. 205 f. Thesis (Ph.D.) - Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

Contemporary world structures people that tend to submerge in virtual space, are intercommunicated and have the means to travel to distant countries in a vertiginous way. Expatriates are a sample that draw the subjective profile of people of the twenty-first century. Based on psychoanalytical work with families of expatriates, this research aims at deepening the concept of interculturalism. These contemporary people are constituted by a tangle of interwoven cultures which leave psychic traces, that will determine the structure of an intercultural identity. Family ties in its different formats are the basis and support in this process. We interview expatriates families in "therapeutic encounters in bond situation," in which the therapist provides interpretations and indications concerning the insertion process in foreign cultures. The theory that supports this clinical and theoretical work is psychoanalysis of link configurations. Several authors are quoted which provide knowledge about the modern world, starting with psychoanalysis and considering other sciences, such as sociology and anthropology. In this thesis we present six expatriation cases: five families with children and a couple, to provide clinical support to theoretical research. The cases present several ways of bond structure, so as to face geographic moves, space, time and culture modifications. Some families give support to these processes, and are active at shaping an intercultural identity of its members, while others stay halfway in the process. We discuss different levels of change of the unconscious structure of each family group. We take into consideration three dimensions of psychic structure: intrapsychic conformation, the inter-subjective or link space and the transsubjective or sociocultural mode. This thesis establishes a link between theory and clinical practice, reaching conclusions about the subjective profile of contemporary people. The subjective constitution of the contemporary being requires adaptability and flexibility while oscillating between different universes, the possibility of using what's new as a form of internal modification and the use of resources to ensure a certain stability and internal linking, in order to build intercultural identity.

Key words: Social psychology - Interculturality - Family bonds - Expatriates - Psychoanalysis of Link Configuration - Temporary Migration

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. HISTÓRIA DO NASCIMENTO DA QUESTÃO QUE NORTEIA A PESQUISA	14
1.2. POR QUE EXPATRIADOS?	18
1.3. OBJETIVOS DA PESQUISA	19
1.4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	19
1.5. HIPÓTESE	20
1.6. NA BUSCA DOS TRAÇOS MIGRATÓRIOS EM SIGMUND FREUD	22
2. GLOBALIZAÇÃO, CULTURA, FRONTEIRA	24
2.1. APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO	24
2.2. CULTURA: DIFERENTES ACEPÇÕES, DIFERENTES AUTORES, UM PATRIMÔNIO EM COMUM	28
2.3. FRONTEIRA: TERRITÓRIO OU CULTURA?	31
3. MIGRAÇÕES	37
3.1. MULTICULTURALIDADE, TRANSCULTURALIDADE, INTERCULTURALIDADE	39
3.2. MULTICULTURALIDADE	39
3.3. TRANSCULTURALIDADE	42
3.4. INTERCULTURALIDADE	44
3.5. DOS DIFERENTES E DESIGUAIS AOS DESCONECTADOS	46
3.6. SUJEITOS INTERCULTURAIS CONECTADOS CONTEMPORÂNEOS	49
3.7. QUESTÕES SOBRE A LÍNGUA	54
3.8. SIGMUND FREUD FRENTE À PERDA DA LÍNGUA MATERNA NO EXÍLIO	57
4. PSICANÁLISE DAS CONFIGURAÇÕES VINCULARES	60
4.1. SUJEITO INSCRITO NO SOCIAL	66
4.2. QUEM É O OUTRO?	69
4.3. DO "AJENO" AO OUTRO ESTRANGEIRO	72
4.4. DO UNHEIMLICH AO ESTRANHO	75
5. CAMINHO METODOLÓGICO	80

5.1. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	83
6. CASOS CLÍNICOS.....	85
6.1. CASO CLÍNICO 1	85
6.2. CASO CLÍNICO 2	98
6.3. CASO CLÍNICO 3	108
6.4. CASO CLÍNICO 4	128
6.5. CASO CLÍNICO 5	148
6.6. CASO CLÍNICO 6	154
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
7.1. A MIGRAÇÃO SE DESFAZ E/OU EVOLUI E/OU SE MODIFICA?	185
7.2. INTERSUBJETIVIDADE NA EXPATRIAÇÃO	188
7.3. COM QUEM FAÇO A REDE DE LAÇOS SOCIAIS?	195
REFERÊNCIAS	197
BIBLIOGRAFIA	201

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho de Ana Maria em folha grande, nomeia no verso o desenhado	91
Figura 2 - Desenho de Ana Maria em folha pequena com estória no verso.....	92
Figura 3 - Estória do desenho anterior escrita no verso	93
Figura 4 - Desenho de Ana Maria em folha grande	96
Figura 5 - Desenho de Andrea da família em folha grande.....	112
Figura 6 - Desenho de Andrea no verso do desenho anterior.....	114
Figura 7 - Brincadeiras das meninas no desenho de Eli	116
Figura 8 - Desenho de Andrea em folha pequena	120
Figura 9 - Desenho de Andrea no verso do desenho anterior.....	121
Figura 10 - Desenho de Andrea em folha pequena	122
Figura 11 - Desenho de Maria Jesus em folha pequena	125
Figura 12 - Desenho de Erne em folha pequena.....	130
Figura 13 - Desenho de Erne em folha pequena.....	132
Figura 14 - Desenho de Erne em folha pequena.....	133
Figura 15 - Desenho de Erne em folha pequena.....	134
Figura 16 - Desenho de Erne em folha pequena.....	138
Figura 17 - Desenho de Erne em folha pequena.....	139
Figura 18 - Desenho de Erne em folha pequena.....	140
Figura 19 - Desenho de Rosário em folha pequena.....	160
Figura 20 - Desenho de Olívia em folha pequena	161
Figura 21 - Desenho de Rosário em folha pequena.....	162
Figura 22 - Desenho de Olívia em folha grande.....	163
Figura 23 - Desenho de Olívia em metade da folha grande	164
Figura 24 - Desenho de Rosário no verso do desenho de Olívia.....	165
Figura 25 - Desenho de Rosário em folha grande	166

Figura 26 - Desenho de Olívia.....	169
Figura 27 - Desenho de Olívia em folha grande no verso do desenho anterior	170
Figura 28 - Desenho de Rosário em folha pequena.....	171
Figura 29 - Desenho de Olívia: "O sapo está feliz"	172
Figura 30 - Desenho de Rosário em folha pequena.....	173
Figura 31 - Desenho de Rosário no verso do desenho anterior	174
Figura 32 - Desenho de Olívia em folha pequena	175

1. INTRODUÇÃO

Un país con el nombre de un río

Vengo de un prado vacío
 un país con el nombre de un río
 un edén olvidado
 un campo al costado del mar
 Pocos caminos abiertos
 todos los ojos en el aeropuerto
 Unos años dorados
 Un pueblo habituado a añorar

Como me cuesta quererte
 Me cuesta perderte
 Me cuesta olvidar
 El olor de la tierra mojada
 La brisa del mar,
 brisa del mar, llévame hasta mi casa

Un sueño y un pasaporte
 como las aves buscamos el norte
 cuando el invierno se acerca y el frío comienza a
 apretar [...]

Como me cuesta marcharme
 Me cuesta quedarme
 Me cuesta olvidar
 El olor de la tierra mojada
 La brisa del mar [...]
 llévame hasta mi casa
 Brisa del mar

(Jorge Drexler)

No começo do século XXI, deparamo-nos com um mundo que parece ter expandido os limites de sua geografia, marcado pela tecnologia e a globalização, apresentando a fantasia de vivermos em um mundo global estruturado como um todo, sem limites de fronteiras que diferenciem países, populações ou culturas. Assim, os sujeitos se veem homogeneizados, através de um mundo no qual as marcas, os produtos e as modas parecem atravessar as fronteiras que anteriormente delimitavam países, para se amalgamar em uma cultura só. A cultura do mundo capitalista liberal, por meio do consumo, tenta estabelecer linhas que homologuem todas as culturas e povos do planeta. Igualmente, podemos ver índios vestidos com calças jeans, orientais escutando música em inglês, sujeitos dançando ao som do *reggae*

e *funk*, ao mesmo tempo, ou seja, um mundo que se assemelha à Torre de Babel, tanto pela variedade quanto pelas opções e escolhas.

Uma outra característica que se soma a essa homogeneização do mundo atual é a vertigem apresentada com a mesma rapidez com que os meios de transporte podem levar sujeitos de um ponto do planeta ao outro em horas, gerando assim a sensação de um mundo que é estruturado como um espaço único, passível de ser apreendido em poucas horas e no qual se maneja um ritmo vertiginoso e acelerado. A ideia de conquista que esses elementos outorgam ao homem aparece como acréscimos ao conceito de globalização, que junta culturas, raças e povos em um espaço igual para todos.

Na tentativa de fazer uma descrição teórica desse sujeito contemporâneo, o psicanalista uruguaio Marcelo Viñar (2009, p.36, tradução nossa) salienta que,

[...] na grande cidade anônima do planeta do século XXI, é cada vez mais difícil ter um lugar próprio no mundo. Um lugar próprio que permita ao indivíduo ter a oportunidade de levar a cabo o desenvolvimento de suas capacidades, um projeto de vida no qual cada um se sinta único, original e insubstituível. Submergido na multidão anônima, sufocado por ela, cada um organiza seu destino ou sua estratégia para sobreviver.

Esse trecho delineia um cenário que poderíamos nomear de “salve-se quem puder”, para conseguir achar um lugar para si mesmo. Descreve, desse modo, uma forma de estar no mundo individualista, onde cada um toma conta de si e só assim consegue achar um espaço no qual se sustenta. Esse é o panorama no mundo global do século XXI. Mas esse mundo global traz sinais que mostram que ele não existe como um todo homogeneizado, pasteurizado e triturado, como tentam descrevê-lo, para se constituir como só uma massa. As diferenças trazem um olhar que não pode ser negado nem anulado. As falhas na comunicação, as culturas que transmitem aos sujeitos formas de agir, viver e compreender o mundo de modo diverso, os erros de entendimento entre sujeitos de culturas díspares, tudo isso faz cair por terra a fantasia do mundo como um todo igual. As particularidades dos povos e nações aparecem, necessariamente, e podem ser usufruídas para se enriquecer com as diferenças, ou podem ser negadas, numa tentativa de fantasiar a sua não existência.

Poderíamos pensar na globalização como uma aldeia global, unida pelos meios virtuais de comunicação e pelas possibilidades de se locomover facilmente de um continente ao outro; isso não anularia as diferenças entre as culturas como formas de concepção e leitura do mundo, nem dos distintos seres humanos que habitam o globo terrestre. Pensamos em culturas

que remetem a histórias singulares e geografias peculiares, impossíveis de pulverizar e homogeneizar. Se negarmos as diferenças culturais dos povos e nações, estaremos dissolvendo a possibilidade de visualizar sua riqueza singular e única, que cada povo traz consigo, assim como os traços aportados pelo habitat em que estão inseridos. Porém, tentar definir o conceito de cultura seria fundamental, nesta pesquisa, já que abriria as portas para compreender o termo e torná-lo um conceito a englobar um universo comum, ao mesmo tempo em que permitiria inserir nele diferenças, como habilitadoras de um conhecimento mais abrangente e inclusivo.

Nesse universo da contemporaneidade que estamos descrevendo, assistimos à formação de sujeitos que nascem em um país e, por situações familiares, laborais ou políticas, deslocam-se pelo mundo, vivendo geralmente de forma temporária em diversos lugares dos quais sempre podem sair para se estabelecer em outras terras, quando as situações o exigem. Baseando-se nessa forma de morar no mundo, a qual poderia ser denominada nomadismo contemporâneo, vivem sem estabelecer nenhum vínculo com o lugar, de maneira fixa; estruturam um estilo de vida em que circulam pela terra, nomeando-se a si mesmos como “cidadãos do mundo”, sujeitos interculturais. Esse transitar pelo mundo desenha um movimento contínuo em relação ao lugar de moradia, língua para se comunicar, espaços escolhidos para conhecer, lugares de trabalho etc.

Caberia aqui estabelecer uma diferença entre os expatriados migrantes temporários e os refugiados, asilados políticos, exilados etc. Estes últimos são sujeitos que, frente a situações de violência, pobreza extrema, fome, cárcere, tortura e/ou perseguições políticas, têm que fugir do país de origem, estabelecendo-se como refugiados e pedindo asilo político em outras terras. Esses sujeitos fogem, diante da possibilidade de perder a vida e as condições básicas de sobrevivência, numa fuga que se institui na procura da preservação da vida. Em outra opção de vida, os expatriados, os quais têm as necessidades básicas de vida mais que cobertas, podem elaborar uma escolha que lhes permita procurar por um ou vários lugares nos quais morar, no mundo, com a qualidade de vida escolhida por eles. Vislumbramos aqui a diferença entre a situação de fuga, por um lado, e a possibilidade de escolha, por outro. Na sequência, delimitaremos o objeto de estudo da presente pesquisa.

O expatriado, como sujeito contemporâneo que desenvolve migrações temporárias várias, é o sujeito que nos convoca e desafia a tentar descobri-lo. Muitas são as interrogações que se abrem, já que, de forma manifesta, o mundo para esses sujeitos parece lhes pertencer como

um todo: apresentam extrema mobilidade física e geográfica, os meios de comunicação lhes oferecem a possibilidade de se comunicar com qualquer ponto do planeta, por mais distante que este esteja; falam e compreendem várias línguas, e a comunicação parece ser possível em todas as esferas e com todos os sujeitos de cada ponto cardeal do planeta. Todavia, a questão que se inicia como grande interrogação, nesta pesquisa, centra-se em como se dá a constituição psíquica e vincular desses sujeitos, porque a conformação do psiquismo precisa de certos parâmetros que o sustentem e colaborem para sua estruturação. Pensando na estruturação do sujeito e seus vínculos, consideramos a importância do contexto no qual o sujeito se constitui, sendo esse contexto um pano de fundo que, através da pertença, permite ao sujeito se conformar internamente. O pano de fundo é a cultura, o espaço transubjetivo, o mundo exterior. A pergunta que surge frente às intensas mudanças culturais é como essas mudanças podem afetar o sujeito vincular, em sua constituição. Defrontamo-nos, assim, com sujeitos contemporâneos expatriados expostos a diferentes culturas, e a presente investigação se propõe tentar defini-los, a partir de um olhar psicanalítico. Trata-se também de uma pesquisa psicossocial que toma em conta tanto as características do sujeito e sua constituição psíquica— incluídos no prefixo psico—; quanto o social no qual o mesmo se insere, cresce e se forma. Perguntamo-nos: como afetariam ao sujeito e seus vínculos essas variadas raízes e lugares de pertença, dentro de um espaço e um tempo global?

1.1. HISTÓRIA DO NASCIMENTO DA QUESTÃO QUE NORTEIA A PESQUISA

Sou psicóloga, psicanalista, uruguaia, e migrei ao Brasil de forma permanente, em 2004. Tendo em conta que falo outras línguas, sou convidada para trabalhar tanto com sujeitos migrantes quanto com cidadãos que vão migrar do Brasil. O convite inclui trabalhar gerando uma escuta no momento de separação da terra, dos afetos, do conhecido da cultura própria para a inserção em uma cultura diferente, com as consequentes transformações internas que isso acarreta: o sofrimento pela perda, a sensação de estranheza em terras alheias, enfim, uma infinidade de afetos ambivalentes e paradoxais com os quais os sujeitos se deparam.

Começo a desenhar um dispositivo que me permita acolher três tipos de população expatriada diferente:

1. Os brasileiros que saem do país para outros países do mundo, com os quais o trabalho é feito em português, língua nativa dos que consultam.

2. Os indivíduos latinos que vêm morar no Brasil, com quem usamos o espanhol como língua nativa, tanto dos expatriados quanto da psicóloga.
3. Os sujeitos expatriados de vários países que vêm morar no Brasil, com os quais a língua que habilita a comunicação é o inglês; trabalhamos com uma língua que serve de ponte para o entendimento e funciona como um objeto intermediário que separa e aproxima, ao mesmo tempo.

Avaliando a população que consulta, por um lado, e baseada na linha teórica de trabalho da Psicanálise das Configurações Vinculares, por outro, deduzi que a melhor forma de oferecer uma escuta nesse momento de vida seria considerar o expatriado juntamente com o núcleo familiar que o acompanha, o que também implica levar em conta as diferenças entre os sujeitos que fazem parte da família, já que temos o/a funcionário/a expatriado/a, a sua esposa/o e os filhos com distintas idades e formações.

Diante dessas consultas, desenvolvo um dispositivo de trabalho para acolher e escutar os expatriados e suas famílias. Uma das variáveis a ter em conta, na hora da escolha da analista, é a língua. Como os encontros são feitos pouco tempo depois de eles desembarcarem no Brasil, pensa-se na dificuldade para se comunicar em uma língua estrangeira e a proximidade com a língua do país de origem. Os encontros se desenvolvem em espanhol, porque é a língua nativa, tanto dos expatriados quanto da psicóloga. A língua viria nos auxiliar aqui como um nexo de comunicação dos sujeitos estrangeiros em terras brasileiras. Tendo isso em consideração é que os atendimentos aos expatriados são feitos em espanhol.

Cabe aqui assinalar que, ao se tratar de famílias sul-americanas que falam línguas latinas, estabelece-se uma afinidade linguística, assim como uma proximidade e familiaridade das línguas e das culturas entre os migrantes temporários e os cidadãos do país de acolhida. Entre culturas sul-americanas, as distâncias interculturais são menores. Aqui, poderíamos delimitar uma grande diferença com respeito àqueles que migram para a África ou Ásia, entre os quais as línguas não têm uma origem comum e a distância intercultural é muito maior.

Baseio-me em temáticas as quais seria importante discutir, nessa instância, apoiada também em outros referenciais teóricos, provenientes do mundo dos negócios, que intitulam esses trabalhos de treinamentos interculturais. Ao longo do trabalho com os expatriados, contudo, esse dispositivo vai ficando fora, pois aparece como desnecessário e sem sentido, de sorte que o atendimento se baseia fundamentalmente em uma escuta à família sobre o momento de

transição e mudança. A orientação do trabalho muda: de amparar-se em tópicos marcados em um *powerpoint* a uma escuta livre sobre o momento da expatriação. Providencio materiais de desenho e jogos, no formato da caixa de jogos usada na análise de crianças, para que as crianças e adolescentes tenham outra forma de se expressar diante da consigna, e que o dispositivo abarque os adultos com suas falas e os filhos, no formato que eles escolham para se comunicar.

Os sujeitos desta pesquisa não apresentam demanda de processo terapêutico. Entretanto, eles aceitam o oferecimento que a profissional lhes dá de participar de um encontro para trabalhar sobre o tema da interculturalidade na expatriação. Ao aceitar a proposta, exibem uma disposição para trabalhar o tema. A analista, contratransferencialmente, abre uma cadeia associativa, fazendo eco da conflitiva familiar. O dispositivo é constituído apoiado nas hipóteses de qual será a dinâmica intersubjetiva que os habita e nas hipóteses da teoria psicanalítica vincular como marco de referência.

Poderíamos pensar que as corporações precisam assegurar o investimento que fazem, ao trazer o sujeito e garantir uma situação estável que lhe permita trabalhar e dar os dividendos para os quais foi conduzido ao país de expatriação. Partimos, assim, de uma demanda baseada no mundo capitalista, do qual o expatriado se oferece a fazer parte, no momento em que aceita a oferta da empresa. Apesar de não aparecer uma demanda de atendimento terapêutico, apresenta-se um pedido de orientação e acolhimento. Pensamos que a demanda formulada pela empresa precisa ser reapropriada pela família mesma.

Na escuta aos sujeitos estrangeiros — se for necessário —, apresentarei o diagnóstico e o consequente encaminhamento. A indicação psicoterapêutica fica como uma possibilidade, quando a família, ou algum de seus membros, dela precisem.

Como população que poderia dar maior conta desse novo tipo de sujeitos, trabalharemos, nesta investigação, com sujeitos expatriados de empresas multinacionais que vêm de países nos quais o espanhol é a língua materna. Isso exclui dessa população com que farei o trabalho os migrantes e imigrantes, os refugiados políticos, os exilados etc. Desse modo, estaremos atingindo um público que se desloca em condições vantajosas, já que as empresas operam como um grande respaldo, que arca com os custos e o trabalho tanto da logística, da burocracia com documentos migratórios, quanto da assistência à saúde, do transporte, do estudo para os filhos e da moradia, no país de expatriação, assim como viagens de visita ao

país natal. Todos esses benefícios diferenciam os imigrantes temporários expatriados dos outros tipos de imigrantes.

Para a presente pesquisa, as famílias de expatriados acederão por livre e espontânea vontade a fazer os encontros com a psicóloga, a fim de trabalhar o tema da interculturalidade. A possibilidade de trabalho vincular com a família é oferecido pelo LinkedIn e as famílias concordam em participar da pesquisa.

Ao mesmo tempo em que o expatriado recebe todas as regalias anteriormente mencionadas, por outro lado, são convocados a cada certo lapso de tempo a migrações temporárias, porque são deslocados para diversos países, conforme a necessidade das empresas contratantes. Isso imprime certa marca a esse tipo de migração, o qual poderia ser descrito como “o eterno migrante”, com uma caracterização de transitoriedade e movimento constante, como aquele que transita sempre “com a mala nas costas”.

Frente a esse trânsito constante pelo mundo, interrogamo-nos sobre as marcas psíquicas vinculares que esse modo de ser contemporâneo confere aos sujeitos que se submetem a esse estilo de vida.

Fica em aberto a pergunta para pensar no campo de intersubjetividade como essas experiências de trânsito, de ir e vir, geram marcas intersubjetivas específicas e diferentes das dos outros tipos de migrantes. Contudo, essa questão não será abordada pela presente pesquisa.

No início do doutorado, apresentei o projeto de pesquisa para o Departamento de Psicologia Social e para o Comitê de Ética, com o nome de *A Multiculturalidade na constituição do sujeito. Uma pesquisa psicossocial*. Mas, à medida que fui aprofundando o tema, percebi que o conceito de multiculturalidade ficava vinculado ao de colonização, no qual uma cultura prevalece sobre a outra; a cultura do colonizador se impõe sobre a do colonizado. Porém, esse conceito não se ajustava à realidade dos migrantes temporários expatriados. Achei o termo “interculturalidade” mais apropriado, visto que indica como uma cultura vai-se entrelaçando com a outra, estruturando uma rede de culturas, entre as quais se armam pontes, como *links* que as fazem interagir. Mais para frente, no presente trabalho, aprofundo sobre ambos os conceitos, o que fundamenta a mudança de título da pesquisa.

Também mudei a continuação do título, referindo-me especificamente aos “vínculos familiares”, já que, da forma anterior, não se deixava claro qual é o conceito de sujeito do qual

parto, na presente investigação. Trata-se de um trabalho intersubjetivo vincular com famílias de expatriados.

1.2. POR QUE EXPATRIADOS?

No contexto atual, contemporâneo e globalizado, surge o sujeito que carrega um estilo de vida propiciado pelo mundo corporativo, que é chamado de “expatriado”. Por contiguidade ou vínculo de consanguinidade, a família desse sujeito, funcionário das empresas multinacionais, é chamada de “família de expatriados”.

Seria importante nos perguntar por que foi escolhido esse termo para nomear o sujeito que é o novo habitante do mundo corporativo, funcionário estrangeiro que é deslocado para diversas filiais das empresas, em diferentes países do mundo. Na procura das referências do significado do termo, nos dicionários, surpreende como é definido. No dicionário *Aurélio*, expatriado é “que ou aquele que sofreu a pena de expatiação, ou que se expatriou; exilado”. Expatriar como, verbo transitivo direto, é “expulsar da pátria; exilar, desterrar, banir”. E, como verbo pronominal, é “ir para o exílio”, “ir residir em país estrangeiro”.

Vemos como, através das definições, se transmite uma conotação negativa condensada na forma de denominar ao expatriado, uma vez que pareceria ser aquele sujeito expulso de seu país de origem, ou impossibilitado de morar na terra onde nasceu. Esse significado não condiz com a situação de privilégio que eles têm, nas empresas. O fato de ser convidado a uma expatiação coloca o funcionário em um lugar favorecido no espaço de trabalho, já que é oferecido a ele melhores salários, possibilidade de ascensão na carreira profissional, ganho de experiência, viagens, aprendizagem de uma nova língua, assim como todos os privilégios de moradia, colégio, saúde etc., inclusive para sua família.

Em face desses sentidos paradoxais, perguntamo-nos por que, no registro manifesto, expatriado tem um sentido e, no sentido latente, arrasta uma conotação contrária, que remete a expulsão e repulsa? Estará isto relacionado com o fato de ser o expatriado aquele sujeito que assinala a diferença, por ter uma posição de estrangeiro? Talvez nos encontremos frente à dificuldade para aceitar o alheio, o diferente, o outro com alteridade radical que não consegue ser anulada nem negada. Aquele estrangeiro que é trazido pela empresa em função da falta de mão de obra especializada no país estará trazendo um significado ameaçador para os

trabalhadores que habitam esse lugar? Será por isso que se insiste em chamá-lo, quase que o expulsando, de expatriado? Estaremos diante de uma forma de mostrar a repulsa quanto às diferenças que o estrangeiro traz, ao aparecer como aquele radicalmente diferente, em sua alteridade?

Muitas são as interrogações que essas discussões despertam para a pesquisa.

1.3. OBJETIVOS DA PESQUISA

Pretendemos, como objetivo geral, refletir criticamente sobre os processos psíquicos intersubjetivos vinculares vividos pelos sujeitos, nos processos migratórios de expatriação, à luz da Psicanálise das Configurações Vinculares.

Como objetivos específicos, colocamos:

1. Delimitar as marcas intersubjetivas vinculares que as culturas deixam nos sujeitos e seus vínculos, partindo do pressuposto de que toda mudança cultural impacta na família, tensionando os vínculos familiares. Ou seja, a pergunta seria: como as mudanças culturais afetam o sujeito vincular?
2. No dispositivo vincular familiar, procuramos pesquisar em que medida a estrutura familiar inconsciente se modifica, no processo de expatriação.
3. Em decorrência do espaço criado para escutar aos expatriados e suas famílias sobre o processo de expatriação, esta investigação aprofunda o conceito de interculturalidade e suas diversas apropriações.

1.4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A justificativa para o presente trabalho centra-se em pensar processos subjetivos contemporâneos, em geral, que a população dos expatriados explicita, de forma mais clara. Trata-se de um trabalho que abrange mais do que os sujeitos participantes da amostra, já que problematiza e lança luz sobre processos atuais pelos quais todos os sujeitos do século XXI, atravessado pelo capitalismo e a globalização, são afetados, além e aquém da população dos

expatriados em si. Os expatriados servem, no presente estudo, como lente de aumento, ao mostrar sujeitos que são mais afetados e ficam mais expostos ao mundo globalizado, como uma imagem aumentada do sujeito contemporâneo. Sabemos que essa situação e forma de trânsito pela contemporaneidade e a globalização afetam a todos os sujeitos dos tempos atuais. Por todo o mencionado anteriormente, este estudo resulta de suma importância, ao trazer luz sobre o mundo contemporâneo globalizado e como os sujeitos que o habitam se veem afetados por esse contexto cultural específico.

1.5. HIPÓTESE

Ao longo do presente trabalho, tratarei de discutir algumas hipóteses que surgem como perguntas, inquietações e reflexões a serem respondidas através da análise do material recolhido dos sujeitos expatriados, com base nos aportes teóricos achados sobre a temática. Anos de trabalho sobre o tema fazem acender em mim interrogantes, as quais gostaria de tentar responder na ocasião.

1. O momento da mudança temporária pode ser vivido pelos sujeitos: como um momento de abertura ao novo, como um acordar a novidade que se abre frente a culturas diversas das da cultura de origem, como espaço de criação e ampliação da subjetividade e os vínculos dos sujeitos expatriados, abrindo o leque de oportunidades e escolhas subjetivas às quais os expatriados se veem expostos, conseguindo fazer bom uso das mesmas. Ou a experiência de expatriação pode aparecer privilegiando a situação de perda pelo contexto cultural conhecido do país de origem; trabalho de elaboração do luto que pode se estender no tempo, resultando em uma situação que se eterniza sem ser tramitada. Não se gerarão transformações e os vínculos só estão destinados a restituir aquilo que é impossível de ser reparado. Outra opção de busca de tramitação da situação poderia ser que os sujeitos tentem transpor os limites de uma cultura na outra, sustentando a fantasia que a cultura de origem possa ser transferida e transladada à cultura do país de expatriação. Seria uma busca contínua, por achar as variáveis culturais de um país no outro. Dessa forma, seria armada uma situação intersubjetiva de não saída do país de origem, para evitar a perda que implicaria tal deslocamento. As duas opções mencionadas estariam desenhando diferentes modos de elaboração das mudanças, um em formato de crescimento subjetivo vincular, através

da tramitação do luto, e outro como uma detenção no tempo do processo de luto que não pode ser elaborado, permanecendo como experiência não trabalhada e tramitada internamente.

2. Por meio dos processos internos que os sujeitos expatriados vivem, visualizamos a possibilidade de serem armados de uma estrutura subjetiva vincular, que chamamos como intercultural. Só aqueles sujeitos capazes de tramitar o abandono subjetivo dos parâmetros da cultura de origem poderão ter uma abertura interna e vincular, para acrescentar a novidade que surja no transcurso. Dessa maneira, estruturariam um modo intersubjetivo de ser: intercultural. Só abandonando internamente os espaços conhecidos é que se faz espaço para a criação de espaços múltiplos de interação e integração, em que as diferentes culturas possam conversar e armar estruturas criativas e novas. A interculturalidade se constrói, como uma colcha de retalhos, a partir da qual os sujeitos em vínculos se permitem fazer escolhas peculiares de integração e transformação cultural.

Se os sujeitos não conseguiram elaborar o luto e abandonar os parâmetros do contexto da cultura de origem, não poderão construir esse armado novo intercultural, já que permanecerão amarrados à cultura de origem e criação, e não construirão espaços livres que permitam fazer outras escolhas culturais integradas a eles mesmos. Talvez esse seja um formato de resistência, em face de situação de mudança.

3. Outro elemento que surge como questão é a forma de conhecer e reproduzir a língua estrangeira diferente da língua materna. Questionamo-nos em que medida a língua estrangeira pode surgir como uma opção de comunicação e transmissão de ideias; ou como um obstáculo que impeça se abrir ao meio externo. Em uma opção, os sujeitos permaneceriam fechados frente aos outros, aos estrangeiros; na outra opção, eles se abririam ao conhecimento de novas opções linguísticas para se comunicar com outros diferentes, propiciando um crescimento intersubjetivo intercultural.
4. A pergunta que se abre é quais das hipóteses mencionadas podem ser respondidas a partir do material colhido de expatriados, vindos ao país faz pouco tempo, já que são recém-chegados. Esse período de tempo permitiria obter indícios para responder sobre as mudanças citadas anteriormente? Talvez algumas hipóteses precisariam de experiências de expatriação mais prolongadas no tempo? A mudança cultural impacta a família e os vínculos; mas a pergunta que surge é sobre as diferenças do impacto entre os primeiros momentos de exposição a uma nova cultura e a permanência no tempo de interação com a nova cultura.

1.6. NA BUSCA DOS TRAÇOS MIGRATÓRIOS EM SIGMUND FREUD

Em forma paralela ao começo da elaboração da pesquisa, tive a oportunidade de viajar a Viena, onde fui a conhecer a casa que Freud teve que abandonar, diante do exílio londrinense. Na procura por material bibliográfico sobre o tema da presente tese, descubro, no Museu de Freud, naquela cidade, uma carta que o criador da Psicanálise escreve para um colega suíço, na qual menciona a “dor frente à perda da língua materna”. Gravo a data e a quem está endereçada a epístola para continuar minha procura no Brasil, achando que isso seria uma tarefa fácil de desenvolver.

Ao não encontrar rastro da missiva, nas obras completas, escrevo para o museu pedindo ajuda; lá dizem que essa carta não existe, que só acham uma carta de condolências a Anna Freud, datada em 1939, e aconselham a continuar a procura no Museu de Freud, em Londres.

Escrevo para Londres e localizo o assistente do curador, Bryony Davies, que consegue entender qual é o eixo de minha pesquisa e acrescenta dados importantes. Menciona um encontro intitulado *A infância perdida e a língua do exílio*, que aconteceu no Museu, em 2001, sobre o qual há um livro impresso; assim como uma exibição de fotos em 2010, com o título *Terra Prometida: O Exílio de Freud*. Pela possibilidade de aceder a um material impresso, ligo para o Museu e, na compra do livro, tenho a grata surpresa de saber que a atendente é brasileira, fala português comigo e entende sobre o tema. Trata-se de Francis Rita Apsan, que é a bibliotecária de fotos e gerente de loja do Museu. Ela procurará pela dita carta de 1938 de Freud a Saussure.

Para minha agradável surpresa, recebo um *e-mail* de Rita Apsan, contando que o original da carta de 11 de junho de 1938, ao psicanalista suíço Raymond de Saussure, está na biblioteca do Congresso, em Washington; mas a frase onde ele alude à perda da língua materna está citada no *Diário de Sigmund Freud, 1929 – 1939 - Crônicas Breves*, traduzido para o português por ela mesma. Procuo pelas cartas na biblioteca do Congresso em Washington. As cartas são em alemão e, por um acordo com a família Freud, só serão apresentadas ao público em 2100, visto que as mesmas incluem a autoanálise de Freud por carta com Fliess. Acredito, por conseguinte, que a família, eticamente, exige o segredo para abri-las ao público.

Essa procura levou um bom tempo, mas acabou resultando na recolha de um rico material que o criador da Psicanálise pôs em palavras, quando tentava dar conta de sua situação no exílio forçado, pela Segunda Guerra Mundial, em Londres. O ditado popular diz que “todos os caminhos levam a Roma”, mas, na pesquisa, muitas vezes procuramos às cegas algum traço que dê conta de nossas inquietações. Grande é a surpresa e a alegria, quando esses dados se clarificam e chegamos a um achado tão prodigioso quanto esse. Mais adiante, abordaremos a carta antes mencionada.

Muitas portas se abrem para continuar pensando em tantos temas e dados achados.

Gostaria de concluir esta introdução, aludindo à canção citada no início, do uruguaio Jorge Drexler, na qual descreve a terra natal, Uruguai, país com o nome de um rio, o rio Uruguai, rio que traz a ideia de um devir constante, no fluir das águas que não voltarão ao mesmo lugar. Também o autor consegue pôr em palavras os sentimentos que o migrar suscita nas pessoas. Sobrevém o sentimento de perda, raiva, dor, abandono, saudade, decepção. Indica uma direção no olhar para fora do país, para outras terras e não para a terra natal. E escolhe o aeroporto como lugar que condensa e simboliza partidas e reencontros, mas que indica um trânsito de um ir e vir, e não uma situação de estabilidade. O autor parece estar tentando elaborar o conflito que surge, frente ao migrar e fixar raízes em terras alheias à de nascença, através da composição. Cabe salientar que o autor migrou para Espanha, onde reside atualmente, e que a terra natal dele é a mesma que a da pesquisadora que escreve esta tese: Uruguai.

2. GLOBALIZAÇÃO, CULTURA, FRONTEIRA

Para mim, a terra natal não é exatamente o lugar onde nossos mortos estão enterrados; é o lugar onde temos as nossas raízes, onde possuímos nossa casa, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que todos desejamos, no fundo do nosso coração: sermos reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta. (LENZ, 1985 apud SANTOS, 2007, p. 83)¹

2.1. APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO

No presente capítulo, aprofundaremos certos conceitos teóricos que permitam descrever o contexto atual que funciona como pano de fundo dos expatriados os quais serão sujeitos desta pesquisa. Os autores a que nos referiremos provêm de diferentes ciências sociais e fazem uma leitura peculiar sobre os mesmos. Ao definir o século XXI, precisaremos do auxílio de autores alheios à psicanálise que tragam luz a esses conceitos. Em capítulos posteriores, voltaremos a nos remeter à psicanálise, que habilita uma compreensão do sujeito e seus vínculos.

Quando pensamos no século XXI, a palavra que circula é "globalização". O termo tem sido abordado pela economia, sociologia, direito, ciências sociais, antropologia, entre outras. Dito conceito parece tentar descrever um mundo homogêneo, no qual as diferenças, as fronteiras e as nações parecem estar amalgamadas em uma ideia só, o que resumiria esse conceito. Trata-se de uma apreciação controvertida, já que se, por um lado, a ideia aponta a homogeneização de um mundo como um todo, por outro lado, as divergências aparecem como inegáveis e impossíveis de anular ou apagar.

Boaventura de Sousa Santos, doutor em sociologia do direito (2005, p.11), ressalta, no livro *A globalização e as ciências sociais*:

As interações econômicas, sociais, políticas e culturais intensificaram-se extraordinariamente nas três últimas décadas, um fenômeno que ficou conhecido pelo nome genérico de globalização. Trata-se de um processo complexo que atravessa as mais diversas áreas da vida social, da globalização dos sistemas produtivos e financeiros à revolução nas tecnologias e práticas de informação e de comunicação, da erosão do Estado nacional e redescoberta da sociedade civil ao aumento exponencial das desigualdades sociais, das grandes movimentações transfronteiriças de pessoas como emigrantes, turistas ou refugiados, ao protagonismo das empresas multinacionais e das instituições financeiras

¹ LENZ, Siegfried. **The Heritage**. New York: Hill Wang, 1985.

multilaterais, das novas práticas culturais e identitárias aos estilos de consumo globalizado. Esta diversidade faz com que o impacto nas estruturas e práticas nacionais e locais, aparentemente monolítico, seja, de facto, muito contraditório e heterogêneo, já que, em cada uma das áreas da vida social, é o produto de uma negociação conflitual e de resultados relativamente indeterminados entre o que é concebido como local ou endógeno e o que é concebido como global ou exógeno, entre rupturas e continuidades, entre novos riscos e velhas seguranças, entre mal-estares conhecidos e mal-estares desconhecidos, entre emergências e inércias. (2005:11) [...] Identifico quatro modos de produção de globalização, o que me permite concluir que, em rigor, não há globalização e sim globalizações. Defendo que nos encontramos num período de transição e proponho uma teoria do sistema mundial em transição. (2005, p. 15).

Vemos como o autor, ao definir a globalização, nos chama a atenção sobre uma zona de conflito entre o local e o global; pareceria estar descrevendo um processo em movimento que está se conformando e modificando constantemente. Também considera o termo no plural, mostrando como há várias formas de se dar a conhecer o processo “das globalizações”. Desmente, dessa forma, aquela ideia de conformação do mundo como um todo homogêneo, assim como do apagamento das fronteiras e das culturas locais em favor de uma cultura globalizada.

Giddens (1990, p. 64), nos primeiros estudos feitos sobre o conceito de globalização, define-o como “[...] a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice versa”. Constatamos como essa ideia é tomada em consideração e ainda persiste, vinte e cinco anos depois, nos estudos posteriores.

O grupo de Lisboa, de Sousa Santos e colaboradores, por outra parte, pensa a globalização como o fim das organizações nacionais.

A partir do conflito iniciado no processo de globalização entre o global e o local, o processo leva a procurar um consenso que habilite uma forma de conceber o mundo como dentro “das globalizações”. Em função do conflito e da luta de interesses, geralmente são as culturas hegemônicas as que predominam majoritariamente frente às nacionais, deixando de lado as culturas locais e minoritárias, criando um mundo que pode ser dividido entre os incluídos e os excluídos. Se, por um lado, a globalização pode ser pensada como a uniformização social, econômica e cultural, pelo contrário, Boaventura de Sousa Santos enfatiza que o processo tem agudizado as hierarquias e as desigualdades, estabelecendo espaços bem claros para aqueles que ele chama de ganhadores e perdedores.

O sistema mundial globalizado, tal como frisa o autor, apresenta-se em transição: transição no social, onde se configuram diferentes hierarquias e desigualdades; transição organizacional ou institucional, com novas combinatórias e formatos institucionais; e transição na área dos conflitos políticos e sociais. Esse novo conceito das globalizações deve dar conta da pluralidade e da contradição, ao mesmo tempo em que, dessa forma, estaria se excluindo de abstrações redutoras e incluindo-se na transição antes assinalada. Esse sistema mundial em transição é problemático e se define pela “ordem da desordem” (SOUSA SANTOS, 2005, p. 89). Esse processo também pode ser chamado de “localismo globalizado” (p.65), dentro do qual se aceita a inclusão das diferenças e a universalização do local, diverso, antes excluído. Implica o global que acontece localmente.

As empresas multinacionais são as maiores representantes do processo antes descrito, uma vez que são as organizações dominantes que reproduzem, disseminam e trabalham, dentro do capitalismo liberal globalizado, o processo “das globalizações”. Os sujeitos que a presente pesquisa pretende estudar fazem parte, como funcionários, dessas empresas multinacionais.

Os autores mencionam duas formas de expressão do fenômeno: por um lado, a globalização econômica e, por outro, a globalização cultural, constituindo dois modos de expressão do mesmo processo.

Para caracterizar as mudanças do tempo presente, podemos pensá-las como aquelas que apagam as culturas locais, deixando-as em risco, ou como um processo de criação e uniformização que inclui a diversidade. As considerações dão conta do caleidoscópio inaugurado no momento de descrever um processo que está em movimento e se modificando constantemente.

Sousa Santos (2005, p. 85), ao tentar descrever os graus de intensidade da globalização, assinala:

Definimos globalização como conjuntos de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais, sejam elas práticas interestatais, práticas capitalistas globais ou práticas sociais e culturais transnacionais [...] A desterritorialização, desvinculação local e transformação expansiva, por um lado, e a reterritorialização, revinculação local e transformação desintegradora e retrativa, por outro, são as duas faces da mesma moeda, a globalização. (p. 86) [Termina o texto asseverando que] o processo de globalização pode assim ser visto, quer como altamente destrutivo de equilíbrios e identidades insubstituíveis, quer como a inauguração de uma nova era de solidariedades global ou até mesmo cósmica. (p. 93).

O geógrafo Milton Santos (2007) afirma que as pessoas são levadas a fazer coisas, dentro de uma região, que vêm de demandas externas, fixadas de forma remota em outros territórios. A linguagem regional constitui um mundo de símbolos apropriados para juntar e construir uma nova territorialidade, a qual se estrutura na união que os indivíduos geram, ao sentir seu território. Descreve desta maneira a mobilidade social atrelada ao territorial:

Vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se defrontar com uma outra. O fato de que, como homem, viva um permanente processo de mudança e de adaptação é que vai permitir aos recém-chegados participarem como atores, e não apenas passivamente, do seu novo quadro de vida, graças às novas incitações e às suas capacidades e ao seu gênio criativo. A desculturização é perda, mas também doação. O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida. (SANTOS, 2007, p.83).

O autor sugere que os sujeitos transformem as lembranças dos antigos lugares de moradia em um novo sentido, como forma de criar e partilhar com aqueles próximos no novo território, uma nova significação que humanize os relacionamentos.

Dante Moreira Leite, psicólogo social brasileiro, no livro *O caráter nacional brasileiro*, de 1954, pensa sobre o encontro entre povos diferentes e como uns costumes podem ser submetidos ao consenso em função do abandono dos anteriores, tomando para si os costumes emprestados dos povos estrangeiros com os quais começam a interagir. Descreve assim:

Um mundo essencialmente cosmopolita, onde as distâncias se tornam cada vez menores, e onde o conhecimento do estranho e do diferente parece uma forma de ilustração pessoal e amadurecimento. Além disso, poder-se-ia sugerir que, num mundo em rápida transformação, o homem perdeu a possibilidade de realmente viver na sua terra natal, ou a esta retornar, pois a cidade em que nasceu se transforma a cada dia que passa, e todos sabemos que o amanhã não será igual ao ontem. (LEITE, 1954, p.14).

Mostra como o cosmopolitismo já era um valor apreciado a partir da época grega ou romana, no qual viajar era visto como o enriquecimento dos povos. Pensa que a maior criatividade no desenvolvimento da civilização foi quando, a partir das conquistas, os povos se abriam à diversidade de outros povos, aceitando o antagonismo de opiniões e alargando o conhecimento. Esse autor não menciona o conceito de globalização, visto que escreveu em outra época, mas vemos como está se aproximando do mesmo, quando pensa na junção dos

povos. Amplia nosso saber, quando anuncia que já na época antiga começava o processo de integração do mundo.

Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (2007) concebem a globalização como uma palavra que indica um problema, evidenciando uma nova realidade do mundo, um novo processo de desenvolvimento regido pelo que eles chamam de “interdependências planetárias”; isso incluiria tanto a abrangência de todas as realidades quanto as disparidades dentro do sistema mundial, constituindo um processo que leva em direção à internacionalização e mundialização. O mesmo se baseia em uma complementação daquelas características que unem e homologam, assim como daquelas que diferenciam e caracterizam, desenhando um novo caleidoscópio de complexos campos de ação do que conhecemos como mundo.

2.2. CULTURA: DIFERENTES ACEPÇÕES, DIFERENTES AUTORES, UM PATRIMÔNIO EM COMUM

Agora, procuraremos nos aproximar das diversas formas como os autores descrevem o conceito de cultura.

Dante Moreira Leite (1954, p.38) salienta que,

[...] na antropologia do século XX, o conceito de cultura substitui o de raça, para dar conta das diferenças entre povos. A distinção entre esses conceitos não deve ser esquecida, pois divide a antropologia atual da que nos foi transmitida pelo século XIX: raça é conceito biológico e, portanto, hereditário; cultura é conceito social, supondo-se que, ao contrário do que ocorre com a herança biológica, possa ser transmitida pelas várias formas de experiência e aprendizagem, bem como transformada pelos homens.

O autor nos abre um leque sobre as concepções antropológicas de cultura do século XIX e XX, entre a biologia e o social. Todavia, resume sua ideia de cultura como maneira de viver em grupo e como sistema de normas e relações que oferecem padrões de comportamento, estabelecendo assim uma relação de dupla via entre indivíduo e grupo. Por outro lado, atrela educação, personalidade e cultura, na seguinte definição:

Embora se admita que as características psicológicas resultem da educação, admite-se que esta resulta da cultura, num longo processo de decantação histórica. E a História não pode ser mudada: a cultura determina um certo tipo de personalidade, e este se perpetua através de práticas culturais. (1954, p.124).

Vemos como ele apresenta os conceitos de personalidade, educação, cultura e história, em intensa relação e interdependência.

Por outro lado o geógrafo brasileiro Milton Santos (2007), no livro *O espaço do cidadão*, associa o conceito de cultura ao de cidadania e de territorialidade. Define da seguinte forma:

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento. (SANTOS, 2007, p.81).

O autor alude, assim, a um homem pensado como ser particular para si mesmo, conjuntamente com o ser social que se doa para seu tempo. Nesse sentido, estaria definindo uma dupla pertença do sujeito ao individual e ao social. Nenhum dos dois conceitos pode ser suspenso, mas prevaleceria o humano-genérico, quando se alcança uma nova concepção de mundo. Talvez possamos considerar que o tempo presente, no qual se procura uma definição de globalização, estaria constituindo um tempo de suspensão do individual para conseguir chegar a uma definição geral de mundo e do social.

Nestor Garcia Canclini (2004) procura explicitar os vários sentidos que o termo "cultura" tem, partindo do mais simples até o mais elaborado. Um primeiro sentido implica o uso cotidiano da palavra, que se homologa a educação, cultura como conjunto de conhecimentos e aptidões intelectuais. Um segundo sentido separa cultura-natureza e cultura-sociedade, remetendo natureza ao biológico e tendo sociedade como valor de uso e mudança, mas frente aos quais seria a cultura aquela que aportaria significação desses processos. Desse modo, chega a uma definição operativa: “[...] a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2004, p.34, tradução nossa). O autor visualiza a cultura como processos sociais que produzem, circulam e se consomem na história social. Mostra um conceito em movimento e mudança a partir do qual frisa que todos, ao nos relacionarmos com outros, aprendemos a ser interculturais. Pensa o processo cultural como um conjunto de significados em transformação, os quais se inserem em novas relações sociais e simbólicas. Apela a uma definição sociossemiótica da cultura, que inclui a produção, a circulação e o consumo de significações dentro da vida social, inserindo a cultura dentro da sociedade.

Garcia Canclini (2004) menciona quatro vertentes contemporâneas para pensar a cultura. Primeiro, aquela tendência que vê a cultura como instância na qual cada grupo organiza sua identidade, mas elaborada e reelaborada em um sentido intercultural, transpassando fronteiras e abastecendo de repertórios culturais diversos. Chama a isso de “configuração transversal de sentido” (p.35), já que torna mais complexo cada sistema simbólico e no qual se analisam as formas de interação e rejeição a outros diferentes, para construir a identidade coletiva cultural. Uma segunda vertente pensa a cultura como uma instância simbólica de produção e reprodução da sociedade, como um elemento constitutivo das interações corriqueiras entre o material e o simbólico e entre a cultura e a sociedade. Foca nas pesquisas de Pierre Bourdieu sobre cultura como espaço de reprodução social e organização de diferenças, baseados na relação da ordem social e as práticas dos sujeitos que se estruturam em um grupo de hábitos que decorrem dos tempos da infância. Dessa forma, os hábitos criam uma ordem para as práticas das pessoas e seu grupo, o que garante uma coerência social. A consciência do espaço social que cada sujeito ocupa se baseia na incorporação da ordem social de maneira inconsciente, inscrevendo-se no corpo, no tempo e no espaço. Uma terceira linha descreve “[...] a cultura como uma instância de conformação do consenso e da hegemonia, ou seja, de configuração da cultura política e também da legitimidade” (p.37). Nessa perspectiva, a cultura é o cenário no qual adquirem sentido as mudanças e o poder com suas lutas; como forma de autorrepresentação e de representação dos outros em relações de diferença e desigualdade. A quarta linha é a que nomeia “[...] a cultura como dramatização eufemística dos conflitos sociais” (p.38). Tenta demonstrar, assim, como tudo o que se apresenta na cultura é uma dramatização simbólica do que ocorre no social, forma de nos contar o que está acontecendo entre os integrantes dessa sociedade.

O autor afirma que as mudanças produzidas pela globalização implicam uma cultura que dê conta da significação da vida social, evitando dualismos e abarcando a diferença e a interação entre culturas; e transcende o nacional e étnico, para se constituir em relações interculturais. Pensa “o cultural” para incluir os contrastes dentro de uma articulação histórica que inclui as fronteiras da diferença. “O cultural” se apresenta como colisão de significados nas fronteiras, intersecção entre redes de relatos frágeis locais e públicos, nas práticas sociais correntes, dentro do intercultural. Baseia-se na articulação “[...] das diferenças, desigualdades, procedimentos de inclusão-exclusão e as formas atuais de exploração” (p. 43).

Boaventura de Sousa Santos (2005) define a cultura como um processo social construído no cruzamento entre o universal e o particular. Situa o cultural em um campo de aprimoramento

entre as diferenças, os contrastes e as comparações, até chegar a descrevê-lo como “[...] a luta contra a uniformidade”. Vincula o conceito de cultura ao de fronteira, do qual daremos conta, mas adiante.

O sociólogo nomeia uma nova forma cultural que surge e a caracteriza como “cultura transnacional”, na qual não ganham muita relevância as culturas nacionais, porque a cultura transnacional circula pelo mundo de forma desenraizada, sem se ancorar em nenhuma terra, em específico.

Cabe-nos perguntar se esta não seria a cultura que explicaria uma nova criação que se assemelharia à cultura que os expatriados geram, no ir e vir de cada país de expatriação. Buscaremos nos casos clínicos ter alguma luz sobre a interrogação lançada.

Sousa Santos (2005) delimita as formas culturais que têm surgido nas últimas décadas como “cultura transnacional”, portando origens nacionais que têm pouco impacto, já que circulam pelo mundo como culturas desenraizadas, nas quais o universal parece ter mais implicação. Descreve, assim, uma cultura que nomeia como multicultural, pois se constitui amplamente inserida no contexto. O “multiculturalismo emancipatório” implica uma construção entre culturas que se respeitam e partilham, sob o que ele chama de pauta transcultural, pela qual “[...] temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (SOUSA SANTOS, 2005, p.75).

2.3. FRONTEIRA: TERRITÓRIO OU CULTURA?

O conceito de fronteira tem-se modificado: no início, era patrimônio único das ciências geográficas, mas, a partir de internacionalização do mundo e dos intercâmbios planetários, fronteira começa a aparecer como um termo rico, que aceita e inclui o igual e o diferente, permitindo um trânsito dos sujeitos e dos significados criados dentro da cultura.

Sousa Santos (2008, p.155), no livro *Pela mão de Alice*, afirma:

A forma cultural da fronteira apresenta ainda uma outra característica: a dramatização e a carnavalização das formas. Dado o carácter babélico, assíncrone e superficial das incorporações e das apropriações forâneas, a construção fronteiriça tende a identificar-se, nessas incorporações e apropriações, com as formas mais do que com os conteúdos dos produtos culturais incorporados. O contexto global que dá lugar ao regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível [...] aos ventos. É uma porta de

vaivém, e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada. A riqueza está, acima de tudo, na disponibilidade multicultural da zona fronteiriça.

Conclui que a zona fronteiriça se apresenta como metáfora que ajuda a mudar o social e político: “[...] a zona fronteiriça, tal como a descoberta, é uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas. E não esqueçamos que a metáfora é o forte da cultura de fronteira e o forte de nossa língua” (2008, p. 155).

O termo "fronteira" é tomado mais como um conceito com ampla significação e não como limite intransponível, mas como linha a ser atravessada em várias direções para providenciar novos sentidos, em uma cultura mais aberta e propensa a mudanças.

Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (2005) nos relatam como, com base nas mudanças nos espaços público e privado, se gera uma incessante procura de novas seguranças, instaurando a criação de zonas de intermediação, nas quais se entrecruzam a cultura local e a globalizada, suscitando também novos espaços de entrecruze relacional. Vemos como, a partir da perda de certas pertenças, surgem outras, modificadas. Também enfatizam que “[...] o que essa busca revela é um modo de viver "em fronteira", sempre num "outro espaço" interpelante, que por isso, tem que ser reconstruído nos seus significados para fazer e dar sentido à vida que nele se vive” (FORTUNA; SILVA, 2005, p.461). Essas novas áreas de cruzamento permitem a criação de modificações culturais que implicam compartilhar a diversidade, dado que todos os atores incluídos se acham nos entrecruzes.

Fruto dos novos desenhos culturais, surgem os sujeitos que os autores chamam de “profissionais globais”, os quais têm a suas referências desterritorializadas, ou seja, que têm perdido as referências locais, para se inserir em um novo formato, denominado “culturas híbridas”, compostas por variados aportes de culturas locais, nacionais, globalizadas, urbanas, rurais etc. Sabemos que essas culturas precisam de novos códigos de releitura das mesmas e de ressignificação do crisol de novos conteúdos amalgamados nessas novas construções sociais e culturais.

António Sousa Ribeiro (2005, p.480) trabalha sobre o conceito de limites e fronteiras e assinala que

[...] a abolição de fronteiras é concomitante com o deslocamento e a redefinição das fronteiras. Os processos de globalização só podem produzir uniformidade se produzirem, ao mesmo tempo, diferença; assim, a superação das fronteiras faz-se, inevitavelmente, através da produção de fronteiras. [...] Construir o Outro, nesta

acepção, implica construir a fronteira que dele me separa — a fronteira começa por ser antes do mais a linha imaginária sobre a qual se projecta a noção de diferença e a partir da qual se torna possível a afirmação da identidade. (p.481).

Vemos como o conceito de cultura está se modificando, em estreito contato com o conceito de fronteira, já que a globalização não elimina as fronteiras, mas as modifica e desarticula, criando novas interações culturais.

O mesmo autor nomeia esse processo como “mestiçagem” e aponta para o fato de que essas novas culturas estão sendo construídas na fronteira, incluindo diversos modos de conviver no mundo. Torna-se assim a fronteira um lugar de comunicação e encontro, o qual tolera as diferenças, ideias em conflito e contradições em interação, bem como ideias em comum.

Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (2005) apropriam-se da noção de “terceiras culturas” usada por Mike Featherstone, como um terreno transnacional onde acontecem a negociação e a resolução das dificuldades que apareceram com a globalização e os relacionamentos interculturais. Aqueles sujeitos que fazem parte das terceiras culturas têm competências profissionais que lhes possibilitam viver entre culturas, fazendo-se partícipes desses lugares de desvinculação e desterritorialização. Os mesmos afastam os elementos que outorgam as culturas locais, conseguindo se estruturar com uma relativa independência, carregando suas próprias identidades que os definem como participantes desse grupo cultural. Assim, vemos como a cultura global, por um lado, traz homogeneização das pessoas, mas, por outro lado, em vista da diversidade cultural, promove a qualidade cosmopolita. O global parece ter supremacia frente ao local, de sorte a permitir a esses sujeitos das terceiras culturas o trânsito por vários territórios portando sua própria cultura, o que os coloca em um espaço alheio às culturas dos sujeitos nos países pelos quais eles transitam.

Os autores compartilham a ideia de Souza Santos (2005) quando descreve uma luta de poder entre as culturas hegemônicas e cosmopolitas e as contra-hegemônicas que caracterizam o local. Só através desses conflitos é que vão surgir outros conceitos culturais que possam dialogar e dar conta de todos os elementos que os compõem. Também, pensam que os meios tecnológicos de comunicação possam ser um recurso de intermediação entre culturas habilitando um diálogo e conciliação, na criação de uma nova cultura que abarque a todas que dela fazem parte.

Garcia Canclini, (2012), no livro *Culturas híbridas*, nomeia o processo de mestiçagem como “hibridização”, assinalando-o como espaço que ajuda a dar conta do conflito gerado na interculturalidade, incluindo dessa forma tanto as formas de junção como as de contradição, as quais aparecem como decisivas, no momento de dar conta dela. Entende hibridização como “[...] processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam em forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (GARCIA CANCLINI, 2012, p.14, tradução nossa). Desse modo, explicita um processo de mistura de culturas, com a consequente produtividade e geração de inovação que esse processo gera. A hibridização interessa tanto à cultura hegemônica quanto à popular, e acaba como fator que relativiza a noção de identidade nacional, porque cai por terra a ideia de identidades “puras” ou “autênticas”. Desenha-se assim um percurso que transita do conceito de identidade ao de heterogeneidade e “hibridização intercultural”. Canclini (2012, p. p.18) ressalta que, “[...] em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) reestruturam-se em meio de conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais.” Dessa forma, propõe um estudo de processos culturais que ajude a conhecer as novas formas de heterogeneidade que formam as hibridizações e que implicam a interpretação de relações de sentido, as quais passam a reconstruir as misturas.

O autor nos alerta sobre o risco de que, na fusão das culturas, as contradições e rupturas fiquem por fora. Também assinala como as misturas interculturais só são produtivas e inovadoras, quando geram conflito, já que incluem os elementos incompatíveis e inconciliáveis conjuntamente com aquilo que os reúne. Assim, desenha um processo no qual se pode entrar e ter acesso e do qual se pode sair, mas ficando fora. Os sujeitos dentro desse processo poderiam ser excluídos ou subordinados. Porém, marcam-se diversas posições que habilitam a criação de diferentes formatos de hibridização.

Gostaríamos de focar aqui a possibilidade de inovação e criação que o processo traz e como gera diversas possibilidades de conformação e estruturação, dentro das relações interculturais. Começamos a vislumbrar a interculturalidade como um espaço de encontro e criação de variadas possibilidades e opções para o sujeito contemporâneo.

Garcia Canclini (2004) continua nos descrevendo um sujeito que oscila entre a identidade de origem e a identidade de destino, levando o migrante a falar com espontaneidade, a partir de vários lugares, sem misturá-los. Nesse sentido, o sujeito aceita fluir de um discurso cultural ao

outro, acolhendo sair do foco histórico de sua cultura de origem para abrigar e sustentar vários papéis que, de outro modo, seriam vistos como incompatíveis e inconciliáveis. Junta-se, assim, a fusão com a confrontação, as disparidades com o diálogo; movimento de ir e vir que ajuda a tolerar diferenças, ligar os elementos em comum, elaborando os conflitos que acabam em variadas e diversas formas de estruturação da hibridização. Revela-se uma forma de pensar a hibridização que não se afaste da consciência crítica que aceita seus limites, fazendo um lugar para aquilo que não se deixa, que não quer ou não pode ser hibridado. Delineia

[...] as múltiplas pertencas dos sujeitos em tempos de migrações massivas e o fácil acesso a sinais de identificação a muitas sociedades. Porém, milhões de pessoas não são já sujeitos do tempo completo de uma cultura só, e devemos admitir que a versatilidade das identificações e as formas de tomar posição requerem metodologias híbridas. (2004, p. 151, tradução nossa).

Os meios de comunicação e as possibilidades para se deslocar no mundo aumentaram as migrações, a aceitação de hábitos culturais diversos e a difusão de crenças e rituais de várias culturas. As fronteiras rígidas dos tempos passados têm se transformado em maleáveis e confirmam, assim, poucas culturas que possam ser descritas como unidades fixas em territórios estabelecidos e imutáveis. Contudo, a globalização também tem gerado segregações e desigualdades, entre as diversas culturas.

O autor nos adverte que, quando se descreve a teoria da hibridização, deve-se ter em conta os movimentos que resistem e criam uma cisão das mudanças, incluindo dentro do processo todo tanto os movimentos que integram como aqueles que rechaçam as modificações. Apresenta-se receoso de pensar nas generalizações, já que a fluidez das comunicações aproxima culturas e seus produtos, mas não implica uma aceitação tácita de todas as características que cada cultura traz. Dessa forma, estaríamos a salvo das generalizações que obstruem as diferenças, respeitando na mestiçagem aquilo que é deixado fora, por ser um conteúdo resistido que permanece e coexiste nas intersecções como diferente e diverso. Propõe, dessa maneira, não ficar preso à lógica da homogeneização e da globalização dirigida pelos mercados financeiros que gerenciam o capital dominante. Através dessa postura, pretende que não se empobrecam os movimentos de interculturalização, afastando a possibilidade de imposição de uma lógica única do capital. Afirma que pensa a hibridização como uma tradução de todas as misturas possíveis dentre as culturas em situação de mestiçagem.

Por último, nomeia a arte como uma forma de aproximação ao processo de hibridização, constituindo-se também como um campo instável, conflitivo, de tradução e “traição”, de linguagem e vertigem, ao mesmo tempo.

Apoiando essa ideia da arte como aquela que consegue abrir sentidos e significações, gostaríamos de voltar ao texto do início do capítulo, no qual Siegfried Lenz (1985) nos inquire sobre aquele espaço no mundo em que o sujeito se sente “em casa”; descarta a terra de nascença, onde estão as raízes, e salienta a importância de se sentir reconhecido e pertencente a esse lugar investido subjetivamente pelos outros, que, na intersubjetividade e em vínculo, o reconhecem e o assinalam como sujeito que faz parte desse determinado espaço e lugar. Seriam, por conseguinte, os outros que inscrevem o sujeito, inserindo-o nos laços sociais como pertencente a um social que o estrutura e constitui.

3. MIGRAÇÕES

E Moisés disse ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o Senhor vos tirou daqui; portanto não comereis pão levedado.

Hoje, no mês de Abibe, vós saís.

(BÍBLIA Online, *Êxodo* 13:3-4).

Desde os tempos imemoriais, o homem tem migrado na busca de mudanças e de transformações. As migrações do sujeito contemporâneo não desenham um processo novo, mas tentaremos caracterizar as migrações contemporâneas do século XXI, visto que o formato tem-se modificado, ao longo do tempo.

Na consulta ao dicionário *Aurélio*, migrações são definidas como “[...] passagem de um país para outro (falando-se de um povo ou quantidade de gente)”. E também como “[...] viagens periódicas, ou irregulares, feitas por certas espécies de animais”. Vemos como essa passagem imprime um caráter migrante, transitório, de ruptura e crise, tanto no ser humano quanto nos animais.

A psicóloga argentina Susana Seidmann (1990) delineia o migrante, em sentido estrito, como aquele que muda seu lugar habitual de residência por um tempo com a consequente reconstrução de seu cotidiano; porém, em um sentido amplo, são os sujeitos que recebem a influência da migração. Isso fará com que o migrante redefina hábitos e condutas, no novo país, para fazê-las subjetivamente significativas. Na mudança de país, perdem-se os significados culturais que terão de ser ressignificados para corresponder com seu novo entorno, com seus vínculos e consigo mesmo.

Milton Santos (2007, p.82) trata das migrações e nos transmite como as mesmas “[...] agredem o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar. Desterritorialização é frequentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são, também, desculturização”. O autor alude à dor pelas rupturas e às perdas da cultura como âncora e salvaguarda do conhecimento de modos de pensar, agir e inserir-se no social, em um dado território. Isso nos traz um foco na dor individual que implica, já que cada sujeito terá que fazer sua própria adaptação e construir sua própria forma de morar nesses universos cruzados pelas semelhanças e as diferenças, os quais trazem à tona

esse trânsito pelo mundo. A perda e o luto serão algumas das fases desse périplo individual, e a psicanálise bem sabe dar conta dessas operações psíquicas e vinculares, sendo essas questões algumas das que aprofundaremos mais à frente. Podemos pensar que, depois do reconhecimento e da perda da cultura própria na terra de nascença, o sujeito consiga reformular uma cultura que faça sentido para ele mesmo, dando conta da nova realidade na qual está vivendo.

De maneira muito certa, Dante Moreira Leite (1954, p.123) salienta que “[...] a participação numa cultura não é obstáculo intransponível para o ajustamento a outra, desde que o indivíduo tenha possibilidade material de adquirir as habilidades exigidas pelo novo ambiente”. Vemos como esse trânsito representa um périplo de constante adaptação, entre a cultura própria e as estrangeiras que os sujeitos frequentam. Isso pressupõe um processo psíquico de adaptação e criação de uma cultura própria que dê conta de todo o aprendido e incorporado, assim como do excluído e afastado. Colcha de retalhos de uma história de vida e de trânsito pelos diversos territórios que a permeiam e a acolhem.

Por último, o autor nomeia a psicanálise como a ciência que consegue fazer uma leitura do inconsciente daquilo que os antropólogos estudam como comportamentos explícitos dos indivíduos. Os psicanalistas interpretam a leitura que os antropólogos fazem da realidade. Vamos nos valer da psicanálise, no próximo capítulo, para tentar nos aprofundar em conceitos discutidos no presente capítulo.

García Canclini, ao definir a modernidade, o faz como um movimento de busca de entrada e de saída, o qual os sujeitos que a assumem desenham em uma oscilação entre as tensões da desterritorialização e a reterritorialização: “[...] com isto me refiro a dois processos: a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais, e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2012, p. 281, tradução nossa).

Vemos como a cultura vai se transformando em função dos movimentos da globalização, fazendo cair por terra a noção de cultura coerente com um território e um povo. Alude-se, pois, à transnacionalização dos mercados simbólicos e das migrações, que causam um movimento entre circuitos fronteiriços. Michel Certeau (1981, p.10) afirma que “[...] a vida consiste em atravessar constantemente fronteiras”.

Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (2005) remetem a zonas de intermediação para os profissionais que pertencem às terceiras culturas, uma vez que ainda esses sujeitos, em relação com a cultura local, não entram em um relacionamento muito próximo, aparecendo uma relação de estranhamento entre os pertencentes às terceiras culturas e os locais. Os sujeitos das terceiras culturas se comunicam melhor entre eles que com os pertencentes às culturas locais, porém, são equiparados à figura do estranho dentro do social. Aparece aqui uma relação que se baseia na ambiguidade, já que

[...] o estranho é o diverso incógnito perante o qual se suspende qualquer avaliação apriorística. Sem estatuto definido, o estranho ré envia-nos, assim, para uma atitude expectante e tolerante que não se confunde nem com o crédito concedido aos amigos, nem com o descrédito conferido aos inimigos. (FORTUNA; SILVA, 2005, p.452).

Descrevem, assim, as cidades modernas, nas quais os relacionamentos se dão entre estranhos que têm que se desenvolver, dentro do que eles nomeiam como tolerância cultural, para conseguir uma convivência.

Retomaremos o conceito do estranho no próximo capítulo, à luz da psicanálise, para pensar sobre os processos inconscientes os quais se ocultam detrás do enfocado pelas ciências sociais.

3.1. MULTICULTURALIDADE, TRANSCULTURALIDADE, INTERCULTURALIDADE

Como resultado das migrações, expatriações, intercâmbios de profissionais e mão de obra qualificada entre nações, surgem vários termos que tentam dar conta da diversidade e da forma de lidar com eles. Buscaremos discuti-los e tomar uma posição que nos permita compreender os expatriados, sujeitos da presente pesquisa, ao mesmo tempo em que escolheremos um dos conceitos como aquele que tenha preponderância no desenvolvimento intersubjetivo na experiência de expatriação.

3.2. MULTICULTURALIDADE

O termo multiculturalidade utiliza o prefixo *multi*, que, no dicionário, indica muito, numeroso. A multiculturalidade implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: trata-

se de várias culturas no mesmo patamar. As diferenças ficam estanques e separadas em cada cultura, possibilitando pensar no que os antropólogos chamam a lógica do Um, que só tem uma verdade a seguir e uma forma de pensar o mundo. Aquela forma única não admite contraponto de ideias, nem ser discutida ou questionada. Baseia-se em uma lógica binária, na qual uma ideia é correta e outra é diferente e incorreta, só se complementando ideias similares e tentando se afastar aqueles conceitos que contrariam o pensamento predominante.

A antropóloga María Laura Méndez (comunicação oral)² assevera que a lógica do Um supõe uma metafísica monovalente e uma lógica binária, baseada na dicotomia verdadeiro-falso. A autora se refere ao multiculturalismo como conceito que supõe muitas culturas, entre as quais há uma cultura que é hegemônica. Esse conceito se baseia na colonização, em que um povo era conquistado por outro e, por isso, uma cultura aparecia como se impondo frente às outras: a cultura do colonizador tentava apagar a cultura do colonizado. Isso acarreta ainda a generalização e a universalização dos conceitos culturais, porque intentam anular as culturas diferentes, para dar preponderância à cultura colonizadora que exerce o poder. O multiculturalismo está colocado fundamentalmente pelas teorias norte-americanas, nas quais não visualizamos nenhuma preocupação com a descolonização, mas a preeminência de uma cultura como “a certa”, exercendo o poder sobre as outras.

Pierre Bourdieu (2000, p.5) menciona o que ele chama de

[...] a nova vulgata planetária que apóia-se numa série de oposições e equivalências, que se sustentam e contrapõem, para descrever as transformações contemporâneas das sociedades avançadas: desengajamento econômico do Estado e ênfase em seus componentes policiais e penais, desregulação dos fluxos financeiros e desorganização do mercado de trabalho, redução das proteções sociais e celebração moralizadora da “responsabilidade individual”.

A partir dessa visão do mundo contemporâneo, quando o autor trata de multiculturalismo, ele o associa à política norte-americana, que, junto à globalização, impõe uma definição de mundo com um olhar americano capitalista e individualista, com base no qual se abandonam as particularidades nacionais e peculiaridades históricas de cada povo, para se homologar um mundo homogêneo, regido pelo olhar universalista. Frisa aqui a imposição do multiculturalismo. Menciona as universidades americanas como aquelas nas quais os conhecimentos tentam anular as particularidades sociais e impor uma visão fora do contexto

² PUGET, J.; MÉNDEZ, M.L. Mesa de abertura. In: CONGRESO DE FLAPAG. CLÍNICA DE LA DIFERENCIA E INTERCULTURALIDAD. *Anais...* Buenos Aires, 2013 (não publicada).

histórico, como aquela que abrangeria todo o planeta. Essa visão do mundo seria veiculada através das

[...] instâncias supostamente neutras do pensamento neutro que são os grandes organismos internacionais. Além do efeito automático da circulação internacional de idéias que, por sua própria lógica, tenta ocultar as condições e os significados originais [...] tende a ocultar as raízes históricas de todo um conjunto de questões e de noções: a ‘eficácia’ do mercado (livre), a necessidade de reconhecimentos das ‘identidades’ (culturais), ou ainda a reafirmação-celebração da ‘responsabilidade’ (individual). (BOURDIEU, 2000, p.2).

Assim, o multiculturalismo, o qual tentava designar um pluralismo cultural, acaba sendo confinado como um discurso universitário norte-americano que se apresenta como universal e único, aparecendo como aquela cultura dominadora que prevalece sobre a dominada. Esse discurso acaba encobrindo a submissão globalizada aos mercados financeiros.

Bourdieu (2000, p.2) coloca o conceito de

[...] imperialismo cultural como uma violência simbólica que se apóia numa relação de comunicação coercitiva para extorquir a submissão e cuja particularidade consiste, nesse caso, no fato de universalizar particularismos vinculados a uma experiência histórica singular, ao fazer com que sejam desconhecidos, enquanto tal, e reconhecidos como universais.

Vemos como diversos autores coincidem, no momento de definir o conceito de multiculturalidade.

García Canclini (2004, p.14, tradução nossa) define “[...] o mundo multicultural como a justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação”. Nessa apreciação, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando as diferenças e propondo políticas relativistas que geralmente reforçam a segregação. Dessa forma, aceita-se o heterogêneo. O autor também reforça que os livros que abordam a multiculturalidade estão geralmente escritos na língua inglesa e provêm dos Estados Unidos e Grã-Bretanha ou de suas ex-colônias, concentrando-se em relações interétnicas ou de gênero, assim como na comunicação intercultural, na qual se comparam culturas que persistem como sistemas anteriores e fechados. As críticas ao multiculturalismo focam na predominância de um sistema segregacionista e em versões etnocêntricas, as quais obrigam a reconhecer uma cultura só. Por último, enfoca a diferença entre multiculturalidade e multiculturalismo:

A multiculturalidade, ou seja, a abundância de opções simbólicas, propicia enriquecimentos e fusões, inovações estilísticas, tomando emprestado de muitas

partes. [...] O multiculturalismo, entendido como programa que prescreve cotas de representatividade em museus, universidades e parlamentos, como exaltação indiferenciada dos acertos e penúrias de quem compartilha a mesma etnia e o mesmo gênero, encurrala no local, sem problematizar sua inserção em unidades sociais complexas em grande escala. (2004, p. 22, tradução nossa).

3.3. TRANSCULTURALIDADE

No dicionário, o prefixo *trans* é associado a uma relação química.

María Laura Méndez nos remete à transdisciplina, como aquele formato no qual as disciplinas ficam em diálogo, apresentando bordas que as diferenciem, mas que são permeáveis, pois conseguem conversar e estabelecer trocas de ideias. A transdisciplina é uma figura na qual as disciplinas não perdem a sua especificidade, interagem e se permitem procurar nas bordas para achar o que lhes é comum e estabelecer encontros possíveis, ou respostas que deem conta de uma situação desde diversos pontos de vista. Propõe um trânsito pelo que é comum, ao mesmo tempo em que estabelece um intercâmbio a partir das bordas, e não se exige que nenhuma disciplina abandone sua perspectiva, nem sua posição. Para instaurar um diálogo, precisam-se de pontos de vista diferentes, porém, para entrar verdadeiramente em diálogo, precisamos poder sair de nosso ponto de vista e ser o suficientemente permeáveis como para escutar o outro e permitir se modificar.

O termo "transcultural" é usado fundamentalmente pela corrente austro-húngaro-francesa de pensamento, que é a etnopsicanálise. Eles combinam um olhar da antropologia conjuntamente com um olhar da psicanálise, ou seja, que trabalham na transdisciplina. Nesse trabalho, a etnopsicanálise propõe a discussão das representações culturais que providenciam um marco na construção das narrativas dos migrantes, cujo propósito é ajudar a estabelecer uma conexão entre o presente e o passado dos sujeitos que migram para outra cultura.

A terapia transcultural baseia-se nos conceitos da etnopsiquiatria fundada por George Devereux (1966). Mais tarde, Tobie Natan (1979) cria o primeiro ambulatório de etnopsiquiatria, na França, no hospital Avicenne em Bobigny, chamado Centre George Devereux, em homenagem ao criador da teoria. Posteriormente, Maria Rose Moro assume a chefia do Centro, em 2001, continuando com o trabalho terapêutico com migrantes na França. A autora relata como tentam criar um diálogo entre a história do paciente, os conflitos internos e os diferentes universos sociais e simbólicos que os atravessam. É uma teoria

dinâmica a qual procura uma constante discussão entre o social como contexto simbólico do migrante e sua dinâmica intrapsíquica, e a consequente modificação que apareça a partir do diálogo. Através da mesma, chega-se a renegociar a posição social do migrante.

A terapia desenvolve-se em forma grupal, participando do atendimento a família migrante e um grupo de profissionais (psicanalistas, tradutores, antropólogos, linguistas etc.) que os acolhe. A orientação do trabalho visa a tentar estabelecer pontes entre diferentes universos simbólicos, entre o passado e o presente, entre o espaço interfamiliar e o mundo externo, de sorte a, assim, compreender a particular representação que eles criaram entre a cultura nativa e a cultura do país de acolhimento. Apontam, dessa maneira, uma experiência de conhecimento das diferenças culturais na qual o grupo, de família e terapeutas, possibilita que as experiências de uns e outros se potencializem e enriqueçam. Moro (1998) define a “[...] etno-psicanálise sobretudo como uma pragmática do vínculo e da multiplicidade” (MORO, 1998, p.115).

No encontro com as famílias migrantes, os terapeutas defrontam-se com uma dificuldade de compreensão linguística, das representações culturais e da forma como os migrantes se desenvolvem, no mundo.

A autora sublinha a importância, ao mesmo tempo, da língua materna do paciente e da língua de passagem, o que desenha um trânsito de uma língua a outra, por isso, coloca como tarefa fundamental partir das representações culturais dos migrantes. A possibilidade de falar a língua materna permite uma maior narrativa ao paciente e é um signo de reconhecimento das origens; dessa forma, ao habilitar uma aproximação às raízes, não serão barradas as rotas para conhecer outros mundos possíveis. O uso da língua materna flutua em função da evolução e da elaboração dos conflitos culturais familiares.

No trabalho com os migrantes, apresenta-se um paradoxo porque, por um lado, eles têm medo das diferenças culturais da sociedade que os acolhe e, por outro lado, esse sentimento entra em contradição com a necessidade de serem eles, no exílio, e não viver essa diferença. A possibilidade de aceitar as diferenças culturais como uma diferença criativa enriquece os seres humanos. A etnopsicanálise, como prática psicoterapêutica, tenta desenvolver uma aprendizagem da descentração, a qual propicie aos sujeitos a aceitação de suas produções culturais e psíquicas e de suas maneiras de pensar e viver. Recorrem à capacidade de reconhecer as diferenças, não como um obstáculo que separa, mas como um apelo à complexidade humana que aparece na situação clínica.

3.4. INTERCULTURALIDADE

A palavra começa com o prefixo *inter*, que, no dicionário, é identificado como posição intermediária, reciprocidade, interação, interpondo uma forma de estabelecer uma ponte, uma mediação, um encontro, para formar uma rede na interculturalidade. Diversas ciências e distintos cientistas têm trabalhado sobre o conceito; tentaremos apresentar alguns, para aqui ensejar a discussão.

María Laura Méndez (2013, comunicação oral, tradução nossa)³ ressalta que, para pensar a interculturalidade, temos que sair da lógica do Um e nos situar na lógica multívoca, a qual pressupõe multiplicidade e devir, e dentro da qual não podem ser feitas totalizações. Essa multiplicidade acarreta sempre diferença e se conforma dentro da heterogeneidade e suas combinações imprevisíveis. Não pode se fazer uma teoria da interculturalidade, porque isso implicaria uma generalização e universalização, o que é impossível. Define a interculturalidade como “[...] uma série de gestos, práticas, que supõem sempre uma situação”. Na leitura dos signos que revelem a interculturalidade, podemos nos sentir violentados em nossas representações e modos habituais de reconhecimento. Através da leitura dos signos, enxergaremos outros elementos que fazem parte da situação em relações diversas. A autora concebe toda construção intercultural como uma situação em que a combinação dos elementos é inesperada e complexa. Nomeia o processo como mestiçagem, o que significa falar de uma combinação ou montagem de elementos heterogêneos, em que cada um conserva sua particularidade, dentro da qual permanece a diferença. O conceito representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem e, às vezes, também se interrompem. Esse diálogo tem que ser posto em prática, para ter as ideias encarnadas, fazendo-se presentes na pluralidade de pontos de vista, sem que nenhum prevaleça sobre o outro. Na visualização e enunciação das forças de poder se formarão espaços para diferentes processos de subjetivação. A interculturalidade se separa da cultura hegemônica, na procura de diálogos ou gestos interculturais.

³ PUJET, J.; MÉNDEZ, M.L. Mesa de abertura. In: CONGRESO DE FLAPAG. CLÍNICA DE LA DIFERENCIA E INTERCULTURALIDAD. **Anais...** Buenos Aires, 2013 (não publicada).

A autora salienta que a globalização tem trazido um paradoxo, já que um dos objetivos era criar certa uniformidade, porém, o que tem acontecido são diferenças e desigualdades. Todavia, a interculturalidade não pode propor que uma cultura seja superior à outra, apenas diferentes, em diálogo e em situação. Seria imperioso transitar pela descolonização, para conseguirmos deixar a pluralidade de culturas em paridade, em interculturalidade.

García Canclini (2004) salienta que a interculturalidade remete à confrontação e entrelaçamentos, porque se trata de grupos entrando em relacionamento e intercâmbio, entre os quais a diferença estabelece relações de negociação, conflito e empréstimo recíproco, respeitando as disparidades. Esse movimento se deve à desestabilização das ordens nacionais e étnicas geradas pela nova interdependência que a globalização suscita. As fronteiras ideológicas e culturais se desvanecem e incrementam a junção de culturas com um desenho particular. Nas conexões, presta-se atenção às misturas e aos mal-entendidos que circulam nos grupos, para tentar compreender como cada grupo se apropria e reinterpreta os produtos simbólicos alheios. A interculturalidade nos permite tornar mais complexas as situações, dentre as quais as teorias da diferença têm que se articular com as concepções da interculturalidade, entendendo interação como desigual, conexão/desconexão, inclusão/exclusão. A política da diferença traz um equilíbrio interpretativo na interculturalidade. O autor menciona uma passagem do multicultural ao intercultural e o descreve: “[...] a passagem que estamos registrando é de identidades culturais mais ou menos autocontidas a processos de interação, confrontação e negociação entre sistemas socioculturais diversos” (CANCLINI, 2004, p. 40, tradução nossa) Assim, abandona o conceito de multiculturalidade, apoiando o conceito de interculturalidade.

No presente trabalho, não faremos uso do conceito de multiculturalidade, uma vez que implica a preeminência de uma cultura sobre a outra; da mesma maneira, não apreenderemos o conceito de transculturalidade, por se apoiar mais nas culturas e em seus atravessamentos sociais, e menos na intersubjetividade e vincularidade do caso a caso. Na pesquisa, trabalharemos com o conceito de interculturalidade, a fim de dar conta dos expatriados e seu trânsito cibernético, territorial e globalizado. Privilegiamos o conceito de interculturalidade, já que apresenta as culturas em conflito e em diálogo, ao mesmo tempo, não tentando obstruir as diferenças e sim fazer com que elas conversem e se entrelacem. Essa ideia do sujeito intercultural, contemporâneo em conflito, é compartilhada pela psicanálise, porque Freud parte do pressuposto de que o ser humano é um ser em conflito, sendo o conflito inerente à vida. A interculturalidade também permite ampliar horizontes, dando lugar às diferenças e

apontando ao enriquecimento e mudança contínua. Pensamos que o conceito de interculturalidade se aplica tanto à visão dos sujeitos marcados intersubjetivamente por diversas culturas, quanto ao conceito psicanalítico de sujeito do qual partimos. Igualmente, temos em consideração o conceito de "ajeno"⁴ que a teoria das configurações vinculares privilegia, deixando espaço para a negatividade radical que pressupõe aquilo novo que surpreende e é conhecido pelo sujeito vincular no *après coup* das situações novas. A teoria parte também do conceito de acontecimento, o qual deixa marcas *a posteriori* nos sujeitos vinculares, ao se defrontar com situações de novidade e diferença em seu trânsito pela vida. cremos que o termo interculturalidade abarca todas as características antes mencionadas, as junta e amplia, nos casos de sujeitos expostos a vários contextos culturais.

3.5. DOS DIFERENTES E DESIGUAIS AOS DESCONECTADOS

Para trabalhar a interculturalidade, temos que abordar conjuntamente, em uma trama, as semelhanças, as diferenças, as desigualdades e a desconexão. Tentaremos dar conta desses conceitos e da passagem de uns para outros, em função da realidade do mundo atual, no século XXI.

A desigualdade remete a um registro socioeconômico e à diferença remete a práticas culturais. García Canclini (2004) salienta que, muitas vezes, as diferenças culturais se inserem em sistemas nacionais e transnacionais de intercâmbio, para tentar corrigir a desigualdade social.

Ao pensar as diferenças na cultura, o autor sublinha que “[...] as culturas têm núcleos ou estruturas incomensuráveis, não redutíveis às configurações interculturais sem ameaçar a continuidade dos grupos que se identificam com eles” (2004, p. 55, tradução nossa). Precisa-se então do reconhecimento e proteção dessas diferenças, pela importância cultural e política, já que só na marcação de um espaço para as diferenças é que se fazem possíveis a continuidade e a existência das mesmas.

Pierre Bourdieu (1980) constrói uma teoria sociológica que favorece a leitura da diferença a partir da desigualdade, e faz uso da teoria marxista para repensar o materialismo histórico na arte, na educação e na cultura. Pondera a construção das diferenças socioculturais dentro do

⁴ Conceito cunhado pela teoria das configurações vinculares, para o qual não temos uma tradução literal em português, pois o termo alteridade ou alheio não consegue circunscrever todo o sentido de “ajeno”.

consumo e faz uso da cultura para compreender as diferenças sociais, dentro da sociologia do poder. As práticas culturais são pensadas no processo de produção e funcionam como seleção que exclui ou inclui, sem que isso seja abertamente enunciado. Para expor a especificidade da diferenciação e desigualdade cultural, o autor constrói um esquema ordenador que nomeia como a “teoria dos campos”, na qual propõe situar ao artista e sua obra dentro do sistema de relações que geram as condições de produção e circulação dos produtos, ou seja, no campo cultural. O campo comum é gerado por um produto e as condições históricas que levaram a essa produção. Os campos culturais que estuda são a ciência, a filosofia e a arte. Dentro dos campos, haveria uma luta pelo poder, para ter a supremacia. A diferença se estrutura na forma de usar os bens que cada classe estabelece e como se relacionam com aquelas obras com as quais compartilham um significado estético comum, estabelecido como a estética dominante. Desse modo, a arte organizaria de forma simbólica as diferenças entre classes sociais.

As ideias de Bourdieu ajudam a compreender o mercado interclasses de bens, mas a sociologia pós-Bourdieu, especialmente Sergio Miseli (1972), Claude Grignon e Jean-Claude Passeron (1991), propõem que esta teria que ser reformulada, para incluir os produtos culturais dos setores populares, os produtos independentes não ligados às condições de vida e a releitura que os locais fazem da cultura hegemônica, tendo em conta seus próprios interesses. A questão que se expõe é como dar espaço às culturas populares e suas manifestações simbólicas e estéticas. Dadas as modificações do social, pelos intercâmbios nacionais e internacionais, as inovações tecnológicas e o neoliberalismo econômico, muda-se o sentido do desigual, pois importam as diferenças dentro dos mercados transnacionais, o que acentua as desigualdades. Substituem-se os termos diferentes e desiguais pelos de inclusão ou exclusão.

Fazemos este percurso histórico das teorias, uma vez que pensamos que as mesmas vão se construindo na história, porém, rastreamos o percurso das ideias até chegar aos conceitos anteriormente explicitados de multiculturalidade, transculturalidade e interculturalidade. Garcia Canclini (2004) enfatiza que a forma de enxergar o mundo em níveis que se diferenciavam pelas nacionalidades, a que aludia Bourdieu (1980), é substituída agora pelo conceito de rede. Os incluídos aparecem como aqueles conectados à rede, enquanto os excluídos são os desconectados, que ficam fora do mundo conexionalista atual. Não prevalece a pertença, porém, a mobilidade, a desterritorialização, o nomadismo, frente aos quais se dá uma oscilação constante entre o global e o local. Aparecem assim, para o autor, duas populações que habitam o mundo: aquelas que têm maior capacidade de se deslocar nos

espaços geográficos e interculturais, e aquelas que ficam fixas com imobilidade. Todavia, entre essas duas populações, veem-se relações complementares, já que aqueles incluídos que são nômades e que resultam enriquecidos só conseguem fazê-lo graças aos que ficam excluídos, localizados, se prestando a serem os duplos daqueles que se trasladam.

Vemos como o autor concebe uma nova forma de se distribuir a população e se estratificar, em função de outros parâmetros; agora, o telefone móvel aparece como o grande objeto do mundo conexcionista que permite que os incluídos se trasladem, pois sabem que sempre terão alguém excluído que fica como base, na ponta da linha.

A exploração fortalece-se em um mundo conexcionista a partir da imobilidade dos pequenos, e graças à duração com que os nômades acumulam mobilidade e multilocalização. O forte é aquele que antes de tudo logra não ficar desconectado e por isso adiciona conexões [...]. Agora o capital que produz diferença e desigualdade é a capacidade ou a oportunidade para se mover, mantendo redes multiconectadas. As hierarquias no trabalho e o prestígio vão associadas, não só à posse dos bens localizados, mas ao domínio de recursos para se conectar.

Porém, nós estaríamos errados se olhássemos para esse processo de modo linear. Este mundo hipermóvel aumenta as dificuldades para identificar pontos de enraizamento, regras estáveis e zonas de confiança. A autonomia e a mobilidade se obtêm em troca da segurança [...] O capital social tem-se estendido às relações internacionais, deslocando seu eixo das possessões territoriais aos recursos intangíveis de mobilidade e às conexões. (CANCLINI, 2004, p. 76, tradução nossa).

Identifica trabalhadores procurados por ter disposição conectiva e, ao estar conectados pela rede, não terão limite de horário para trabalhar e podem ser alcançados em qualquer lugar e a toda hora. Esse seria o perfil de homem contemporâneo, procurado para trabalhar nas empresas multinacionais.

Os três modelos – diferentes, desiguais e desconectados – têm que ser pensados em conjunção, já que estão fortemente relacionados e são complementares; com efeito, seriam mais bem descritos como diferentes - integrados, desiguais - participantes e conectados - desconectados. Para García Canclini (2004, p. 100), somente pensando na cidadania como forma contrária à exclusão é que pode se pensar no acesso aos recursos que gerariam capacitação aos indivíduos.

O autor sublinha sua hipótese de trabalho, baseada em

- a) permitir que os objetos de estudo e ação de cada campo sejam confrontados, quer dizer, desafiados pelos outros com que têm relação...
- b) deixar que dentro da globalização emergjam as perguntas da interculturalidade, das fronteiras que não caem ou somente mudam de lugar, das diferenças e desigualdades

não diluíveis na globalização. [...] Em um tempo de globalização, o objeto de estudo mais revelador, mais questionador das pseudocertezas etnocêntricas ou disciplinares é a interculturalidade. O científico social pode, através da investigação empírica das relações interculturais e a crítica autorreflexiva das fortalezas disciplinares, tentar pensar agora desde o exílio. Estudar a cultura requer, então, se converter em um especialista das interseções. [...]. Penso em uma investigação das diferenças que não exclua a desigualdade, um trabalho de campo sobre processos empiricamente localizáveis que não os desconecte das redes transacionais, um saber atento à voz dos atores, sem por isso dissimular as condições institucionais que o legitimam ou financiam [...] Fidelidade e ironia”. (2004, p.101, 118, tradução nossa).

3.6. SUJEITOS INTERCULTURAIS CONECTADOS CONTEMPORÂNEOS

Este é o sujeito com que iremos trabalhar. As ciências sociais estão nos auxiliando para descrevê-lo e caracterizá-lo. A partir do acesso direto aos casos clínicos, com os expatriados, faremos uma leitura psicanalítica, assim como uma confrontação com as descrições feitas e assinaladas neste texto.

García Canclini (2004, p.161, tradução nossa) assinala:

[...] as identidades dos sujeitos formam-se agora nos processos interétnicos e internacionais, entre fluxos produzidos pelas tecnologias e as corporações multinacionais; intercâmbios financeiros globalizados, repertórios de imagens e informação criados para serem distribuídos a todo o planeta pelas indústrias culturais. Hoje imaginamos o que significa serem sujeitos não somente desde a cultura em que nascemos, mas, desde uma enorme variedade de repertórios simbólicos e modelos de comportamento. Podemos cruzá-los e combiná-los [...]. Os sujeitos vivem trajetórias variáveis, indecisas, modificadas uma e outra vez. Viver em trânsito, em escolhas que mudam e são inseguras, com remodelações constantes das pessoas e suas relações sociais, parece conduzir a uma construção mais radical [...]. As certezas das teorias sobre o indivíduo e a sociedade são postas entre sinais de pergunta pela recomposição das ordens socioculturais que alcançam a todos.

Esses sujeitos interculturais começam a nos habitar a todos, já que sempre estamos atravessados por formas de hibridização entre o tradicional e o moderno, entre o culto e o popular, constituindo-nos como sujeitos mais livres, sem as restrições que antes eram nos impostas pela fidelidade a uma nação, religião, etnia etc.

Por um lado, aumenta a heterogeneidade e as possibilidades de referências para construir nossa identidade, mas, por outro lado, isso cria incertezas. Defrontamo-nos com homens nômades que exaltam a desterritorialização e pensam que, na medida em que os vínculos vão se debilitando, o sujeito sente liberação das ataduras anteriores. Dessa forma, abandonam-se as imagens das pessoas sujeitas a um território fixo, o que aumenta a percepção de um mundo constituído e visualizado em formato de rede.

O autor vislumbra ainda uma tensão entre a exigência de se constituir como sujeitos sumamente flexíveis e a necessidade de se conformar como alguém, com certa especificidade e permanência no tempo. Perguntamo-nos como isso seria possível, porque são duas correntes que circulam na contramão. Essa dupla exigência se transforma em um paradoxo, visto que, neste mundo conexcionista, exige de nós sermos suficientemente maleáveis para nos adaptar às situações e culturas, mas, por outro lado, aquele que vive se adaptando e usufruindo novos papéis corre o risco de passar inadvertido e se transformar em alguém desconfiável, por não ter aquela constância que o cerque dentro de uma determinada identidade social.

Os efeitos da globalização também podem ser negativos, sobretudo quando olhamos para os migrantes, dentro do mundo conectado, mas que não têm conseguido se estabelecer; desse modo, a migração aparece contendo mais desenraizamento que liberação, deixando o sujeito exposto a uma situação de vulnerabilidade e solidão, além e aquém do enriquecimento esperado, ao assumir tantos riscos.

Ademais, temos que considerar os migrantes pobres e exilados que lutam por achar uma forma de pertencer, para se sobrepor à violência, gerada pelos estados que os abandonam e os deixam fora do sistema de seguridade social, defrontando-se com uma nova condição, que é a de não poder se manifestar como cidadãos. Aparecem igualmente contradições entre estados nacionais que somente têm competência para legislar localmente, frente ao fluxo de capital global que flui sem regulamento nenhum que garanta a participação dos cidadãos, em nível transnacional. Assim, vemos criar-se um traço antidemocrático, já que o processo de globalização retira dos cidadãos a possibilidade de tomar decisões ativas; ficam isolados diante da interdependência gerada pela globalização que se estabelece entre capital, circulação e consumo de bens. A liberdade para serem sujeitos interculturais se reduz a uns poucos, que são os que administram os grandes investimentos. Dessa maneira, o poder se apresenta como despersonalizado e isso contribui para retirar a identidade da maioria dos habitantes do mundo.

Maria Inês Assumpção Fernandes (2005), por sua parte, por sua parte, salienta como,

[...] atualmente, o mundo de hoje globaliza os lugares e obriga a um rearranjo de fronteiras. Com a reestruturação do espaço cria-se uma nova geografia (econômica, política, etc.) da globalização e há a emergência de uma nova “família de lugares” (FERNANDES, M. I. A. Apud: Santos, 1994: 12). A catástrofe social, no caso de Paris – cidade destruída é metáfora da perda de marcas identificatórias que garantem o laço social, dos sujeitos entre si, com as instituições, nas famílias. O contexto social torna-se incoerente, incompreensível e sem garantias. As regras que governam a interdependência grupal não são mais reconhecidas. As produções culturais, as

maneiras próprias de viver, de morar e de pensar, apoiadas nessas regras, fragmentam-se. (FERNANDES, 2005, p.79-80).

Por outro lado, aponta para a necessidade de se estar inserido em um código social, o que faz com que os sujeitos estejam incluídos em uma história, permitindo um trabalho de memória e recuperação daquilo que foi perdido e barrado, para ser recuperado e incluído na cultura dos sujeitos. Perguntamo-nos, junto com a autora, como isso poderia ser feito por parte dos imigrantes que se defrontam com uma perda do cotidiano que os rodeia, a perda da língua que os norteia, o que os deixa em um universo no qual lhes atinge a falta dos códigos comuns que os habilitam a habitar um determinado território, no tempo e espaço. O que se perde na migração é o sentimento de pertencimento outorgado pela habitualidade que dá o morar. A autora salienta como só através do tempo vivido se vai criando um sentimento de familiaridade com o espaço geográfico, paralelamente à experiência de interioridade. Desse modo, o ambiente físico operaria como sustentação da memória, estabelecendo quem somos e de onde viemos, gerando um antes e um depois como uma linha contínua que possibilita ao sujeito se identificar com uma dada cultura e se sentir dela fazendo parte. O morar aparece assim como um sentimento que habilita um pertencimento a um dado espaço, do qual os sujeitos se sentem parte integrante. A autora faz um convite:

Deve-se, portanto, proceder a análises que relacionem a modernidade e a metropolização, a mundialização e a fragmentação do espaço urbano, o que permitiria, quem sabe, o diálogo entre os projetos para a construção dos espaços para a cidade, os projetos da cidade (saúde, educação, urbanismo, cultura) e os projetos de vida. (2005, p. 80).

Vemos como a proposta abre a uma mobilidade e possibilidade de mudanças ainda dentro do familiar e conhecido, aceitando um movimento de ir e vir, tanto de habitantes quanto das cidades em si.

Instaura-se, nessa perspectiva, uma circulação que permite um trânsito dentro do ir e vir dos sujeitos, construindo a história do morar e habitar a terra. A autora enfatiza como o morar nômade admite um atravessamento de fronteiras e mobilidade, no tempo; além disso, a tem-se mestiçagem como modelo que recria o antigo no lado do atual, nas culturas das diversas etnias que conformam o modo de viver, fazer e morar nas cidades.

Canclini (2004), por sua parte, enfatiza a necessidade de procura de uma interculturalidade que inclua a continuidade dos pertencimentos étnicos, grupais e nacionais, ao lado do acervo

transnacional, pois alega que conhecer significa se socializar na aprendizagem das diferenças e na possibilidade de levar à prática os direitos humanos interculturais. Aceder à diversidade implica a articulação da diferença com a conexão, abrangendo o conhecimento do outro, na aprendizagem de lidar com a sua diferença. A expansão das telecomunicações amplia o conhecimento de diversas etnias, grupos e culturas, ao mesmo tempo em que nos põe em evidência aquilo que não vamos poder partilhar com outros, por serem diferentes. Trata-se de salientar a necessidade de criar um espaço no qual possa se organizar a diversidade, dentro da globalização, para que a mesma não crie desglobalização, na exclusão de alguns e a inclusão de outros mais favorecidos.

Propõe retirar o estigma das diferenças, aceitando a estranheza que o outro gera em cada um de nós e a recusa das diferenças pela deposição, no outro, daquilo que negamos em nós mesmos. Ao nos integrar, apesar das discrepâncias, talvez se propicie a passagem da exclusão à conexão e à intercomunicação, dentro da interculturalidade, o que abriria a possibilidade de maior disponibilidade para conseguir viver com as divergências ao lado das coincidências do sujeito intercultural globalizado.

Fernandes (2005, p. 83) salienta:

Seguindo o pensamento de Kaës (1998) e considerando que nossa Cultura supõe um conjunto de subculturas, podemos construir a ideia de que há, atualmente, uma dupla conjuntura no que se refere ao interesse pela diferença cultural: o movimento mundial de migrações e de intercâmbios econômicos nos quais podemos reconhecer objetivos de conquista e de poder; mas também daquilo que está em jogo nas transformações de todas as culturas (intolerâncias raciais, étnicas, religiosas etc.).

Baseada nessa dupla ancoragem, a cultura conteria tanto aquilo que ela é quanto aquilo que lhe é estranho, desenhando um formato que responde à diversidade cultural, no qual se incluem os elementos próprios e os diversos. Através das migrações, surge uma passagem intensa entre aquilo que é próprio para os sujeitos e aquilo que lhes é estranho, que vem do outro diferente. Desenha-se, assim, um caminho de transformação dentro das culturas pressionadas pelo estranho que o estrangeiro traz, nos diversos pontos da terra.

Os sujeitos que fazem parte dessa determinada cultura se constituem em suas realidades psíquicas, ao mesmo tempo, como um fim para si mesmos e como um fim para os outros, no seio desse conjunto social. Desse modo, essa mobilidade psíquica permitiria um trânsito continuado dentro do conjunto.

Fernandes (2005, p. 86) conclui:

Da capacidade de jogar, isto é de brincar com sua própria cultura talvez derive a qualidade de confronto com a diferença cultural. A Cultura e a Cidade manteriam sempre o estranho, referência fundamental para sua constituição e para a construção e o funcionamento psíquico das pessoas que nela vivem.
Mantêm, ao mesmo tempo, o idêntico e o estranho.
Cultura e cidade. Esquecimento e desconhecimento do morador: mal-estar de um mundo moderno?

Rosa, Carignato e Berta (2006) relatam, no artigo *Metáforas do deslocamento*, como os estrangeiros, migrantes e imigrantes apresentam a dificuldade de se localizar no mundo, chegando a poder desenvolver desenraizamento ou desterritorialização. Berta e Rosa (2005) indicam um momento inicial de angústia, a qual não pode ser articulada como significante, provocando um desamparo inicial que provoca uma sensação de não localização, referindo-se ao sentimento de estranheza, o *unheimlich* freudiano. As autoras enfatizam:

Este tempo no qual o sujeito custa a se localizar tem efeitos na sua posição subjetiva e política e no laço social. Entre a angústia e o desejo, é necessária a elaboração do luto face ao perdido pois dessa maneira o sujeito reconstitui não somente sua imagem, mas sua posição de ser causado por um desejo que lhe permita localizar-se no mundo. Para que tenha lugar discursivo, para que faça laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória, reconstrução que já implica numa deformação, permitindo passar da reconstrução para a criação. (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p.5).

Focalizam uma posição de mudança subjetiva, na medida em que possa ser tramitado o luto pela história, a terra e a língua perdida do país de origem. Salientam um movimento que provê a transmissão, realizando uma volta ao passado capaz de favorecer uma base firme que os comporte para se projetar no futuro. Remetem a Hassoum (1996), para quem “[...] uma transmissão lograda oferece a quem a recebe um espaço de liberdade e uma base que lhe permite abandonar (o passado) para (melhor) reencontrá-lo” (apud ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 17). Desse modo, traduzem um movimento de báscula entre o passado e o presente, que permite se projetar no futuro, assinalando que os sujeitos podem percorrer esse processo, fixando-se em alguma das etapas, ou conseguir se modificar e mudar. Esse conceito estaria amplamente relacionado ao de interculturalidade, descrito anteriormente, no formato de junção do novo e do velho, na constituição da intersubjetividade.

As autoras abordam o conceito de identidade atrelado à cultura e terra de nascença. Mas, frisam que “[...] a territorialização não garante a identidade – esta se produz pela evocação da palavra, pela escrita e por outros modos de transmissão” (ROSA; CARIGNATO, BERTA,

2006, p.6). Porém, trataremos agora sobre o tema da língua, veículo de transmissão e compartilhamento da cultura e da história.

3.7. QUESTÕES SOBRE A LÍNGUA

A língua ajuda a visualizar o trânsito intercultural, na medida em que afiança a língua passada, para dar espaço à nova língua por advir no país de migração. Perguntamo-nos: quais são os processos internos que se desenvolvem, quando o sujeito aprende uma segunda, terceira ou quarta língua? Como poderia se expressar, partindo do mais profundo das emoções, senão através da língua materna?

Pensamos que escolher a língua materna como veículo de comunicação vem colaborar para que os sujeitos possam se expressar livremente, sem ter esse empecilho capaz de travá-los. Selvatici (2007, p.6, tradução nossa) destaca que

[...] a análise realizada na língua dos pacientes constitui-se como um dispositivo que oferece uma membrana imaginária que mediatiza os excessos difíceis de metabolizar. Frente a um verdadeiro desgarramento das envolturas psíquicas que a migração gera, a criação de uma membrana constituída pela língua em comum, diferente da aquela do país em que a análise se realiza, representa a construção de uma espécie de envoltura narcisista transicional que poderá ser, por sua vez, objeto de análise. A membrana linguística que rodeia pacientes e analista remete ao que Anzieu denomina como o espelho sonoro, prévio ao visual. Se pensarmos junto com Anzieu que a necessidade de sobre investir a envoltura narcísica parece como a contrapartida defensiva de um fantasma de pele desgarrada, a possibilidade de criar uma nova matriz para esse eu pele, que apresenta déficits em suas funções de paraexcitação, constitui-se em uma nova construção psíquica.

Selvatici (2007, p.6, tradução nossa) também salienta que “[...] a membrana sonora da língua compartilhada não é um mero depósito de sensações, imagens e afetos, mas se constitui em uma experiência transicional que procura nomear e comunicar as mesmas experiências.”

A língua materna é um fator importante que traça uma aproximação entre sujeitos, porque sentem que os vínculos parece já portar um tecido preestabelecido, o qual os ampara, ao compartilhar um idioma comum. Talvez isso encubra certo padecer, na hora de se expressar na língua estrangeira, já que pareceria que só a língua materna possibilita exprimir-se de modo mais autêntico e claro.

Para Koltai (2011, p.1), “[...] os sujeitos ao falar na língua materna a nomeiam como um território, o que explica porque os migrantes mencionam rupturas e travessias, de passagem

do *heimlich*, a língua perdida, para o *unheimlich*, esses outros lugares ainda estrangeiros”. Reconhecer essa quebra representaria uma elaboração de um luto pela língua materna abandonada e obrigaria a um trabalho psíquico que significa apropriar-se da migração, juntamente com a perda da língua referente. Aquele que emigra tem que cuidar dessa passagem de uma terra a outra, de uma língua a outra, de um universo conhecido a um por conhecer e descobrir. Esse processo pressupõe um trabalho psíquico vincular, de elaboração, de aceitação da mudança. Na medida em que a mudança possa ser pensada como ruptura, algo do *heimlich* conhecido se quebra, dando espaço ao descobrimento daquele *unheimlich* que aguarda por ser descoberto. Somente a partir da elaboração da mudança é que aquele universo novo, o qual aparece aos olhos do migrante, pode começar a ser tramitado, conhecido e apreendido. Trata-se de um movimento de abandono que habilita à conquista de um novo universo: se o sujeito se apropria do que abandonou ativamente, conseguirá fazer-se dono de sua própria escolha, apropriar-se da terra para a qual emigrou e tornar-se dono, conseqüentemente, também da nova língua.

Kaës (1998, p. 63, tradução nossa) enfatiza, a respeito do tema da língua:

Em uma passagem sobre a análise da migração entre os povos, "disse Deus aos povos quando lhes atribuía uma língua: aos egípcios, vocês falarão o egípcio, aos gregos, vocês falarão o grego; aos franceses vocês falarão o francês; aos alemães vocês falarão o alemão; mas a um povo que habita o sul de Egito, próximo do Sudão, Deus lhes teria dito: falem o que quiserem".

O autor aponta a situação de perda da língua como unidade cultural de pertencimento a um código comum, como se fosse o abandono de Deus. Salienta como a sustentação dos laços sociais tem que ser feita de forma violenta, em um ato de confirmação, mas, por outro lado, marcaria uma situação de exílio como necessária para pertencer a essa cultura.

A língua fica em um lugar de privilégio, ao se definir a cultura e como ela nos faz pertencentes a um código comum com outros, assim como reforça um nível de pertencimento a uma dada comunidade, porque nos faz sentir que dela fazemos parte, trazendo-nos segurança e continuidade. No outro extremo, frente à perda de língua como referência compartilhada, os sujeitos se encontrariam em uma situação de exílio e expulsão, em sentido metafórico, ou seja, não incluídos em código comum nenhum. A necessidade de pertencimento imprime aos sujeitos, no campo social, uma quota de violência que tem que ser percorrida como preço a pagar.

A língua estrangeira também poderia permitir ao sujeito dizer aquilo que na língua do país natal seria intolerável e difícil de ser escutado por ele mesmo. Como salienta um expatriado: “Só consigo falar mal de meus pais em português; em francês não conseguiria dizer o que estou dizendo para você aqui.” Desse modo, diz em uma língua estrangeira o que não pode ser dito na língua materna.

A perda da língua materna como meio de se comunicar corresponde a uma perda do laço com a cultura de origem e à ruptura com o marco conhecido pelo qual as pessoas circulavam e de que se sentiam parte. Esse trânsito acarreta um choque cultural, já que o estrangeiro se vê participando de outra cultura sem conhecer seus códigos implícitos e, para chegar a compreendê-los, seria necessário um processo intersubjetivo de apropriação. Na hora da comunicação, a possibilidade de se expressar na língua materna oferece uma membrana protetora imaginária como situação de amparo, ante a perda dos referentes sociais culturais que o identificam e o integram ao contexto social conhecido.

Perguntamo-nos: que traços inconscientes circulam através da língua? Como os sujeitos transmitem os mais profundos sentimentos, desejos e anseios? Quando um estrangeiro percebe que pode se comunicar com outra pessoa, em uma língua conhecida, sente-se menos exposto a diferenças e a situações de estranhamento. Um estrangeiro dizia: “Chega um momento do dia que não aguento mais tentar entender o que falam em português: é como se abaixasse a cortina; não escuto mais português e fico em meu próprio mundo e com minha língua.” “Chega uma hora do dia que começo a falar para meus colegas de trabalho em espanhol, não aguento mais; creio que nem me dou conta de que fiz o *switch*”. “Sinto-me aliviado ao saber que não tenho que me esforçar mais”.

Vemos como ficam lado a lado a língua materna e a língua estrangeira, que é desconhecida, trazendo um registro do sentimento de *unheimlich* pelo ameaçador da experiência e também como o “ajeno”⁵, o qual parece inexorável, opaco, figura que estabelece um nós e os outros, desenhando uma fronteira entre o conhecido - familiar - cultura de origem, e um desconhecido - alteridade - inquietante.

⁵ Aprofundaremos o conceito de “ajeno” no próximo capítulo. Usamos o termo “ajeno”, em espanhol, pois não achamos na língua portuguesa nenhum sinônimo que o traduza com seu sentido próprio. Se for traduzido como “alheio”, pode dar possibilidade a uma má interpretação do termo, pelos vários significados que a palavra tem, em português. O termo, tal como usado aqui, inclui os conceitos de estranho, estranhamento, alteridade, diferença radical.

Como paradoxo, vemos como a pessoa se comunica na língua materna, porém, utiliza um termo em inglês, *switch*, situação que estaria na contramão do sentimento que estava tentando dar conta, em sua própria língua.

Talvez, para esses sujeitos, a língua comece a se assemelhar à torre de Babel, constituindo uma língua própria, produto de todas as culturas conhecidas através da convivência e compartilhamento de espaços comuns. Estaríamos nos defrontando com uma instância intercultural que surge por meio da língua, quando os sujeitos se veem expostos a diferentes idiomas. No entanto, todas essas hipóteses serão questionadas e confrontadas com os casos clínicos, mais adiante.

3.8. SIGMUND FREUD FRENTE À PERDA DA LÍNGUA MATERNA NO EXÍLIO

Trabalharemos agora sobre o processo vivido por Freud, em função da mudança de língua no país de exílio. Esses achados foram feitos pela pesquisadora em forma paralela ao percurso da pesquisa sobre a interculturalidade, e pensamos que serve para ilustrar, de modo geral, os processos psíquicos em face das mudanças de país, língua e cultura.

Com a inauguração do Museu Freud, em Londres, acham-se os manuscritos do diário que Freud escreveu em folhas soltas e que sempre estavam no topo de sua escrivaninha, decidindo-se compilá-lo e publicá-lo. O diário começa nos relatos em Viena e continua em Londres. Chama-o de *Crônicas breves*, título que fazia alusão a um relato jornalístico da vida de Freud, no qual cita aleatoriamente os eventos vividos corriqueiramente. Essa faceta de Freud repórter permite que sua escrita não tenha em consideração o leitor, mas que consiga escrever e rabiscar eventos cotidianos para si mesmo. O diário está tingido, nos últimos anos, por dois eventos paralelos, a invasão nazista na Segunda Guerra Mundial, situação a partir da qual a família Freud teve que emigrar para Londres; e seu estado de saúde muito deteriorado, já tendo ultrapassado vários anos além das previsões médicas. A proximidade com o fim da vida, a guerra, o exílio e sua doença são o pano de fundo para a escrita do texto *O mal-estar na civilização*.

O exílio foi um ato desesperado da família Freud para evitar o cerco nazista, ao mesmo tempo em que cumprem um sonho de infância de Freud, que era viver na Inglaterra, e seu desejo mais íntimo de "morrer em liberdade" (FREUD, 2000, p.19). Seus meio-irmãos tinham se

mudado para Manchester, e Freud sempre teve muitas ligações com a cultura inglesa, além de falar e escrever inglês perfeitamente; mas persistia um obstáculo:

Alguns dias depois da emigração, em 11 de junho de 1938, Freud escreveu para o psicanalista suíço Raymond de Saussure: “[...] talvez lhe tenha passado despercebido o único ponto que o emigrante sente de forma tão particularmente dolorosa. É — inevitável dizer — a perda da língua na qual vivíamos e pensávamos, aquela que nunca conseguiremos substituir por outra, apesar de todos os esforços de empatia. É com dolorosa compreensão que observo como formas de expressão, não obstante familiares, me falham em inglês e até com Isso⁶ [Es] tenta resistir a abrir mão da escrita gótica familiar”. (FREUD, 2000, p.19).

Vemos como Freud transmite sua dor pela perda da língua materna, sentindo que isso se constitui em um estorvo na hora de se expressar. O diretor de pesquisa do Museu Freud em Londres, Michael Molnar, conta, ao citar a carta, que Freud sabia inglês, italiano, estudou francês em Paris, com Charcot, aprendeu espanhol com o amigo Silberstein e escreviam-se cartas entre si; tinha aprendido no colégio duas línguas “mortas”, grego e latim, mas, ainda assim, a língua continuava a ser um empecilho. Além e aquém da cultura poliglota que ele tinha, a língua materna parecia ser sua maior referência, na hora de se expressar.

Molnar adverte que Freud está nos contando sobre a luta interna que se debatia dentro de seu inconsciente (Isso), entre a escrita gótica e a escrita latina. A escrita gótica persistiu na língua alemã até o século XX, porém, escrever em alemão significava escrever em letra gótica. Por outro lado, escrever em inglês significava escrever na escrita latina. Aqui nos defrontamos com o debate interno de Freud, entre o abandono da língua materna para se comunicar na língua anglo-saxônica, e a adoção da letra latina, como forma de aceitação da migração e da língua do país que o tinha acolhido.

O diário estava escrito em uma mistura de duas línguas e de duas formas de expressar-se. Conforme Molnar (2000, p. 19), “[...] mesmo no seu limitado registro, há pequenos reflexos do 'exílio da língua' do qual Freud queixava-se para Saussure”. No momento da invasão alemã à Áustria, esta é assinalada com um epitáfio em latim “Finis Austriae”, que Molnar entende como “[...] frase que está sobrecarregada de implicações: enterra um país e uma cultura por inteiro, como se não houvesse mais nada por dizer, enquanto que, ao mesmo tempo, parece oferecer o triste consolo de se ter uma perspectiva universal dos tempos difíceis”(2000, p.19). O único momento no diário em que escreve em inglês é para marcar a Noite dos Cristais Quebrados para os judeus, momento em que Freud tenta se distanciar do evento anotado,

⁶ "Es" é o pronome pessoal neutro da terceira pessoa, mas aqui está grafado com letra maiúscula.

porque o impacta grandemente. Entretanto, com exceção de algumas datas anotadas em inglês, nunca mais o retoma no diário como língua de expressão. Molnar (2000, p. 20) sublinha que, "[...] mesmo neste nível mínimo de expressão, a inércia da língua materna prevalece. Escritas ou faladas, as palavras ainda eram por demais carregadas de um peso oculto para serem despreocupadamente transpostas".

A maior parte dos atendimentos feitos em seus últimos anos em Viena era a estrangeiros, já que a situação econômica fazia difícil o acesso à análise a pacientes vienenses; porém, Freud vinha se comunicando e trabalhando em várias línguas diferentes do alemão, principalmente o inglês. Molnar (2000, p. 20) ressalta que, "[...] muito antes da política levar Freud ao exílio, a economia já lhe impusera uma língua estrangeira no seu trabalho".

Mas foi uma paciente, dessa época – H. D. –, por certo muito sensível e que era poeta, quem pôs em palavras o modo de se comunicar freudiano:

Ele poderia estar falando grego. O belo tom da sua voz tinha um jeito de tirar uma locução ou uma frase em inglês do seu contexto (do seu contexto associado, ou melhor, da língua como um todo) de tal forma que, embora estivesse falando inglês sem qualquer traço perceptível de um sotaque, mesmo assim estava falando em uma língua estrangeira. (MOLNAR, 2000, p.20).

A poeta nos descreve um Freud sempre estrangeiro, quando não for em sua língua e terra natal, porém, ficam as marcas nele do que denominava como "[...] a língua na qual se possa viver e pensar".

Conservamos, por conseguinte, este achado sobre o parecer e as reflexões do criador da Psicanálise diante da perda do alemão como língua materna para se expressar.

4. PSICANÁLISE DAS CONFIGURAÇÕES VINCULARES

"Can you tell me where my country lies?"
said the unifaun to his true love's eyes.
"It lies with me!" cried the Queen of Maybe
- for her merchandise, he traded in his prize.
Dancing with the moonlight knight.

(Genesis, 1973).

A teoria escolhida para o aprofundamento e interpretação do material de pesquisa é a psicanálise e, mais especificamente, a leitura vincular e intersubjetiva da teoria da psicanálise das configurações vinculares. Aprofundaremos esses conceitos teóricos que darão suporte a nosso olhar, na presente pesquisa.

A teoria das configurações vinculares pode ser entendida como um estudo psicanalítico dos vínculos e uma ampliação da psicanálise tradicional freudiana. A psicanálise tradicional coloca o olhar no indivíduo, focalizando-o a partir de seu mundo intrapsíquico. A psicanálise das configurações vinculares parte de uma clínica do conjunto, que desenha um inconsciente vincular. Este, à maneira de uma estrutura ou de uma rede, estaria subjacente aos vínculos: no casal, na família, nos grupos e nas instituições. (WEISSMANN, 2009, p.60).

A teoria das configurações vinculares descreve um aparelho psíquico vincular com três espaços psíquicos: o intrassubjetivo, o intersubjetivo e o transubjetivo.

Na hora de definir o aparato psíquico vincular, defrontamo-nos com uma conceituação diversa do aparato psíquico descrito por Freud, já que inclui nela os objetos significativos, os relacionamentos e vinculações inconscientes e o social, que os atravessa. Por isso, esta teoria desenha um aparelho psíquico com três espaços que o configuram, com uma tópica formada pela inscrição representacional e o investimento do intra-subjetivo, do intersubjetivo e do transubjetivo. (WEISSMANN, 2009, p.91).

Berenstein e Puget (1997), no livro *O vincular*, definem os três espaços psíquicos como “[...] um modelo de aparato psíquico no qual se organizam zonas diferenciáveis nomeadas como espaços psíquicos, metaforizando um tipo de representação mental e vincular que o eu estabelece com seu próprio corpo, com cada outro ou outros e com o mundo circundante” (BERENSTEIN; PUGET, 1997, p.21).

No *Dicionário das configurações vinculares*, os três espaços psíquicos são definidos por Pachuk e Friedler (1998) como “[...] lógicas ou sistemas de inscrições representacionais que

implicam dinâmicas diferentes e que têm vigência desde o começo da vida como um registro triplo” (PACHUK; FRIEDLER, 1998, p.445).

Trabalhei sobre o tema do aparelho psíquico vincular, no livro *Famílias Monoparentais*, tentando descrevê-lo e discriminá-lo, ao mesmo tempo, da seguinte maneira:

Na hora de pensar sobre a constituição do sujeito, dita conceituação ganha força, porque se define o sujeito como determinado tanto pela relação com seu ego-corpo e o pulsional, como no vínculo com o outro e com os outros com quem habita o espaço público, sendo outro modo de caracterizar esse lugar chamado de social. O sujeito se sustenta na pertença inerente ao vínculo e, na identidade inerente ao ego, ambos contribuem para a construção da subjetividade. O mundo interno, o dos outros e o público funcionam como três mundos distintos e alheios. O sujeito é produzido por eles; às vezes é em quem se produz subjetividade e em quem esses mundos se articulam ou se dissociam.

Esses espaços demarcam bordas, algum tipo de organização e brechas, nas quais os espaços se diferenciam e se interceptam, por sua vez. São originários em sua constituição, fundam-se a partir do interior do psiquismo e do mundo externo. Cada um desses espaços tem vida própria com as suas representações também, e em todos eles se constituem os pilares do sentimento de pertença. Os espaços instituem subjetividade e é o sujeito que os relaciona, os liga ou os associa.

Cada espaço tem determinações próprias e específicas, mas podem ser adjudicados a outro espaço por deslocamento... Essa conceituação nasce da necessidade de outorgar um espaço dentro do psiquismo igualmente à realidade externa e aos vínculos. (WEISSMANN, 2009, p.92-93).

O espaço intrassubjetivo, descrito na psicanálise clássica como o espaço intrapsíquico, contém os objetos internos e as fantasias de cada sujeito. Estrutura-se a partir das identificações com aqueles outros significativos externos que deixam suas marcas internas no espaço intrassubjetivo. Desenha-se de modo intraterritorial, descrevendo o mundo interno próprio de cada sujeito, trazendo consigo a história a partir das pegadas infantis até as mais atualizadas. Inclui um mundo interno conformado pelos objetos internos, parciais e totais, que foram se imprimindo em cada sujeito, estruturando as relações de objeto com esses objetos. Esse espaço parte da ausência do objeto, porque se arma a partir daquelas pegadas internas introjetadas intrapsiquicamente e orientadas pelo desejo e a defesa.

O espaço intersubjetivo, por outro lado, privilegia os vínculos do sujeito com o outro, estamos falando de dois ou mais sujeitos unidos por um conector que chamaremos de "entre". Precisa-se da presença dos sujeitos para criar esse "entre" que só se estruturara na intersubjetividade. Neste espaço os sujeitos também estão definidos pela extraterritorialidade, ficando um e outro, defrontando-se com as diferenças na alteridade que cada sujeito delineia só com sua presença. Um se comporta como opaco para o outro, já que sua presença faz o sujeito se

deparar com esse outro impossível de anular ou apagar. "O vínculo entre dois sujeitos se constrói na presença deles. Essa presença delineia uma diferença fundamental entre um e outro, porque demarca uma alteridade de um em relação ao outro" (WEISSMANN, 2009, p.97).

O espaço intersubjetivo caracteriza-se pela dupla direcionalidade dentro do vínculo, porque se arma uma ida e volta entre cada um dos sujeitos que constituem esse vínculo. Esses intercâmbios geram modificações inconscientes nos vínculos, uma vez que não temos como não nos deixar afetar pelo outro. O outro aparece sempre com um perfil de novidade, para surpreender e criar vincularidade. Esse movimento não poderá ser antecipado, já que está sempre em movimento, em constante modificação, e criando subjetividade. O outro gera no sujeito uma situação que não poderia ser nem poupada, nem negada. Berenstein (2004) afirma que, no interior do vínculo, se gera para o sujeito um "[...] caráter de obrigatoriedade porque deve criar um lugar ao outro onde antes não o tinha; fazer uma marca que traz um novo significado em cada sujeito do vínculo" (BERENSTEIN, 2004, p.39). O encontro com o outro habilita ao sujeito a descobri-lo e, ao se descobrir, respectivamente, estabelece-se assim um movimento de ida e volta na constituição subjetiva do vínculo e que poderíamos nomear como "um fazer vincular". Visualizamos, assim, um trabalho de vínculo dentre esses dois sujeitos outros, respectivamente, para cada um de si.

Os diferentes espaços trazem lógicas diferentes, no espaço intrassubjetivo, de sorte que nos encontramos com a impossibilidade de presença, por estarmos aludindo a representações que aparecem no lugar dos outros significativos, ou seja, na falta deles, no espaço intrapsíquico, referimo-nos às marcas internas. No espaço intersubjetivo, os vínculos veem-se sujeitos à impossibilidade da ausência, pois apenas através da presença dos outros é que se estruturam os vínculos, o outro aparecendo como limite à presença do sujeito. Sem o outro, não posso construir um vínculo, nem constituir o espaço intersubjetivo com seu registro inconsciente.

Na singularidade do vínculo se constituem os sujeitos em um duplo caráter de alheio e de novidade. O alheio do outro é dado por uma presença que sistematicamente não se pode fazer própria, não se pode incorporar, a qual se deverá fazer-lhe um lugar. Na constituição de um lugar novo dentro do vínculo, vemos como o outro suplementa, amplia, adiciona ao outro sujeito do vínculo, criando um lugar novo para outro novo que nunca existiu nesse vínculo, também ele novo. Dentro dos vínculos significativos, os sujeitos terão que admitir que o vínculo os modificou, já que cada sujeito não permanece igual ao que foi anteriormente. (WEISSMANN, 2009, p. 102).

As diferentes culturas deixam inscrições pertencentes ao espaço transubjetivo, espaço que alberga as marcas sociais e culturais dentro do psiquismo. Estamos falando de marcas transubjetivas inscritas em um espaço específico, as quais não apagam nem tampam as marcas dos outros espaços psíquicos, antes descritos; trata-se de espaços diferentes, com inscrições diversas e com lógicas distintas.

Só através do espaço transubjetivo é que a realidade exterior entra para fazer parte da situação psíquica. Essas marcas psíquicas, impressas a partir do contexto exterior, raramente foram tidas em conta pela psicanálise clássica, mas os autores contemporâneos começam a pensar que tanto pacientes quanto analistas estamos inseridos em um contorno cultural comum a todos, que também nos delinea e nos faz diferentes aos sujeitos que pertencem a outros ambientes culturais. Puget usa o termo "mundos superpostos" para pensar como analistas e pacientes ou, em outras palavras, todos os sujeitos que compartilhamos um específico contexto cultural nos constituímos com marcas subjetivas culturais específicas. A cultura estrutura igualmente psiquismo, o mundo exterior molda nossos relacionamentos, nossa forma de pensar, de resolver problemas, de sentir-se frente aos costumes de nossos antepassados etc. Também somos moldados e marcados pela época na qual nos toca viver e pelos momentos históricos e sociais que vivemos. Esse conceito amplia nosso olhar sobre o sujeito que a psicanálise das configurações vinculares agora nos apresenta; porque não nos referimos a um psiquismo intrapsíquico, mas a um aparelho psíquico vincular e social, inserido na sua cultura, em seu tempo e em sua sociedade. Concluimos assim que o social, o histórico e o cultural estruturam o psiquismo inconsciente em um olhar vincular que inclui e abrange outros cenários, os quais, assim, imprimem subjetividade.

Alguns autores assinalam – entre os quais está Marcelo Viñar – que ditos espaços psíquicos, por momentos, são difíceis de diferenciar e discriminar tão claramente, ao se tentar estabelecer espaços diversos com suas respectivas representações. Em algumas situações clínicas, defrontamo-nos com zonas turvas e difusas, não claramente discrimináveis, como pertencentes a cada um dos três espaços psíquicos antes mencionados. Caracterizam, assim, zonas de incerteza entre os espaços psíquicos que propiciam pensar o psiquismo e suas inserções como uma possível probabilidade na demarcação dos espaços psíquicos. Pensamos, desse modo, um olhar psicanalítico que deixa espaços abertos para se continuar teorizando e compreendendo.

Puget foi a psicanalista que aprofundou discussões sobre os registros do social, a partir das imigrações forçadas que as ditaduras militares instituíram sobre os sujeitos e, com essas

experiências, começa a se perguntar sobre as marcas que o social arma no psiquismo, baseando-se no trabalho desenvolvido em análise com grupos terapêuticos. A autora descreve os espaço trans subjetivo desta forma:

A representação originária desse espaço é de uma continuidade oceânica entre o ego e o outro, ambos incluídos em uma dimensão do infinito. O vínculo entre o mundo externo e o ego se estabelece sobre a base de um acordo inconsciente vivido como as raízes que o inserem em uma zona geográfica e social determinada. (PUGET, 1989, p.32).

Por sua vez, Puget também o define, no *Dicionário de configurações vinculares*, como “[...] uma inscrição em um espaço da mente, com representações sociais que estão relacionadas com ideologia, religião, poder e pertences” (PUGET, in FRIEDLER; PACHUK, 1998, p.447).

Por outro lado, o espaço trans subjetivo é descrito por Ventrici e Zadunaisky (1998) como

[...] o conjunto de representações do mundo real (social e físico) em que o ego as adquire diretamente, desde o momento originário, assim como pela mediação do super-ego dos pais. O sujeito é tanto sujeito do mundo quanto da estrutura familiar”. (VENTRICI; ZADUNAISKY, in: FRIEDLER; PACHUK, 1998, p.433).

O espaço trans subjetivo é igualmente salientado como aquele que se vincula ao contexto em que vivemos e que construímos, à linguagem compartilhada com outros, à comunidade na qual nascemos, com suas ideias e crenças, aos fatos históricos que a armaram, às tradições e mitos como explicações para o cotidiano de cada povo etc. Geralmente aparece como um espaço mudo e inconsciente e só surge na superfície quando se perde o entorno habitual, nas mudanças ou migrações, ou quando este é modificado. Porém, sentir-se estrangeiro ou à margem do social faz aparecer o espaço trans subjetivo que anteriormente permanecia oculto. As migrações trazem luz sobre novas pertencas e novas inserções sociais, no mesmo instante em que definem falhas ou perdas da continuidade do convívio social e trans subjetivo, anteriormente inconsciente. O sentimento de pertença inclui os sujeitos em um "nós" compartilhado, o qual aparece como sustento narcísico e apoio, dentre uma comunidade de outros. Apoia-se na necessidade de se sentir participando de um pertencimento comum a outros mancomunados em um elo conjunto que permite sentir-se sustentado por e com outros, ao mesmo tempo em que forma parte de um conjunto comum e estável.

Partimos de Freud, que, na psicanálise clássica, nomeia o tabu do incesto como aquele organizador social que estrutura e ordena a cultura. Dito tabu organiza os seres humanos dentro do social, transmitindo-se de família a família, de pais a filhos, de uma geração a outra,

estruturando o convívio social e os relacionamentos. No entanto, faz parte do espaço transubjetivo. Os autores da teoria da configurações vinculares tomam emprestado o conceito do social, utilizado na antropologia, para relacionar o tabu do incesto com a diferenciação social da exogamia e endogamia, pela qual se ordenam aqueles seres humanos passíveis de serem escolhidos para constituir uma nova família e aqueles proibidos. Vemos delineado, desse modo, um caminho a percorrer que habilite em cada um de nós um modelo de procura para conseguir estabelecer a inserção na cultura e no social de cada sujeito que a conforma. Esse percurso demarca uma direccionalidade definida, parte da natureza em direção à cultura, do momento de nascimento, mais atrelado à biologia, em direção à obtenção, para o sujeito, de um lugar dentro da sociedade.

Esta pesquisa tentará compreender principalmente como o espaço transubjetivo e o intersubjetivo deixam marcas que estruturam o sujeito desde o nascimento, em relação à cultura e aos vínculos, e como o sujeito se constitui no trânsito veloz por diversos países e culturas em que fixa temporariamente sua moradia.

Cada subjetividade se instaura a partir de outro, e também através dos outros, que, em sua pluralidade, participam do espaço macro, de um cosmos determinado, de uma dada cultura e de um espaço transubjetivo comum a outros iguais.

Essas experiências de “estrangeiridade”, de se sentir estranho ao contexto, sentindo-se diferente entre iguais, são as que serão levantadas na clínica psicanalítica com estrangeiros, e essa tarefa produz um trabalho de questionamento que pulsa e lança um pensar baseado na escuta da vivência que os atinge. Viñar (2009, p.126, tradução nossa) enfatiza que

[...] a condição humana não se desenvolve somente nos processos endopsíquicos identificatórios, no espaço intimista da peripécia edípica. Requer-se que o que precede se sustente em um laço social que providencie uma trama para uma filiação, uma pertença e um reconhecimento do grupo.

Será isso o que se quebra, em uma experiência migratória? Continuamos nossa procura na psicanálise.

4.1. SUJEITO INSCRITO NO SOCIAL

Perguntamo-nos como pode um sujeito se estruturar, sem um contexto transubjetivo estável que o sustente e lhe permita se definir, a partir de sua nacionalidade. Esses traços culturais caracterizam e outorgam identidade, atribuem um lugar no mundo, a partir do qual surge um ser nacional, um ser com uma língua, com um pertencimento que nos dá origem como sujeitos do mundo, como sujeitos sujeitados a um contexto, a uma terra, a um universo de iguais, a uma cultura com sua especificidade. Sujeito amarrado a outros por um laço social que o define e o inclui em um conjunto de semelhantes os quais estruturam esse nós comum e único.

Para nos aproximarmos do tema, citamos as psicanalistas Rosa, Carignato e Berta (2006), que descrevem esse transcorrer pela cultura como um modo de sair de si mesmo, em uma constante redescoberta, a qual habilita a se fazer dono de seu próprio desejo, com base em uma contínua redefinição de si. Assim explicitam:

A entrada do homem na ordem da cultura dá-se através da perda do mito de pertencer a um conjunto que lhe proporciona uma identidade e lhe deve o reconhecimento e a realização. Entrar na cultura supõe acatar, fazer suas as regras de funcionamento da conjuntura. Mas não só. A sua condição de sujeito dividido supõe que carregue a exclusão, a insatisfação, e dá-lhe o direito de transcender ao lugar em que é colocado e apontar na direção de seu desejo. Migrar, emigrar, de novo. (ROSA; CARIGNATO; BERTA, S. 2006, p.8).

Nesse sentido, aludem a um emaranhado, no qual o sujeito, além de ser para a cultura e para os outros, nos vínculos, também é para si mesmo, na busca de seu desejo.

Fernandes (2005) desenvolve um estudo sobre morar na cidade com um olhar intersubjetivo psicanalítico. Ressalta que as cidades se encontram divididas e diferenciadas entre espaços públicos e privados, mas geram uma geografia de exclusão, dividindo espaços de acordo aos diversos segmentos sociais dos sujeitos que neles moram. Porém, a cidade contém, ao mesmo tempo, a classificação, junto com a eliminação, diferenciando-se os espaços, no mesmo momento em que se excluem como dejetos, junto a seus moradores. A concepção do espaço tem-se transformado conforme as épocas e as culturas de que faz parte. No entanto, cada cidade porta uma determinada lógica que a organiza e a vincula com sua própria história. Os espaços habitados carregam o aconchego, com o sonho e o devaneio, ligando assim os homens às suas moradas atuais e antigas.

Paradoxalmente, atualmente, o mundo de hoje globaliza os lugares e obriga a um rearranjo de fronteiras. Com a reestruturação do espaço cria-se uma nova geografia (econômica, política, etc.) da globalização e há a emergência de uma nova "família

de lugares" (Santos, 1994, p.121)... procurar compreender o movimento contínuo da vida e a construção permanente de modos de viver, de práticas do viver, que têm uma velocidade e um tempo impossíveis de se aprender. (FERNANDES, 2005, p.79-80).

A autora se pergunta como os sujeitos constroem uma delimitação espacial interna e chamam a um determinado lugar de “casa”. Segue as ideias de Kaës (1998), que sublinha, do ponto de vista psíquico, uma construção a partir de dentro do sujeito e a partir de fora, ao modo de uma forma de ordenamento espacial, sociocultural e temporal, construindo, dessa maneira, a subjetividade.

Para alguns, o tempo seria responsável pelo sentido de familiaridade enraizado nas rotinas, nas coisas e na experiência de interioridade. O ambiente físico e o espaço construído e habitado seriam uma espécie de sustentação da memória que, em parte, estabelece quem somos, e de onde viemos. Uma identidade ligada ao passado e ao futuro... Compreender o que seja morar nos diversos lugares de uma Cultura e nas diversas culturas, exige a busca por identificar nas construções, nos objetos da moradia e na sua disposição, criando os ambientes, uma inscrição ornamental. Tudo comporia e mobilizaria representações, valores, sistemas de significação que estão na base da constituição da identidade, seja de um sujeito seja de um povo, de uma cultura, numa cidade. (FERNANDES, 2005, p. 81).

Fernandes (2005) discute a ideia de mestiçagem como ferramenta para pensar a mistura dentro da herança cultural transmitida através das gerações, e que se manifesta nos modos de ser dos cidadãos de diversos lugares e nas formas de morar e viver, habitando os espaços e territórios, pensando ainda se essa forma de guardar diversos traços seria uma maneira de preservar as diferenças, apesar das misturas e intercâmbios étnicos e culturais.

A cultura, o contexto geográfico, a terra de nascença, junto com os sujeitos que moram nela, nos conferem uma marca de identidade, inscrição transubjetiva, marca cultural que nos inscreve, terra que nos outorga suas raízes e sua língua, inserindo-nos em um código humano que nos possibilita “serem sujeitos de” tal lugar. Essas são marcas de origem primária: a língua na qual fomos aninhados, o tom das canções com que fomos acalmados, os gostos que nos satisfizeram – essas experiências primeiras que deixam marcas pictográficas no psiquismo individual, conforme descritas por Piera Aulagnier (1979), no texto *A violência da interpretação*. Os cheiros, as marcas perceptivas, as representações proprioceptivas, um traço anterior à palavra que se inscreve como um sussurro, um tom de voz, um aroma, firmando inscrições às quais voltamos para nos serenar, mas que, por outro lado, também aparecem sempre latejando, inquietas.

O espaço transsubjetivo estabelece um contorno social conjunto, de contenção e de normas e valores, dentro do qual os sujeitos se inscrevem para formar parte dessa determinada cultura. Surge a pergunta: como se inscrevem os contextos sociais, nos seres humanos? Pela ideia de aparelho psíquico com três espaços diferentes, espaços que têm lógicas diferentes e específicas, visualizamos como cada registro se grava no espaço psíquico ao qual pertence; as representações intrapsíquicas no espaço intrassubjetivo, as representações vinculares no espaço intersubjetivo e as representações do sociocultural no espaço transsubjetivo. As marcas não se inscrevem umas sobre as outras, mas se complementam, se superpõem ou se dissociam; cada sujeito, na sua singularidade, estrutura essa trama.

A cultura e o social deixam suas marcas no psiquismo, através da transmissão transgeracional. Uma geração transmite a outra a lei que organiza a cultura e as marcas necessárias para a pertença social e cultural, assim como aquilo não representado. De acordo com Gomel e Matus (2011),

[...] a intersubjetividade em relação com o transgeracional [se define] como aquilo que surge pela coprodução vincular de dois ou mais sujeitos localizados em diferentes gerações [...] a continuidade psíquica das sucessivas gerações, a partir da pertença a uma cadeia genealógica, impõe uma exigência de trabalho aos sujeitos ligados em cadeia nela. (GOMEL; MATUS, 2011, p. 28, tradução nossa).

A transmissão é uma forma de perpetrar a cultura e habilitar a sua continuidade: transmite-se a lei, o proibido e o permitido, a ideologia, os valores, a língua, a história e o sistema de parentesco. Cada família estrutura um modo peculiar de transmissão, desenhando sua própria leitura, com base nas convenções culturais. Esse trânsito parte de um transmissor que comunica ditos valores culturais a um receptor, o qual recebe e reproduz o transmitido. Gomel e Matus (2011) afirmam que "[...] a transmissão resulta de um processo construído entre as gerações, fazendo limite em cada uma delas" (p. 28, tradução nossa). Mencionam dois tipos de transmissão: uma consciente - pré-consciente, que se transmite através da história familiar contada de pais para filhos, e outra, que é inconsciente e traz consigo pedaços da vida psíquica das gerações anteriores como bagagem para as gerações posteriores. Todavia, existe outra transmissão, a de conteúdos não processados, inscritos como um buraco e que se transmitem como um vazio, como um espaço em branco, como aquilo não representado, que beira o traumático não semantizado, cuja descarga se dá somente através da ação, via compulsão à repetição.

Aulagnier (1979), para pensar a inscrição da cultura nos sujeitos, cria o conceito de contrato narcísico, identificado como uma dimensão narcisizante da cultura para com o sujeito. Concebe, assim, um modo no qual se pode assegurar a continuidade das gerações dentro da sociedade.

Depois de aprofundar como a psicanálise pensa a inscrição do sujeito na cultura e que representações psíquicas deixa, vejamos, na sequência, como a psicanálise das configurações vinculares pensa o estatuto do outro, termo esse fundamental no conceito de vínculo.

4.2. QUEM É O OUTRO?

O sujeito advém ao mundo no vínculo, visto que, antes mesmo do nascimento, está-se estruturando um vínculo entre o *infans* e seus pais. Poderíamos asseverar que nascemos em vínculo e na intersubjetividade. Berenstein (2004) define vínculo como “[...] uma situação inconsciente que, ligando dois ou mais sujeitos, os determina em base a uma relação de presença” (BERENSTEIN, 2004, p.29). Estamos falando de uma relação entre dois sujeitos e um laço que os une, que podemos definir como o "entre". Os elementos conscientes e inconscientes estão presentes entrelaçados, constituindo representações vinculares propriamente ditas. O vínculo está permeado pelo conceito de presença, já que, dentro do vínculo, cada sujeito faz confronto no outro, somente com a sua própria presença. Um sujeito sempre se apresenta para o outro como um espaço de incógnita, como um sinal de pergunta que o outro desperta, ao trazer sua presença que o faz aparecer como outro mesmo, diferente, alheio, "ajeno".

Os vínculos se apresentam como grandes produtores de subjetividade, pois é com o outro que o sujeito dá espaço ao novo, no relacionamento. A tarefa vincular poderia ser descrita como um trabalho de construção a partir do outro, pois só na aceitação da alteridade do outro é que cada sujeito consegue se vincular realmente. Estar vinculados significa aceitar que esses dois sujeitos são dois outros respectivamente. Assim nos aproximamos da difícil e trabalhosa tarefa que propõe o outro como “ajeno”, diferente radical, alteridade, outro em sua mais abrangente definição. (WEISSMANN, 2009, p. 68-69).

Defrontamo-nos aqui com o "trabalho do vínculo", trabalho imposto pela "outredade" que cada um impõe ao outro, dentro do vínculo. O outro aparece como diferente, alteridade radical, cristal opaco que não permite ao sujeito ter a fantasia de vivê-lo como transparente e passível de conhecer na íntegra. Esse outro não totalmente compartilhável é aquele que porta

o desafio de crescimento, dentro do vínculo, na possibilidade de fazer um espaço para a novidade que o outro traz. Os vínculos podem, assim, se enriquecer e gerar uma trama de relacionamento mais complexa, na medida em que conseguem reconhecer a diferença que o outro traz consigo.

O outro, no vínculo, acorda um movimento constante de ir e vir, a partir do qual o eu e o outro se instituem mutuamente, destituindo lugares anteriormente determinados, no vínculo, e ensejando a emergência da novidade. Vemos como o sujeito institui o conjunto, no mesmo instante em que é instituído pelo mesmo, de sorte que mutuamente se constituem, um ao outro. Esse trabalho de vínculo descreve um fazer junto com outro, dentro da diferença e da novidade, construindo sempre em vínculo. Os vínculos podem ser produtores de subjetividade e de criação de situações de novidade; ou podem ir se esvaziando de sentido e se empobrecendo, assim como gerando situações de dor vincular em face da incapacidade de encontro subjetivo dos sujeitos ou da detenção vincular e falta de crescimento vincular.

Cada sujeito movimenta-se em função de seu desejo inconsciente em direção ao outro, na necessidade de vinculação, partindo da desamparo inicial no qual o sujeito nasce, já se dirige na busca do outro para fazer vínculo; mas isso vai além do desejo em si, porque o outro se apresenta com sua presença, como alguém diferente, e excede o desejo inconsciente do sujeito. Aqui nos defrontamos com o "ajeno" do outro propriamente dito, ou seja, aquele limite que o outro impõe ao sujeito, só por ser outro, com sua "outredade" dentro do vínculo. Porém, o "ajeno" do outro é aquilo que excede o desejo do sujeito e abre caminho para o aprimoramento do vínculo com o outro; só os sujeitos em presença gerarão um vínculo único entre eles. Esse vínculo com o outro abre um espaço para pensar e para gerar, no conjunto; por um lado, traz implícito o limite que o outro impõe e, por outro, produz possibilidades conjuntamente.

O outro aparece como representante do mundo externo, ao exceder o desejo do sujeito e ir além das projeções do outro, apresentando essa característica de diferença que tem que ser inclusa no vínculo. Na medida em que o outro é habilitado em sua diferença e novidade, isso também habilita ao eu modificar-se e reconhecer-se como diferente. Vemos como vai se armando um movimento que gera subjetividade, se a alteridade do outro e a diferença são aceitas no formato de "ajeno", sendo o limite último que o outro impõe no vínculo. Reconhecer o outro como "ajeno", negatividade radical máxima, diferente e alheio, implica

uma certa dor pela aceitação da diferença no mesmo ato em que isso gera subjetividade e reconhecimento, dentro do vínculo.

Berenstein (2001) salienta que “[...] todas as experiências possuem um momento inaugural ou ponto de partida desde o qual o ego, nesse vínculo, adquire como sujeito uma qualidade que antes não tinha”. E prossegue: “Esta idéia de produção de subjetividade restringe conceitualmente o campo da repetição” (BERENSTEIN, I. 2001, p.69). O autor demarca como os vínculos habilitam em sua construção a ir além da mera repetição, já que geram diferença e novidade, na aceitação do outro como "ajeno". Os vínculos instituem os sujeitos que fazem parte deles, no mesmo ato em que se constituem em vínculos significativos para os sujeitos que os conformam.

O conceito de "ajeno" é um eixo fundamental na psicanálise das configurações vinculares, visto que descreve a descoberta do outro no sujeito, como ideia de alteridade máxima e de habilitação para mudanças e abertura para o novo que os vínculos permitem, dentro deles. Segundo Berenstein, “[...] a "ajenidad" propõe uma bidirecionalidade radical, a qual chamaremos de vincular. Na diferença, cada um propõe ao outro uma "ajenidad" heterogênea e, a partir disso, haverá uma assimetria irreduzível” (2004, p.64). Salienta, nesse trecho, aquela diferença, impossível de ser transposta, que o outro carrega com sua mera presença. Frente às novas situações vinculares a que somos expostos, aparece a “[...] presença é novidade onde não a havia, não desestruturando o existente, mas suplementando o conjunto representacional com uma apresentação que depois instituirá outra representação, adicionando-lhe complexidade” (p, 65). Abre-se aqui o leque para a aparição de novas ideias no convívio com as anteriores, como forma de abrir a possibilidade de ampliação de sentidos e modos de interpretar a realidade, a partir dos vínculos que trazem diferença e "ajenidad".

A clínica vincular psicanalítica se mostra como um espaço privilegiado para circulação de sentidos de "ajenidad", dentro da transferência, pois o analista procurará abrir espaços para a aparição do "ajeno", nos vínculos. A análise vincular aparecerá assim como um lugar do reestabelecimento do "dois", da diferença, do novo, ali onde anteriormente só havia o "um", como significado único para ler a realidade e agir conforme. Estamos aqui nos defrontando com a passagem do "um" para o "dois", como forma de enxergar a realidade, semelhante a um caleidoscópio que apresenta várias nuances e tonalidades, as quais vão sendo descobertas ao longo da vida, se os sujeitos conseguem se abrir ao diferente e ao novo.

4.3. DO "AJENO" AO OUTRO ESTRANGEIRO

Recorremos aos fundamentos da teoria das configurações vinculares, para pensar o estatuto que o sujeito outorga ao outro e os impactos que este gera, tanto no vínculo quanto nos sujeitos que o conformam.

Berenstein (2001, p. 91) ressalta que o outro nos faz reformular o princípio de realidade e afirma que "[...] achar o outro "ajeno" é aceitá-lo como tal, já que dele se obtém uma nova significação, não tida previamente". Porém, consideramos que sempre saímos modificados dos vínculos com os outros, porque se defrontar com a parte alheia e outra, do outro sujeito, significa sair da mesmice quem antes nós éramos. "'Outro" é uma boa denominação para esse sujeito que, vivido como radicalmente "ajeno" e exterior, modifica-me fortemente com sua presença, ali onde não consigo continuar sendo eu mesmo nesse vínculo com esse outro" (p. 93).

Esse outro sujeito "ajeno" impõe-se e não permite que o eu o anule, uma vez que surge com sua presença, como uma figura opaca que não consegue se fazer conhecer por inteiro. Esse conceito de outro "ajeno" é fundamental, na teoria das configurações vinculares, já que colabora na definição do sujeito vincular com um psiquismo de três espaços diferentes com marcas peculiares cada um. Esses espaços complementares não se superpõem nem se anulam, só são diversos entre si.

De acordo com Berenstein (2001, p. 102), "[...] o 'ajeno' é essa qualidade dada pela presença que sistematicamente não se pode fazer própria, não se pode incorporar e a qual não obstante deverá fazer-se lhe um lugar, já que está ligada a um vínculo significativo para os dois."

O outro apresenta-se ao sujeito com uma condição de "outredade", e a presença dele implica uma falta de representação interna, todavia, esse outro é totalmente novo e diferente. Berenstein (2004, p. 47) enfatiza que

[...] "o "ajeno" é qualidade de "outredade" do outro e não poderá ser apreendida pela representação, porém o "ajeno" é impossível de se conhecer...Dado que o conhecível do outro está dado pela trama representacional, e esta mesma mostra seu limite já que não poderá incluir o que não se representa".

O vínculo com o outro se estrutura somente a partir de dois outros em presença, que, ao portar a “ajenidad”, favorecem a produção de algo novo entre eles. Comunicar-se com outro corresponde a um processo complexo, em que cada um tem que se fazer um lugar frente ao outro, armando um ajuste entre a representação do outro e aquilo que o outro é em sua “ajenidad”. Esse movimento de vaivém instaura um vínculo mais complexo que permite que seja sempre reescrito.

O "ajeno" do outro é impossível de ser representado, já que, dentro do vínculo, a presença dos que o compõem impõe um excedente que tem a ver com a novidade, que se estrutura quando o outro vai além do representado e conhecido. O "ajeno" não está inscrito e é irrepresentável *a priori*, só se conhecendo *a posteriori*.

Para Berenstein (2004, p. 216),

[...] o contato com o "ajeno" em um vínculo é da ordem do choque, não totaliza; pelo contrário, a relação com outro des-totaliza uma subjetividade e a outra, declara um vazio, algo incerto porque desde ali não poderá se predizer a direção futura do vínculo. Em esta outra dimensão adquire lugar o movimento imprevisível da fluidez. Toda ação propriamente humana baseia-se na singularidade e na modificação da subjetividade dos habitantes do conjunto.

Esse outro "ajeno" é estrangeiro de mim mesmo, se impõe e, a partir dessa imposição do outro, vai-se criar um encontro novo, entre dois que vão se conhecer como diferentes.

Puget (2013) relaciona o conceito de diferença ao de interculturalidade e situa ambos os termos em um lugar a partir do qual o sujeito fica desarticulado, porque a mudança cria um incômodo que desloca. Descreve os sujeitos contemporâneos como migrantes em movimento, com um desejo de serem donos dos diferentes espaços, os quais não o possibilitam, visto que os mesmos vão se modificando. "O migrante enriquece-se fundamentalmente por pertencer a diferentes culturas sem dar a essa pertença uma qualidade de permanência definitiva" (PUGET, 2013, p. 8). Apresenta-nos um contexto de constante trânsito e movimento, dentro do qual, por momentos, as situações se organizam de uma determinada forma e rapidamente se perdem, para se modificar, não ficando fixas em um determinado lugar. Menciona, assim, um migrante que sempre ocupa uma posição marginal, situando-se à margem da cultura dominante, pois esta não lhe pertence, de fato e de direito. Diante da interculturalidade, a autora pergunta-se sobre a possibilidade de estabelecer pontes, construir o “entre” que permita o trânsito de uma cultura a outra, situação que a define. Uma constante desse processo é a insegurança, que tem que ser tolerada, para dar espaço à criação de algo novo e habilitar,

assim, um espaço para as diferenças.

Deste ponto em diante, faremos a psicanálise das configurações vinculares intercambiar com outros autores, psicanalistas e não psicanalistas, que também refletiram sobre o conceito de outro, estrangeiro, estranho, sinistro, diferente.

Fernandes (2005, 2005, p. 83) afirma que "[...] a diferença está no coração da formação da cultura, como elemento essencial". Uma leitura psicanalítica dos constructos culturais poderia nos auxiliar a pensar sobre as invariantes inconscientes, as quais denotam diferenças culturais e surgem na arte, na língua, na religião. Para ela, a diversidade cultural supõe modelos de conhecimento e, nos casos de emigração e imigração, um modo de passagem na direção do outro e do estrangeiro.

Pôr em questão o saber sobre o outro e sobre si mesmo conduziria, tal vez, a uma crítica das categorias através das quais o outro é pensado. A condição para se pensar e para colocar em questão o próprio modelo de pensamento, é o outro; uma cultura da alteridade. (FERNANDES, 2005, p. 84).

A autora aprofunda o conceito de diferença, na obra de Sigmund Freud, ressaltando que geralmente está relacionado ao conceito de estrangeiro. No início da vida, associa-se ao desprazer e ao não-eu, mais tarde vem associado à experiência de perda da mãe, o que desperta ansiedades persecutórias e depressivas, estruturando um dentro e um fora. Mais adiante, atrela-se à alteridade, na diferença de sexos e das gerações, constituindo o não-o-mesmo. Na última instância aparece junto à saída do grupo familiar, no acesso à escola, quando o sujeito se experimenta em relação a lei e às normas fora da família, constituindo a categoria do não-nós. Essas categorias de diferença estão marcadas pelo signo do negativo, o qual Kaës (1998) enuncia. A diferença cultural merece ser definida, neste ponto:

A afirmação cultural é a consequência do reconhecimento simultâneo do 'nós' (os mitos, ritos, usos e costumes constituem um conjunto de marcas identificatórias, introjetado como 'nós') e da diferença cultural. Poderia ter como efeito a abolição, dentro do 'nós', de todo afastamento/diferença que poderia colocar em perigo o valor da integração e da unidade desejada, nos espaços e nas formações comuns e partilhadas (Kaës, 1998). (FERNANDES, 2005, p. 85).

A experiência cultural pode ser pensada, tomando emprestado o termo winnicotiano de espaço transicional, assim como também o conceito de Kaës de formação intermediária. Nessas conceituações, os objetos não são nem iguais nem estranhos ao ego, nem dependentes dele nem perdidos por ele, entretanto, partem de uma realidade psíquica plural, na qual os objetos

culturais têm duas “caras”, uma objetual e outra narcísica. Assim, seriam pensados esses objetos culturais como um espaço de trânsito, dentro de um todo.

A hipótese de formações psíquicas que permitam estabelecer as ligações, os elos, estariam na base da trama psíquica da experiência cultural. Elas se formam, se testam e se validam nas diversas formas de ligação e de agrupamento que formam a cultura e a cidade. Mas, não são conhecidas a não ser pela prova de “referência ao fora”, na fronteira que constitui correlativamente o nós e o estranho e nos valores negativos, perigosos, hostis, do caráter estrangeiro. (FERNANDES, 2005, p. 85).

A experiência cultural outorga a possibilidade de estabelecer um contorno comum, que ajude, através da solidariedade, a fazer as redes que permitam aos sujeitos migrantes se adaptar e gerar os ajustes necessários para garantir a sua própria vida, material, cultural e afetivamente. A cidade aparece aqui como um espaço dentro do qual se constroem alianças e traços comuns a todos os que a habitam, e que se sentem parte; além de assegurar, também, a construção das identidades pessoais, nascidas a partir dos relatos que armam a história de um determinado lugar, construindo-se desde dentro e também desde fora.

Aparece, desse modo, um processo de construção da experiência cultural, a partir dos sujeitos que a compõem, assim como na formação de um conjunto que se alinhe aos sujeitos que compartilham esses traços, essa língua, essa história.

4.4. DO *UNHEIMLICH* AO ESTRANHO

Freud (1919) faz um trabalho que intitula *O sinistro*. Nele, lança-se à procura daquilo que, em alemão, é *unheimlich*, ou sinistro. Aparece assim um afeto que beira aquilo que espanta, que resulta angustiante e consegue arrepiar. Trata-se do desconhecido, que vem como estranho e traz consigo, não só angústia, mas, também o sentimento de sinistro. Isso pode se remeter àquilo familiar e conhecido que fica longe da consciência ou àquilo não conhecido e não familiar, que causa espanto. Todavia, não todas as novidades resultam sinistras, só algumas. Porém, o autor sublinha que “[...] é necessário que ao novo e desacostumado se adicione algo para torná-lo sinistro”(FREUD, 1973b, p. 2484, tradução nossa). O sinistro acaba se transformando em estranheza, na qual o sujeito não se reconhece, não se acha e que o desconcerta, deixando-o perdido.

Buscando a tradução do termo *unheimlich* e suas possíveis acepções, conclui-se que, no *heimlich*, acha-se igualmente o seu antônimo o *unheimlich*. Remete àquilo "[...] que é familiar, confortável, por um lado; e àquilo oculto, dissimulado, por outro" (FREUD, 1973b, p. 2487, tradução nossa). *Heimlich* é uma voz cujo significado evolui em direção à ambivalência, até que, no fim, acaba por coincidir com a de sua antítese, *unheimlich*. *Unheimlich* é, de quaisquer maneira, uma espécie de *heimlich*" (p. 2488, tradução nossa). Freud continua procurando indícios do sentimento do sinistro na literatura, e relaciona essa vivência a angústias infantis, a desejos infantis, ao duplo, à onnipotência do pensamento, à atividade animista, a atitudes frente à morte, e à repetição involuntária vinculada ao impulso de repetição. Conclui que só "[...] se sentirá como sinistro quanto seja suscetível de evocar esse impulso de repetição interior" (p. 2496, tradução nossa).

A teoria psicanalítica tem razão ao afirmar que todo afeto de um impulso emocional, qualquer que seja sua natureza, é convertido pela repressão em angústia, de modo que é preciso que dentre as formas do angustioso exista um grupo no qual possa se reconhecer que isto, o angustioso, é algo reprimido que retorna. Essa forma de angústia seria precisamente o sinistro, sendo então indiferente se já tinha em sua origem um caráter angustioso ou se foi trazido por outro tom afetivo. (FREUD, 1973b, p. 2498, tradução nossa).

Vemos a fundamentação de como o *unheimlich* pode ser confundido com o *heimlich*, já que o sinistro não é algo novo, porém algo familiar, já conhecido, que foi reprimido como forma de se transformar em estranho. "O sinistro seria algo que deveria ficar oculto, mas se manifestou" (FREUD, 1919, p. 2498, tradução nossa). No termo *unheimlich*, o prefixo *un* denuncia o recalque que está por trás daquilo antigamente familiar e conhecido. Estamos diante do retorno, então, do recalcado, que, na sua volta, suscita, no desvanecimento do limite entre realidade e fantasia, o estranhamento e o impacto do sentimento de sinistro.

Freud assevera, na sua formulação final, que "[...] o sinistro, nas vivências, se dá quando complexos infantis recalcados são reanimados por uma impressão exterior, ou quando convicções primitivas superadas parecem achar uma nova confirmação" (1919, p. 2503, tradução nossa).

Com efeito, Freud está se referindo ao *id*, ao inconsciente como o *unheimlich*/sinistro que se apresenta ao sujeito.

Para continuar na procura para tentar ligar o conceito de *unheimlich* com o de estranho, buscamos subsídios em outros autores não psicanalíticos.

O sociólogo Zygmund Bauman parte dos textos freudianos, para depois se questionar sobre o tema do estrangeiro. Para ele, Freud, em 1930, quando escreve *Das unglück in der kultur* (A infelicidade na cultura), depois rebatizado como *Das unbehagen in der kultur* (O mal-estar na cultura) e, na versão inglesa, como *Man's discomfort in civilization* (O mal-estar do homem na civilização), e, em português, *O mal-estar na civilização*, retrata o conceito histórico de modernidade. Ainda que Freud estivesse falando de cultura ou civilização, na realidade, estava traçando um desenho de sua época e de seu tempo. Os valores de beleza, limpeza e ordem, tão caros para a modernidade, precisam que os sujeitos entreguem, em troca da renúncia a seus desejos provenientes da pulsão, sexualidade e agressividade. Essa visão da modernidade de ordem, limpeza e certezas irá ver-se impactada pela aparição do estrangeiro.

Bauman (1997) assinala que "[...] a chegada de um estranho tem o impacto de um terremoto... O estranho despedaça a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária. Ele vem de longe; não partilha as suposições locais" (BAUMAN, 1997, p.19), e, por essa situação, é aquele que questiona aquilo que parecia inquestionável para os membros da sociedade. O estranho não tem *status* nem espaço dentro do grupo, porém, tem que cometer um ato que quebre o *status quo*. O estranho rompe o estabelecido, a partir de seu lugar de excluído. Por último, Bauman nomeia o estranho como a “sujeira”, a qual desafia a organização de uma ordem. Mas, em todos os tempos, os estranhos foram combatidos como portadores de doença frente aos quais as sociedades precisavam desenvolver cuidados higiênicos.

Menciona a modernidade como um momento no qual a ordem provém da mudança da ordem tradicional, buscando sempre novas formas de ser, embora gerando novas formas de “sujeira”. De modo diverso, instala-se o parâmetro da mudança constante, da incerteza e da desconfiança, tingindo a época pós-moderna e modificando constantemente aqueles que antes eram estranhos, gerando-se um percurso de procura pela retirada do estranho, a busca do puro. Contudo, os médios de conservar a pureza já não dão conta de tanto movimento que instaura angústia e impregna a vida cotidiana da pós-modernidade. Esse mundo desenha um sujeito que

[...] tem que mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de se regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais intensas sensações e cada vez mais inebriante experiência. (BAUMAN, 1997, p.23).

Aqueles que não passam pela prova da pureza pós-moderna transformam-se na atual “sujeira”.

Para Bauman, cada sociedade produz seus estranhos à sua própria maneira.

Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo -- num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido --- então cada sociedade produz esses estranhos. (BAUMAN, 1997, p.27).

Esses são os estranhos responsáveis por gerar mal-estar no social, já que acordam sentimentos de intolerância e dor naqueles considerados “puros”, dentro da sociedade.

A Segunda Guerra Mundial foi o exemplo máximo da procura moderna por erradicar o estranho e expeli-lo como uma aberração a ser emendada, mas, finalmente, tal erradicação fracassou.

Nos tempos pós-modernos, a incerteza impera como valor que sustenta a mudança constante e errática do mundo, porém, estabelece-se como oposta à busca da ordem e identidade modernas. Isso também modifica o lugar:

[...] os estranhos já não são autoritariamente pré-selecionados, definidos e separados, como costumavam ser nos tempos dos coerentes e duráveis programas de constituição da ordem administrados pelo estado. Agora, eles são tão instáveis e protéticos como a própria identidade de alguém, e tão pobremente baseados, tão erráticos e voláteis. Essa diferença que coloca o eu separado do não-eu e “nós” separados de “eles”, já não é apresentada pela forma pré-ordenado do mundo, nem por um comando vindo das alturas. Ela precisa ser construída e reconstruída, e construída uma vez mais, e de novo reconstruída, nos dois lados ao mesmo tempo, nenhum dos lados se gabando de maior durabilidade, ou exatamente da “gratuidade”, do que o outro. Os estranhos de hoje são subprodutos, mas também os meios de produção no incessante, porque jamais conclusivo, processo de construção da identidade. (BAUMAN, 1997, p.37).

Poderíamos afirmar que o estranho pós-moderno tem-se modificado em concordância com a época e seus valores. Parece demudar-se constantemente, e aquele que era familiar deixa de sê-lo, para se apresentar rapidamente como estranho. Na pós-modernidade, perde-se a segurança de antes, em troca da liberdade, a individualidade e a satisfação do próprio desejo que igualmente vêm acompanhados de incerteza e de mudanças. O estranho torna-se

insuportável, porque modifica o conceito de fronteira, o qual delimita um espaço nosso de um espaço adverso e desconhecido, acordando nos sujeitos a imperiosa necessidade de se desprender daquilo que lhes é alheio. Esse estranho pós-moderno se diferencia do moderno, já que chegou para ficar, e os sujeitos vão ter que lidar com ele o tempo inteiro, transformando-se assim em uma questão constante de aprendizado, vivendo com a alteridade diária e permanente. O desconhecido terá que ser reconsiderado e incluído dentro. A diferença começa a ter um espaço e é reconhecida e cuidada, dentre os sujeitos pós-modernos. No entanto, as diferentes culturas parecem demarcar distintas fronteiras para catalogar o estranho, pelo que, apesar de serem reconhecidos e aceitos, os estranhos têm que ser respectivamente mantidos à parte. Assistimos à procura do sujeito pós-moderno pelo encontro com sua própria identidade, mas também separado daqueles considerados estranhos e estrangeiros.

Esse seria o conceito de estranho para a etapa pós-moderna, nas considerações de Zygmund Bauman.

Voltamos agora para os versos da canção da banda inglesa Genesis, citada no início do capítulo, nos quais se pergunta se alguém poderia indicar onde está a pátria de cada pessoa, questionando se isso seja possível. A pergunta é dirigida aos olhos do amor verdadeiro e talvez faça alusão a qual seria o amor verdadeiro que cada sujeito tem com sua terra de nascença, seu país de escolha para viver, sua terra, à qual se identifica por razões religiosas, o país venerado por seu percurso histórico etc. (as possibilidades são infinitas). Mas a resposta vem para nos surpreender, porque a rainha do Talvez responde, sustentando que nosso país está com cada um de nós, só se acha em cada sujeito o país de pertença que ele mesmo menciona como seu. Tais palavras parecem denotar que tanto a pertença como o ser estrangeiro consistem em uma escolha subjetiva de cada um. Fica em aberto a questão.

5. CAMINHO METODOLÓGICO

Quando o homem que deixa de ser criança para de brincar, não faz mais que prescindir de todo apoio nos objetos reais e, em lugar de brincar, fantasia. Faz castelos no ar; cria aquilo que denominamos devaneios ou sonhos diurnos. Ao meu julgamento, a maioria dos homens cria em alguns períodos de sua vida fantasias dessa ordem. (FREUD, 1973a, p. 1344, tradução nossa).

Trabalhamos a partir de uma pesquisa qualitativa, a qual pretende buscar auxílio na Psicologia Social, para tentar responder a algumas das perguntas feitas.

A presente investigação já foi autorizada pelo Comitê de Ética, na Plataforma Brasil, por tratar-se de pesquisa com seres humanos.

O método de pesquisa procurará, por intermédio de encontros clínicos, fundamentados na psicanálise, trabalhar a experiência psíquica, intersubjetiva e transubjetiva, do processo de migração temporária para países diferentes do país de origem. Trata-se de um espaço clínico, no qual irá se privilegiar o discurso vincular. Fundamentamo-nos teoricamente, porque os encontros clínicos estão dentro de uma certa perspectiva e porque adotamos e criamos essa forma de abordar os casos clínicos no formato vincular escolhido.

Nós nos basearemos no que Bleger (1984 p.237) descreve como “situação psicanalítica”, constituída pelo espaço que abarca todos os fenômenos inclusos numa relação terapêutica. Dita situação engloba o processo analítico, dentro do qual se analisa, assim como o enquadre, que seria o não-processo, já que implica as constantes nas quais se cumpre o processo propriamente dito. O enquadre desenha as constantes que delimitam o fenômeno clínico, incluindo o papel do analista e os fatores espaço-temporais.

Dessa maneira, o enquadre, ao ser constante, é decisivo dos fenômenos do processo da conduta. Em outros termos, o enquadre é uma meta - conduta de que dependem os fenômenos que vamos reconhecer como condutas. É o implícito, mas do qual depende o explícito. (BLEGER, 1984, p. 240, tradução nossa).

O processo psicanalítico implica as variáveis a serem analisadas. O enquadre é um fenômeno mudo, que só se faz presente, quando os sujeitos o quebram dentro da situação analítica. A direção da escuta se dirige ao sujeito em vínculo com sua família e com o contexto sociocultural que o acolhe.

A teoria da Psicanálise das Configurações Vinculares irá nos auxiliar para fazer uma leitura intersubjetiva do sujeito e seus vínculos, nessa experiência de vida. Baseamo-nos na abordagem de família que Berenstein (2007, p. 23, tradução nossa) faz, destacando que

[...] vínculo familiar é o resultado de um fazer “entre” os sujeitos, nesse processo os sujeitos se tornam outros, sem por isso deixar de integrar essa família. Trata-se de pensar a partir do suposto lugar chamado “entre” sujeitos. [...] A escuta da estrutura vincular leva a uma hierarquização no relato dos elementos intersubjetivos correspondentes ao mundo vincular. (BERENSTEIN, 2007, p. 45).

Os "encontros terapêuticos em situação vincular" constroem-se como uma situação clínica vincular, com uma escuta psicanalítica vincular, dando espaço a intervenções clínicas do ponto de vista psicanalítico, as quais visam a abrir interrogações e desamarrear nós que obstruem um fluir da experiência de expatriação; poderiam ser chamados também de "encontros clínicos vinculares com efeitos terapêuticos". Trata-se de encontros que possibilitam aos sujeitos se fazerem donos do momento de vida, como processo de subjetivação da experiência. As intervenções analíticas vão focar no momento de vida que estão vivendo, trazendo à tona aquelas questões do passado que obstruem o caminho de expatriação presente. Uma leitura psicanalítica norteia nosso olhar, para permitir avançar, no processo de adaptação, as mudanças que a situação traz. Dessa forma, estaríamos criando um espaço no qual os expatriados e suas famílias ponham em palavras o vivido na experiência de migração temporária, e a psicóloga fará assinalamentos e interpretações, quando isso for pertinente.

Para a presente pesquisa, trabalhamos com sujeitos que foram contatados através do sistema *online* de oferta de serviços – LinkedIn. Solicitaram-se expatriados que tenham chegado ao Brasil recentemente, com até um ano de chegada. Ofereceu-se um espaço psicológico de escuta psicanalítica, a partir do qual os expatriados pudessem pôr em palavras e compartilhar as vivências da experiência de expatriação, juntamente com a família com que vieram. Por essa escuta, a psicóloga-pesquisadora ofereceu fazer assinalamentos e interpretar quando emergem angústia e ansiedade ou quando a pesquisadora achasse necessário.

Os interessados entraram em contato, alguns dos quais já tinham conhecimento desse trabalho através da empresa. Foi assinalada a importância do segredo profissional sobre tudo o explicitado nos encontros vinculares. Dessa forma, estabelece-se um limite para a empresa, deixando-a por fora do acesso aos dados colhidos na investigação, confirmando o

compromisso ético da pesquisadora com os participantes. Estaríamos, assim, introduzindo uma diferença entre o funcionário expatriado que forma parte da empresa e o sujeito expatriado escutado psicologicamente em suas experiências de vida, dentro deste trabalho. Também solicitamos a permissão dos participantes para usar o material colhido para a pesquisa, pedindo a assinatura do termo de consentimento ético.

Fizemos encontros clínico-vinculares com cinco famílias e um casal, com duração de quatro horas cada um, como um único encontro com cada grupo de participantes. Os encontros clínicos vinculares foram feitos no consultório da pesquisadora e em consultório alugado, se as famílias estavam alocadas fora de São Paulo, como espaço neutro, fora das empresas. Os sujeitos que fazem parte desta pesquisa são pessoas da América Latina, expatriados que vêm morar temporariamente no Brasil e se comunicam com a pesquisadora na sua língua natal: o espanhol. Trata-se de sujeitos que são expatriados de um país latino-americano a outro país latino-americano. São sujeitos que têm vivido o impacto da mudança de forma recente, porém, analisaremos os impactos dos primeiros momentos da experiência de expatriação. A amostra tida em conta para a presente pesquisa inclui expatriados recém-chegados ao país de expatriação.

No entanto, este estudo orienta-se na direção de um recorte específico que examina os impactos iniciais que a mudança cultural traz à família, nos primeiros momentos. A presente pesquisa não abrange os processos e transformações posteriores ao tempo do impacto inicial. Pensaremos no impacto que os momentos iniciais criam nos vínculos familiares postos à prova, gerando a possibilidade de quebrar estereótipos, por meio de transformações, ou permanecendo na repetição de modelos anteriores trazidos do passado vincular. Consideramos que este é um corte transversal e sincrônico, na vida dessas famílias e casal, impedindo a possibilidade de um olhar mais abrangente e amplo, no tempo. Resulta difícil captar a dinâmica vincular no tempo, já que se exclui a possibilidade de estudar o processo de forma diacrônica, em toda sua extensão. O processo de elaboração do transplante migratório talvez dure a vida toda, como um processo subjetivo contínuo, o que não pode ser abrangido na presente pesquisa.

Para Bleger (1987, p.9), essa situação configura “[...] um instrumento fundamental do método clínico e é, portanto, uma técnica de investigação científica em psicologia”. O autor afirma, ainda, que o método clínico é, em si mesmo, uma forma de investigação.

O trabalho com o expatriado e sua família pressupõe a exigência de mudanças no enquadramento psicanalítico tradicional. Maria Inês Assumpção Fernandes et al. (2014, p.1) salientam que, dado o tipo de pacientes,

[...] do ponto de vista clínico, exige a transformação do *setting*. Opera-se com a hipótese de que a perda das marcas culturais de origem, formações intermediárias fundamentais na constituição do – aparelho psíquico grupal familiar – implicaria uma fragilidade no processo de metabolização de conteúdos/vínculos transmitidos transgeracionalmente e prejuízo em sua função de conter/transformar e delimitar fronteiras destinadas a garantir a “imagem de família”.

De acordo aos autores, nesses casos, a técnica analítica se veria modificada, tendo em conta os sujeitos expatriados, migrantes temporários, em distintos países. Desse modo, seria tentado conseguir um enquadramento que habilitasse uma escuta e acolhida pertinente a esses sujeitos.

5.1. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Decidimos trabalhar na presente investigação com expatriados como definimos na Introdução deste texto.

O funcionário expatriado (geralmente o homem, pai de família e esposo) vem na companhia de sua família. Ou seja, incluem-se: o funcionário implicado, a esposa, os filhos e membros da família, como a avó, que compartilhem a mesma experiência. Cada um dos sujeitos que fazem parte da expatriação a vivência de ângulos diversos e com diferentes perspectivas. O funcionário vem para trabalhar, os filhos vêm por escolha dos pais e têm que se adaptar à nova escola, nova língua, novos amigos; e a esposa fica, muitas vezes, em um lugar de muita solidão, já que depois de arrumar a casa e acompanhar os filhos na adaptação ao novo país, tem que se apropriar do seu lugar subjetivo, na experiência de expatriação.

A família, como discutimos, aparece como grupo de referência frente às experiências de “estrangeiridade” e desconhecimento do contexto social, nas diversas culturas.

Nos encontros familiares, estarão presentes duas ou três gerações: pais, filhos e avó. Utilizaremos as falas dos adultos e os desenhos e ou brincadeiras das crianças, como forma de nos aproximar da dinâmica inconsciente desse núcleo familiar. No encontro vincular de casal, só se farão presentes os dois sujeitos que estão nessa relação. Os encontros foram registrados

por escrito, pela pesquisadora. Apresenta-se também a possibilidade de fazer uso de material de expressão e desenho (papel de diversos tamanhos, canetas, canetinhas, lápis, borracha, apontador), como uma forma alternativa de contar a experiência que estão vivendo.

Os desenhos que sejam produzidos nesta pesquisa serão objetos mediadores, a fim de dar conta da dinâmica inconsciente vincular, como um objeto intermediário entre a palavra e o vivido em si. Os desenhos auxiliarão na construção vincular das cenas vividas, durante os encontros terapêuticos. Esse instrumento funciona como objetos mediadores em atendimentos vinculares.

Trabalharemos em “encontros terapêuticos em situação vincular” como única intervenção com os expatriados e suas famílias.

Para considerar o material colhido, nós nos nortearremos pelos seguintes eixos ou categorias a serem analisadas:

1. A análise da psicanálise vincular específica para cada família. Isso abrange uma análise da modificação da estrutura familiar inconsciente, durante o processo de mudança, ou a persistência de aspectos passados anteriores à vinda ao novo país, sem alterações posteriores decorrentes da mudança, bem como outros aspectos: a diferença entre a expectativa com que vinham e a realidade, o ganho financeiro maior que a empresa oferece e o preço subjetivo não calculado que a experiência implica, o impacto da falta da família estendida como apoio à família etc. Todos esses tópicos são relacionados à dinâmica familiar e aos vínculos que se tecem entre eles.
2. Análise em função da problemática social que trazem os conceitos teóricos de globalização, cultura, fronteira, e interculturalidade, à luz do material clínico colhido. O desenvolvimento da vivência de interculturalidade como possibilidade na expatriação pelos sujeitos vinculares, ou o não logro da experiência de interculturalidade como modificação intersubjetiva. A elaboração da situação de expatriação como vivência de perda e luto pela cultura do país de origem ou a possibilidade de achar modificações e transformações que permitam aos sujeitos se adaptar e integrar na nova cultura. Conferir o perfil que os expatriados e suas famílias trazem como "cidadãos do mundo", sujeitos integrados globalmente, "nômades contemporâneos", ou sujeitos que não conseguiriam adotar esse perfil. Ou seja, como os sujeitos e seus vínculos se colocam frente a esses conceitos teóricos.

6. CASOS CLÍNICOS

Não se trata de responder para fechar as dúvidas, mas de suscitar processos de pensamento que produzam um permanente desalojamento, ao que haverá de tolerar e, mais ainda, desfrutar. Sem essas incertezas, não temos incentivos para nos questionar. (PUGET, in: BERENSTEIN, 2014, p. 16, tradução nossa).

Apresentaremos os materiais clínicos colhidos para a investigação. Alguns dados foram modificados, para preservar a identidade dos participantes e se conformar às normas da ética de pesquisa. Iremos intercalando a exposição do material com sua interpretação, seguindo os eixos interpretativos citados no capítulo sobre a metodologia da pesquisa.

6.1. CASO CLÍNICO 1

Família constituída pelo pai, Gustavo, funcionário expatriado, de 35 anos, Nora, a esposa de 34 anos, e a filha Ana Maria, de 8 anos. Eles vêm da Colômbia para sua primeira expatriação e faz um ano que estão no Rio de Janeiro.

Gustavo e Nora formam um casal em idade média, que contam sobre a expatriação, no encontro. Ana Maria desenha, muito empenhada em seu trabalho, usando primeiro uma folha grande (Figura 1), depois uma folha pequena (Figuras 2 e 3) e, por último, uma folha grande novamente (Figura 4). Não intervém na conversa e trabalha muito concentrada em seus desenhos. Depois do primeiro desenho, descreve no verso da folha cada elemento desenhado, no segundo desenho, faz uma estória no verso e no terceiro, só desenha na frente da folha.⁷

Gustavo: Estamos em pleno processo de adaptação, aqui não tinham um lugar preparado para nós, suponho que quando volte para Colômbia, vou ter que procurar meu espaço também, já que pensamos regressar. Estamos aqui pela oportunidade para que eu trabalhe; trabalho o tempo completo, nossa filha vai se enriquecer com outra cultura, conhecendo novos professores na escola. O que está sendo muito instável é a logística para a instalação de nossas coisas, no apartamento. Minha esposa tem que ficar presa no apartamento, aguardando pelos que conectam o gás, a eletricidade, a mudança etc. Tudo é deixado para última hora e, depois, acabam correndo, por falta de planejamento. Neste país são devagar para resolver a burocracia, eles não te dão soluções, você tem que dar a solução para eles, a gente vira criativo e, às vezes, por causa do medo, propõe

⁷ Trabalharemos e explicaremos os desenhos, quando eles forem introduzidos no discurso familiar, mais à frente.

coisas. A logística impede uma adaptação mais como parte de um processo, isso faz que a gente sempre se sinta um expatriado, são sentimentos bons e maus, ao mesmo tempo. Às vezes, penso: que vou fazer com minha família?

Gustavo começa trazendo a ambivalência dos afetos que surge quando reflete sobre a expatriação, traz uma queixa e reclamações ao Brasil e ao brasileiro, que não os acolhe tanto como eles precisariam, ao mesmo tempo em que fala da oportunidade de aprendizado que implica a experiência para eles. Em função das mudanças, surgem os afetos ambivalentes que demonstram as perdas e os ganhos, misturados dentro deles.

Nora: Conseguimos apartamento para alugar pelo e-mail, na última semana de hotel, se não conseguíamos a gente estava “fregada”⁸. Aqui são espertos no bom sentido, é vantajoso, porque tentam mudar as coisas, mas eles querem mudar o que incomoda. Às vezes, quando vou fazer as compras, é irritante para mim, estou preocupada pensando se vamos conseguir nos adaptar. Mudar de país gera instabilidade, mas depois a gente se adapta. Seria ótimo conseguir viajar para nosso país uma vez por mês para ver a família, abraçá-los, sentir o ser querido, o tom de voz tranquiliza, e depois voltar. Sempre pensamos que perdemos o aniversário de tal ou qual.

Terapeuta⁹: Não parece estar sendo fácil para vocês deixar atrás os seres queridos, na verdade, não é fácil para ninguém. Faz quanto tempo que vocês estão no Brasil?

Nora: Em julho vai fazer um ano.

Nora traz a ambivalência no que concerne ao país de origem e ao país de acolhida. Eles conhecem os códigos do país de origem, e morar no Brasil implica uma adaptação e reconhecimento da diferença que significa estar inserido em uma cultura diferente daquela em que foram criados. Recorre a um termo coloquial em espanhol, como referência ao conhecido que lhe dá tranquilidade, visto que remete ao conhecido. O Brasil parece levá-los ao estrangeiro, *umheimlich*, sinistro, enquanto desconhecido, ficando sem códigos que os orientem. Aparece a fantasia de que viagens esporádicas ao país de origem poderiam acalmar

⁸ Gíria que corresponde a dizer que estavam “ferrados”.

⁹ Embora este trabalho clínico não tenha uma sequência no tempo, eu me nomeio como terapeuta, já que acredito que se trata de um encontro terapêutico. O encontro está enquadrado dentro de uma escuta psicanalítica, que permite, por momentos, desenvolver intervenções que viram terapêuticas e possibilitam, através da psicanálise, ampliar o espectro com que esses sujeitos se enxergam e vivenciam as experiências que estão vivendo.

a angústia e a desorientação que desperta a vivência em um país estrangeiro, mas essa fantasia representa um modo ilusório de habitar, já que não estão nem aqui, nem ali. Talvez apareça aqui a dor e a resistência inconsciente a deixar o país de origem, para assim conseguir depois aceitar o país de expatriação como o lugar onde moram, no momento atual.

Gustavo: Eu não fui escolher as escolas nem os apartamentos, pois estou trabalhando, só elas foram, eu vim ao Brasil antes que elas.

Nora: Eu me faço escutar com o pessoal de RH da empresa.

Gustavo: Passamos as faturas para a empresa. Aqui procuramos morar perto dos bons bairros, mas temos que sacrificar algumas coisas. Em Bogotá, nós tínhamos tudo perto, mas aqui ganhamos qualidade de vida. Os pais dela, na Colômbia, moravam a 2 minutos de casa, o colégio estava a 15 minutos, o escritório igual. Estávamos todos confortáveis, eu ia almoçar em casa todo dia. Essa mudança de forma de vida bateu forte em nós.

Nora: Aqui conseguimos uma boa educação para Ana Maria, lá não tínhamos carro, aqui temos que procurar onde estacionar, mas é positivo ter carro.

Ana Maria: Eu sinto saudades das batatas de lá, mas adoro o chester aqui.

Começa a aparecer aqui, no discurso familiar, um espaço para perceber as diferenças, defrontam-se com os ganhos e as perdas, mas o que é privilegiado é o diferente. O modo de viver brasileiro é visto como estranho, "ajeno", com uma opacidade frente à qual eles não conseguem se subtrair. A possibilidade de enxergar a nova cultura, com suas diferenças, enseja comparar com a forma anterior de habitar os espaços, para depois começar a se instalar no novo habitat. Parece ser a filha a que melhor consegue fazer isso e o traz a partir dos alimentos que remetem ao mais primário do registro oral, "batatas lá" e "chester aqui". Ana Maria desenha muito ativamente e de maneira concentrada na sua tarefa.

Gustavo: A vida não pode ser igualada, aqui fazemos vida de família, nós três compartilhamos tudo. Na Colômbia, eu era apegado à minha mãe e meu pai, e tínhamos pouco tempo para nós três. Essa é uma etapa melhor para mim, só temos nós três para resolver tudo entre nós. Às vezes temos problemas com Ana Maria, pois ela está muito rebelde. Ela não respeita os horários e brigamos por causa disso.

Ana Maria: Minha mãe é exagerada com o horário, quer que eu esteja pronta mais cedo e ontem, antes da van escolar vir me buscar, ela queria que eu usasse o casaco que estava sujo, já que não dava tempo para passar o outro.

Nora: Em Bogotá, Ana Maria se deixava pentear, agora ela tem outra idade e quer só da forma dela.

Ana Maria: Quando ia ao jardim da infância, eu sempre fazia tudo rápido como você pedia, na Colômbia era igual.

Gustavo sublinha como, ao estar longe da família de origem, acha para si a possibilidade de se instalar no lugar de pai. A distância parece lhe outorgar o que não podia tomar para si, perto de seus pais, porque, na presença deles, parecia só conseguir ficar no lugar de filho e não se fazer dono do lugar de pai e esposo que lhe pertence, em sua própria família. A questão que se abre aqui é como se fazer um espaço interno para constituir-se em adulto, responsável e pai cuidador de seu núcleo familiar que não seja só em outra terra, fora de sua terra natal. A experiência de ficarem os três juntos como família, no Brasil, providencia aos pais a possibilidade de se fazerem donos do lugar parental, crescerem e virarem adultos; mas, aqui, a filha oferece certas resistências para respeitar às leis desses pais, na nova função que lhes pertence. Ana Maria parece não aceitar se submeter às leis parentais e opõe-se, cita o tempo em que ia ao jardim maternal e seguia ao pé da letra os pedidos maternos, associando essa situação de aceitação sem questionamentos a estar na Colômbia. Talvez, ao ter ela crescido, não haja um espaço na família para uma criança de 8 anos, de sorte que persiste aquele lugar de menina pequena que deveria evoluir, pois ela já está em outra etapa evolutiva. Ana Maria critica esse olhar dos pais que a veem como criancinha e não conseguem enxergar quem ela é agora, que cresceu e virou uma criança escolar. Fica em aberto a questão de por que isso sucede. Continuemos escutando o discurso familiar.

Gustavo: Sempre temos que aguardar por Ana Maria, sempre.

Nora: Ela tem que aprender a lidar melhor com o tempo. Com a comida, temos o mesmo problema: ela não toma café da manhã, porque não tem tempo para sentar e fazer uma refeição. O choque com ela começa já desde a manhã. Sempre estamos brigando, às vezes teríamos que relaxar, mas não dá.

Gustavo: Ela teve um conflito com a professora de inglês na escola, mas agora já melhorou. Ela tem problemas para se adaptar aos tempos dos outros; questiona a autoridade. Eu acho que uma coisa é ser desobediente e

outra coisa é ter critério. Eu dou espaço para Ana Maria e ela não briga tanto comigo, o problema é com a mãe, para ficar pronta para seu dia a dia.

Mencionam aqui um conflito com a professora de inglês, assinalando como, frente a uma língua estrangeira, surgem os desencontros e as dificuldades para se adaptar e conseguir se comunicar. Esse conflito não atinge somente a filha, mas todo o núcleo familiar, uma vez que, no Brasil, eles têm que se defrontar com a língua portuguesa, que é distinta da língua materna. Ana Maria parece desafiar as mulheres e não aceitar as leis que estas impõem para ela, seja a professora, seja a mãe. O pai aparece aqui diferenciado da mãe, nas funções parentais que exercem: a filha parece respeitar o pai, porque este lhe providencia um espaço para ser ela mesma, contudo, o grande problema se situa entre mãe e filha. Talvez o que fica desaperecebido é que Ana Maria tem crescido e pareceria estar pedindo um espaço familiar para uma criança de 8 anos, a qual também possa expressar seus desejos e suas escolhas pessoais. A briga aparece como resistência à anulação do espaço de desejo da filha, dentro da família. Vejamos se os desenhos, na forma de objetos intermediários, trazem luz sobre o conflito que os pais relatam.

Talvez Ana Maria seja a portadora, na família, da rebeldia contra as mudanças, já que é a única que se permite abertamente entrar em conflito com uma língua estrangeira, sentir saudades dos costumes de sua terra natal e das pessoas que deixou lá, rebelando-se contra os pais que estão com ela, no Brasil, os quais não habilitam um lugar de crescimento e mudança para ela.

A terapeuta se aproxima de Ana Maria para ver os desenhos que está fazendo e observar se eles têm alguma ligação com o discurso familiar.

Terapeuta: Ana Maria, conte o que é que você está desenhando...

Ana Maria: [vai escrevendo na parte de trás de cada desenho o que vá descrevendo] No primeiro desenho, eu fiz um pintinho, uma flor, uma árvore, grama, uma borboleta e duas nuvens (Figura 1, desenho feito em folha grande).

Terapeuta: O pintinho parece estar sozinho, nesse desenho.

Ana Maria: Mas no segundo tem uma garota e tem um sol (Figura 2, desenho feito em folha pequena). Vou escrever a história da menina (Figura 3) [Ela vai escrevendo e falando em voz alta. Escreve em espanhol, mas

com erros de grafia]. *Uma vez uma menina estava caminhando e ela gostava de brincar no jardim de sua avozinha. E ela ia à piscina quando tinha calor e estava fazendo sol. Aqui também tem um sol.*

Terapeuta: Então, nesse desenho, a menina não está sozinha, pois está no jardim de sua avozinha e faz tudo aquilo que ela tem vontade de fazer, mas, no primeiro desenho, tem um pintinho sozinho. Será que você está se sentindo muito sozinha, aqui no Brasil, e sentindo falta da família que estava sempre por perto, na Colômbia?

Nora: Na Colômbia, sempre alguém saía a defendê-la, ela sempre achava uma fada madrinha para tudo o que ela queria fazer.

Gustavo: Ela é a única neta e sempre foi a menina favorecida, por ser a mais nova.

Nora: Sempre que nós, como pais, a corrigíamos, alguém saía a salvá-la, e a barreira que se encontra agora é que nem sempre as coisas são como ela quer. Eu também tenho meus deveres na vida e a razão nem sempre está comigo [a mãe aponta o sol, na Figura 2]. A família não pode ser tão boazinha.

Figura 1 - Desenho de Ana Maria em folha grande, nomeia no verso o desenhado

Figura 2 - Desenho de Ana Maria em folha pequena com estória no verso

Figura 3 - Estória do desenho anterior escrita no verso

Gustavo: Nós nunca abrimos esse tipo de divergências na frente da menina. Ela estava muito apoiada pela avó, na Colômbia, e falamos que agora, no Brasil, temos que educá-la, além de que ela está crescendo.

É possível notar, aqui, toda a vulnerabilidade que sentem em um país estrangeiro, no qual ninguém os defende, porque eles têm que fazer isso por si sós, para conseguir crescer e cumprir seus deveres e responsabilidades. Ao sair de baixo das asas dos pais e dos parentes, todos se veem desafiados a se desenvolver e abrir as possibilidades na vida, situação que vem ilustrada nos desenhos, que, no início, estão mais vazios e pobres, porém, lentamente vão se enriquecendo e povoando de elementos que antes pareciam estar apagados ou esquecidos para

eles. Na Figura 1, Ana Maria desenha-se como um pintinho em terra de borboletas gigantes, talvez seja assim como ela se sente, no Brasil, um anão em terra de gigantes. As proporções do desenho indicam isso, ela se sente pequena como o pintinho do lado de grandes borboletas coloridas. O pintinho não tem chão no desenho, está pendurado no ar, o que o deixa em situação de grande vulnerabilidade, para não cair, em contraposição às borboletas, as quais sempre voam e conseguem se sustentar no ar. Na Figura 2, desenha uma menina de grandes proporções, acompanhada de uma árvore e um sol pequenos, mas a figura apresenta características de uma certa imobilidade, parece com os braços travados. Inverte-se aqui a situação da Figura 1. Note-se que tanto na Figura 1 como na 2, a filha escreve seu nome no desenho e dedica os desenhos para a terapeuta, indicando um pedido de ajuda para que esta os habilite a falar sobre essa situação de conflito e dor que estão vivendo, criando um caminho de abertura para expor o que eles sentem.

Ana Maria parece ser a única na família que se dá a si mesma a permissão para sentir saudades, para fazer aparecer seus afetos, ainda que seja reagindo às condutas dos pais, que abafam esse tipo de sentimentos, porque talvez não soubessem como lidar com eles. Ela abre, no encontro, o conflito que está nos vínculos familiares e que não pertence só a ela, mas a todo o núcleo familiar. A filha descobre o que esses pais negam e escondem, por não saber como lidar com o conflito e usá-lo para se enriquecer e se abrir ao mundo circundante e às situações novas que a expatriação oferta a eles. Só quando Ana Maria desenha e abre o espaço para mencionar a falta é que os pais conseguem se sensibilizar às diferenças e expor sobre a conformação da família na Colômbia e aqui no Brasil, viabilizando e mostrando as dificuldades no encontro entre os desenhos de Ana Maria e os relatos dos pais. Desse modo, visualizamos como vão construindo um discurso familiar vincular a partir do qual desvelam situações que os incluem a todos e lhes auxiliam a enxergar o conflito, a fim de conseguir reagir e usar a situação para elaborar, no vínculo, esse conflito familiar.

Terapeuta: Ana Maria, você não falou do terceiro desenho, está muito colorido, tem um monte de borboletas na parte de cima, com um sol brilhando e nuvens, mas está separado do resto por uma linha divisória: abaixo está a menina sozinha acompanhada por flores, uma árvore e o mar. Será que esse último desenho ilustra você, aqui no Brasil, separada de todas as concessões que recebia na Colômbia? (Figura 4, desenho feito em folha grande).

Ana Maria: Pode ser, sim.

A Figura 3 indica uma evolução e integração dos aspectos que estavam sendo discutidos. Ana Maria consegue unir os universos que fazem parte dela, em um desenho só, o país de origem e o país de expatriação, todavia, divididos por uma linha divisória que os separa e impede ir de um ao outro, testemunhando sobre os limites e a distância que separa os dois espaços geográficos. Colômbia aparece aqui povoada de borboletas coloridas voando ao lado do sol e das nuvens, separadas pela linha que divide os dois países; no Brasil, encontra-se uma menina desenhada agora com proporções concordantes ao que está do lado: o mar, uma árvore e duas flores. Apesar de ser um espaço mais vazio de elementos, outorga à menina uma sustentação no chão, em companhia dos elementos que a rodeiam. Aqui se vê encenado no desenho o conceito da interculturalidade, ficando nele plasmadas as diversas representações transculturais e interculturais com que os países e culturas, nos quais as pessoas residem, os marcam e os habitam. Poderíamos afirmar que o desenho mostra a interseção e os limites e bordas de duas culturas, de modo uníssono, no núcleo familiar. Essa integração de culturas em um espaço só implica a coexistência de um grau de adaptação ao lado de um grau de discriminação e diferenciação.

Gustavo: Nós achamos que tudo isso temos que corrigir em casa e não com um estranho no meio. Se você não faz isso, alguém vai fazer por você e vai te corrigir.

Figura 4 - Desenho de Ana Maria em folha grande

Nora: Tem tempo para tudo na vida, até para corrigir erros de educação.

Terapeuta: Acho que Ana Maria está nos relatando como se sente sozinha frente à expatriação e como a mudança foi muito radical de um dia para o outro. Talvez esteja pedindo que vocês a acompanhem nessa transição de vida de criança a jovem, de estar perto da família protetora na Colômbia e a se defrontar com os limites diários da vida, aqui no Brasil. A questão que ela traz é como acomodar-se às mudanças em um processo de adaptação que não seja tão frontal, que poupe vocês todos das brigas, para que possam acompanhá-la na transição.

Nora: Entendi, eu não estava vendo tudo isso que você está assinalando.

Nas palavras da mãe, revela-se um espaço de compreensão para a angústia e a dor que estão sendo expostas entre eles. Quando Nora diz ter entendido, parece dar conta da dor que também é compartilhada por eles e vivida de diversas formas, de acordo com cada um dos sujeitos que compõem a família. Estas são palavras de encontro mútuo, já que a mãe parece reconhecer que estava olhando para a situação de um modo muito exigente, sem dar espaço a angústia que circula, a partir das mudanças e rearranjos familiares.

Gustavo traz à tona o estranho que se apresenta entre eles, estranho que estaria projetado na figura da terapeuta, como terceiro que ocupa esse lugar "ajeno" e desconhecido, entretanto, que surge no lugar de todo o estrangeiro que os cerca e com o que eles têm de lidar, no cotidiano de sua experiência de ser estrangeiros, em terra alheia, e conseguir processá-lo. A estrutura familiar tem-se modificado a partir da expatriação, porque ajudou a delimitar um espaço de relacionamento e vínculo para eles três, como exclusivos integrantes de sua própria família, deixando excluídos os parentes que fazem parte da família estendida, no país de origem.

Gustavo: Eu vejo tudo para a frente, acho que estamos educando, você compreende?

(O clima emocional vincular¹⁰ da sessão foi mudando, começaram falando de modo mais distante, a menina estava em seu mundo, e não interagiu. Depois, com a intervenção analítica, começaram a estabelecer ligações de

¹⁰ O conceito de clima emocional vincular para a psicanálise das configurações vinculares é uma ampliação do conceito de transferência e contratransferência da psicanálise tradicional. Na análise vincular, o analista faz parte da cena vincular e está incluído na mesma, porém, os autores tomam emprestado da geografia o conceito de clima, o qual abarca todos os sujeitos que fazem parte da cena e não podem ser subtraídos, já que participam dela. Analista e pacientes compartilham o clima emocional vincular, que reproduz, na análise, a transferência e contratransferência vincular familiar.

significado e o clima foi se tornando de maior compreensão, abaixaram as exigências e começaram a se enxergar, cada um no sofrimento diante da situação de mudança).

Terapeuta: Não é fácil o processo que vocês estão vivendo: têm que conviver ao mesmo tempo com as perdas e os ganhos pela expatriação. Tem coisas que vocês estão perdendo e outras que estão ganhando, mas talvez, se tentarem um compreender ao outro, vocês consigam se acompanhar no processo, ao invés de trazer a briga para o centro da família, que coloca em cena as culturas em conflito por causa da mudança. Fui percebendo, em nossa conversa, uma mudança na relação entre vocês, quando conseguiram um se pôr no lugar do outro. Também deixaram de ser tão exigentes e compartilharam a dor e a alegria juntos.

Essa família conseguiu fazer um processo de elaboração da situação de ser estrangeiros em terra estranha, nesse "encontro terapêutico em situação vincular". Eles conseguiram se modificar como conjunto familiar e transformar os afetos em torno das mudanças. Esse processo poderá habilitá-los a continuar numa busca pessoal de seus próprios desejos e a consecução dos mesmos, da mesma forma que conseguiram tecer vínculos mais fortes, ricos e criativos entre eles, para evoluir como núcleo familiar.

6.2. CASO CLÍNICO 2

Família formada pela mãe, Rosemary, funcionária expatriada, de 46 anos, o pai, Alex, de 48 anos, e dois filhos: Marcela, de 20 anos, e Alex, de 17 (que não comparece). Eles vêm da Bolívia, na sua primeira expatriação, e faz 6 meses que estão no Brasil.

Apresentam-se o casal e a filha Marcela. Os pais parecem ter em torno de 50 anos, Alex pai, veste muito simples. Rosemary veste roupa social de trabalho, que destoa da aparência de Alex pai.

Rosemary: Eu trabalho em RH aqui, igual que trabalhava em Santa Cruz. Meus filhos são grandes e todo o mundo me dizia que em 3 meses falaria português, mas não foi assim. Meu filho não se adaptou, tivemos que aguardar a burocracia brasileira, com o risco de que ele perdesse o ano de estudos, mas conseguiu retornar à Bolívia. Ele foi o único que voltou e mora com minha irmã. Ele quis vir, mas depois queria voltar e tive que ver como fazer para que ele ficasse lá, já que nós tínhamos vendido nossa casa. Estudar aqui é muito caro, a ajuda que recebemos da empresa é média. Marcelinha estudava na Universidade Católica da Bolívia, mas aqui ir para a Universidade Católica ultrapassa o dinheiro que a empresa nos dá para o estudo dela. Eu tento convencê-la para que estude e aprimore o português e que faça um estudo técnico, já que isso, sim, poderia

pagar com o que nos dão para os estudos, indiquei para ela fazer estudos mais curtos e mais baratos, como comunicação, fotografia, desenho de modas ou interiores, mas ela não sabe se gosta disso. Depois, talvez pudesse continuar na Bolívia, na universidade. O mesmo falei para meu filho, ele só tinha que aguentar 3 anos aqui no Brasil, mas não aguentou e foi embora. Se tivéssemos filhos mais novos, não seria um problema estudar no Brasil, mas no nível de faculdade é impossível com o que a corporação nos dá para que eles estudem.

Marcela: Eu só poderia fazer fotografia, mas, para que vai me servir? Para nada, eu falo pouco português. Ela fica desesperada, porque eu também quero ir embora daqui.

Rosemary: Eu falo para ela fazer universidade de moda, ou desenho de interiores. Agora, ela não faz mais que estudar português e está aguardando.

Terapeuta: Quando vocês chegaram aqui?

Rosemary: Faz 6 meses.

Desde o início, Rosemary apresenta-se desmentindo a mudança de país, porque diz "trabalhar igual que fazia em Santa Cruz", situação que é impossível, pois ela está em outro país; pode ter a mesma função no departamento de recursos humanos, contudo, o trabalho não é o mesmo, visto que mudaram os contextos. Rosemary expõe sua impossibilidade, como mãe e esposa, de perceber a mudança e apresentá-la a sua família, para assim desenvolver um processo de elaboração entre eles. A família aparece tão invadida pela angústia que mal consegue se apresentar a psicóloga, focando desde o início na grande dificuldade que estão vivendo para se inserir no país estrangeiro. Essa angústia parece transbordar e invadir a cena toda. A mãe sente que não consegue dar aos filhos aquilo que ela sonhava dar-lhes, ao aceitar vir para o Brasil, enquanto a filha sente seus desejos desrespeitados, já que não consegue fazer uma escolha de estudos baseada em suas opções pessoais, tendo de escolher somente com base nas opções práticas que consideram o dinheiro que a empresa lhes dá. O pai permanece calado, talvez encenando seu lugar na família, que implica o silêncio e o esquecimento de sua pessoa. Um dos membros da família retorna ao país de origem, como situação de fracasso frente à experiência de expatriação. Esse retorno divide a família e mostra a impossibilidade familiar de mudar, adaptar-se e modificar-se, em face das alterações dos contextos que os rodeiam. Também apresentam espaços diferentes para o filho homem e a filha mulher, na estrutura familiar; ele tem seus desejos respeitados, ouve seus pedidos e, assim, consegue retornar ao país de origem, mas, a filha, por outro lado, não é ouvida em seus pedidos, ficando presa entre as figuras parentais, no país estrangeiro. O filho tem permissão familiar para se

mexer e desenhar seu próprio caminho de vida, enquanto à filha, por ser mulher, não é permitido agir por si só. Vemos como se desenha um modo de constituir os distintos membros da família, que parecem funcionar em bloco – uns podem agir de modo independente e outros ficam dependentes, dentro da família. Essa ordem familiar imprime-se dentro da estrutura familiar, com direitos e deveres diferentes, os quais os membros da família terão que cumprir, para fazer parte dessa organização familiar.

Consideremos também que a situação socioeconômica que vivem opera como pano de fundo das possíveis mudanças subjetivas, submetendo-os a uma fragilidade que dificulta as mudanças. A situação social empobrecida não funciona como apoio e sustentação coletiva que lhes permita se desenvolver pessoal e vincularmente, porém, dificulta seu desenvolvimento. Aqui vemos como os espaços psíquicos se apresentam com limites difusos, já que não poderíamos precisar claramente quais dessas questões correspondem ao espaço transsubjetivo, quais ao vincular e quais ao intrassubjetivo dessa família.

Marcela: Na Bolívia, eu queria estudar arquitetura, mas, como aqui não posso, decidi fazer comunicação, já que isso não tenho como estudar na Bolívia. Mas a diferença entre o estudo aqui e ali é abismal [começa a chorar], é muito difícil estudar aqui para nós. Não é fácil deixar seu país.

Terapeuta: Dá para ver que você está muito angustiada, Marcela, com toda a situação difícil de contornar. Vamos tentar pensar juntos a respeito. Vocês se informaram sobre o Brasil, antes de vir para aqui? Pesquisaram antes de aceitar a oferta da empresa?

Rosemary: Não.

Alex: Eu tenho duas situações de trabalho diferentes, eu era... sou mecânico de aviões, fiquei trabalhando para a empresa do estado da Bolívia por dois anos, sem receber salário, nem benefícios sociais, eles prometiam nos pagar, mas isso nunca aconteceu. Porém, escolhi a opção de vir atrás de minha esposa para ajudá-la, mas isso é fictício. Eu me sinto mal. Por causa de meu passaporte, não posso trabalhar, não posso fazer nada. É impossível trabalhar aqui, o trabalho é só para os brasileiros. Na Bolívia, era comum que viessem estrangeiros a trabalhar conosco, essas eram as primeiras pessoas que tinham transferência e não eram expatriados.

Rosemary: Eu trabalhava na fábrica de La Paz capacitando pessoas, foram privatizadas as fábricas, mas o governo de Evo Morales as recuperou, eu era a gerente de recursos humanos, mas o ambiente virou muito politizado, os sindicatos dominavam e o ambiente foi ficando feio. Recebo o convite para vir trabalhar no Brasil, e não sabíamos dos riscos, não sabíamos o que podia acontecer. Eu tinha que decidir. A empresa em que Alex trabalhava não lhe pagava fazia dois anos e eu corria o risco de ficar sem trabalho. Decidi vir sozinha, para fazer uma fase de transição da expatriação. Eu vim para aqui, estou feliz com a experiência, acho que é

uma boa experiência, vai acrescentar em meu currículo, mas não sei se compensa o grande sacrifício de toda a família.

Alex: Foi uma mudança muito radical.

Marcela: Chegamos no dia 20, sem saber bem o que íamos receber de ajuda financeira. As condições aqui são diferentes das que foram prometidas e se fica muito desmotivado; em vez de sermos expatriados, fizeram uma transferência temporária para o trabalho da minha mãe, não é um trabalho internacional. Se fossemos expatriados, receberíamos muito mais ajuda econômica para todos os membros da família; mas, ao ser só um contrato de trabalho normal, não recebemos.

Vão descrevendo um entorno sociopolítico, na Bolívia, que parece havê-los expulsado do país. Alex, ao tentar se definir, duvida entre falar no tempo presente ou no tempo passado, vacila entre definir-se na atualidade como mecânico de aviões ou definir sua profissão como coisa do passado. Diz ter trabalhado sem receber salário, e Rosemary sentiu-se empurrada pela situação política do país a aceitar a expatriação. Tudo isso é o contexto social que os apressou a tomar decisões. Tanto do ponto de vista intrassubjetivo quanto do intersubjetivo, eles não parecem ter pensado sobre as mudanças. Nem internamente, nem nos vínculos familiares, parecem não ter percebido mudanças subjetivas, nem nenhum corte com o modo de vida que tinham, na Bolívia, e assim não conseguiram se preparar para as mudanças que de fato apareceriam na troca de país de moradia. Parece que a estrutura familiar apresenta grandes resistências para modificar-se, porque não levaram em consideração todas as mudanças que os rodeavam.

O intuito familiar de trasladar uma situação intacta de um país ao outro faz operar o desmentido da realidade, mecanismo de defesa radical para apagar uma parte da realidade, por ela resultar altamente dolorosa. Talvez a realidade que eles tentam apagar tenha a ver com a situação política e econômica da Bolívia e a precariedade na qual viviam lá. A mudança de país tenta obstruir a situação penosa da Bolívia, na qual, por exemplo, o pai trabalhava fazia dois anos sem receber salário, todavia, a razão dessa situação é silenciada. As lembranças que trazem do país natal só foca nas situações positivas e não na precariedade com que viviam lá, já que isso é borrado. A realidade de vida que enfrentavam, na Bolívia, parece estar cheia de não ditos, de situações não declaradas, as quais não ficam claras no discurso familiar. O que fica como pergunta é: o desmentido remete ao que eles não querem enxergar, ou à situação política boliviana, da qual não estão autorizados a falar? Essa pergunta fica em aberto, como

hipótese. O mecanismo de desmentido está operando, e o mesmo não os habilita a modificar-se para conseguir se inserir na nova realidade brasileira, frágil e precária, que os circunda. Essa situação denuncia uma falha na elaboração da mudança.

Rosemary: Tenho colegas com filhos pequenos que conseguiram pagar o colégio que eles queriam, moram em um bom bairro; mas isso não aconteceu conosco. Nada fica dentro dos custos que a empresa nos paga, e cada vez baixamos e baixamos mais na escala social. Eu queria que eles estudassem como na Bolívia, mas isso não é possível, com o que nos dão para as despesas!

Terapeuta: Vocês não sabiam das condições com que vinham para Brasil e vieram só se baseando em seus anseios e desejos do que seria morar em outro país, mas a realidade parece mostrar uma coisa muito diferente da que vocês sonhavam. Parecem estar-se deparando com um choque entre seus sonhos e a realidade, e talvez estejam pensando como se adaptar a tanta discordância entre um e outro. Vão ter que pensar como lidar com essas distâncias e diferenças.

Rosemary: Nós nunca pesquisamos. Com o que eu recebo, não dá para que ela estude aqui e meu filho, na Bolívia. Com o salário que recebo, a minha carreira está truncada. Você sabe o que significou para mim ter que deixar meu filho regressar para a Bolívia [começa a chorar, muito angustiada]. Ali, se você dispõe de U\$ 500, como me dão aqui, para pagar o estudo do filho, alcança e sobra; mas, aqui não dá para nada. Os aluguéis também são muito caros, não moramos onde escolheríamos morar, pois o dinheiro não basta para pagar isso. Nós não sabíamos nada disso antes de vir [chora muito], a diferença dos salários é muita. Na minha divisão, no trabalho, tem colegas que ganham bem e conseguem poupar dinheiro; nós nem conseguimos alugar um apartamento de 3 quartos. Na Bolívia, tínhamos uma casa de dois andares, três carros, vendemos tudo e agora vivemos assim. Impacta muito tudo isso e não temos como voltar atrás. Isso traz crises em casa, brigas fortes, nesses 6 meses em que moramos no Brasil. Ela quer ir embora com o pai e eu ficaria aqui sozinha. Eu já trabalhei 20 anos e não quero perder minha aposentadoria, vou precisar da aposentadoria algum dia. Tudo isso é um absurdo, eu não me acostumo, nós morávamos com uma comodidade total, tínhamos nossa casa, nossa moto, nosso jeep, nosso fusca. Agora só podemos acessar ao transporte público. É bom não ter tudo, visto que a gente aprende, mas... Eu não posso renunciar e ir embora, assumi esse projeto de vir trabalhar aqui e, no contrato, assinei a transferência por 4 anos.

Alex: Mas minhas possibilidades de trabalho são muito restritas, nem como garçom posso trabalhar, não posso fazer nada aqui. Estou atado de pés e mãos.

Rosemary: Eu sou a mais privilegiada, estou dentro de um círculo, mas eles não. Geralmente, quando vêm trabalhadores de fora, são homens, então, são as esposas as que sempre ficam na casa como amas de casa.

Alex: Eu trabalhei sempre na mesma empresa por 23 anos, e continuava trabalhando junto com os amigos, com esperança, lutando, para não perder a esperança, mas... a minha empresa também tinha filial no Brasil e não me transferiram.

Defrontam-se com um entorno socioeconômico adverso e não sabem como se inserir no contexto social que os rodeia. Sentem ter perdido sua posição social, na Bolívia, e procuram recuperá-la, no Brasil. Esse movimento faz alusão as inscrições transsubjetivas da família, ou seja, as inscrições familiares no entorno social. No entanto, isso se transforma em uma cilada para eles, porque, na medida em que tentem restaurar a perda social da Bolívia, no Brasil, não o conseguirão, pois estão se esquecendo de que lidam com contextos socioculturais e político-econômicos diferentes. Primeiramente, seria importante que conseguissem aceitar que, por opção própria, decidiram abandonar a Bolívia e se mudar para o Brasil. Também por escolha familiar decidem vender tudo, no país de origem, não ficando com nenhuma materialidade que os fixe e os prenda a esse país. Eles não têm conseguido elaborar internamente, nem intersubjetivamente, os movimentos e ações que perpetraram, na realidade. Tanto no transsubjetivo: no social, como no intersubjetivo: vincular, e no intrassubjetivo: intrapsíquico, não tramitaram a mudança, o que significaria realizar o luto pelo país deixado para trás. Ao vir ao Brasil, não conseguem se inserir na realidade social e econômica do país, pois não elaboraram afetivamente o abandono de sua inserção boliviana, para situar-se em outro país. A situação econômica adversa brasileira também lhes tem dificultado a própria inserção social.

Por um lado, apontamos um processo emocional e afetivo que parece estagnado, sem possibilidades de que o consigam fazer, e, por outro, assinalamos uma situação econômica real à qual teriam que se adaptar, para sentir que fazem parte desse entorno social e cultural. Diante de todas essas dificuldades internas e externas, figura-se comprometida até a percepção da realidade e a possibilidade para lidar com a mesma, uma vez que só nas palavras de Rosemary, e não nas dos outros membros da família, aparece a preocupação por ganhar o sustento que lhes permita seu diário viver. A filha e o pai parecem omitir a realidade como tal, colocando-se, assim, subjetivamente na borda do social. Talvez a mesma exclusão social os mantenha transsubjetivamente e intersubjetivamente à margem do entorno que os rodeia. O social os exclui e eles permanecem excluídos, não conseguindo modificar subjetivamente essa posição de exclusão. Pareceria que, para Alex e Marcela, o trabalho que providencie o sustento para o dia a dia não é algo que os preocupe, talvez porque deixam essa parcela da preocupação só nas mãos de Rosemary, contudo, dessa forma, eles se situam em uma posição de incapacidade para ganhar o próprio sustento.

Rosemary: Na Bolívia tem empresas de aviação, e ele disse que queria vir comigo, nós nunca tínhamos nos separado, às vezes aqui ele fica alheio e sinto que não consigo encontrá-lo.

Alex: Mas eu estou aqui de seguro.

Terapeuta: A expatriação está sendo bem difícil para vocês, porque ainda não acharam o lugar de cada um aqui e estão pensando pelo que perderam lá. Vocês estão muito angustiados com toda essa situação de vida, acho que precisariam de uma ajuda profissional, ou seja, de entrar em terapia para serem ajudados a elaborar as perdas e, assim, conseguir lidar com o presente da expatriação ao Brasil.

Marcela: Vocês tomaram a decisão de vir para o Brasil, nós não, nem perguntaram para a gente, se queríamos vir estudar aqui; e agora, aqui, nem conseguem alugar um bom apartamento. Eu quero voltar, igual ao meu irmão.

Rosemary: Você é mulher, não é igual.

Marcela: Eu não queria vir aqui, ela [aponta acusatoriamente a mãe] tomou a decisão somente com meu pai.

Rosemary: Ela nos obriga, nos chantageia.

Marcela: Eu quero ir embora, quero voltar, quero que você me tire daqui. Tenho que fazer outra vez o que você quer!!! Três anos aqui no Brasil fazendo um curso que não gosto, alguma vez você vai me levar de volta? Nós fomos morar em La Paz por seu trabalho, depois Santa Cruz, tudo sempre depende de você e suas vontades. Você sempre tem que forçar tudo! [chora e fala alto]

Rosemary: Que vamos fazer, se eu não trabalho? Teu pai estava em um emprego sem receber salário.

Marcela: Mas não é você sempre a pessoa que tem que tomar as decisões por mim!!!!

Ficam aqui expostas as dificuldades vinculares na família, já que parecem não conseguir interagir e se olhar como sujeitos independentes, com desejos diferentes entre si. Aparece a dificuldade intersubjetiva para outorgar espaço aos afetos dos outros membros da família e a ouvir a posição do outro, ainda que esta seja diferente da própria, dar um espaço ao "ajeno", daí a sensação de não ser escutados que revelam. Uma intensa angústia aparece permeando as relações familiares, por causa das dificuldades de comunicação que não conseguem resolver. Precisariam criar um espaço familiar com um lugar para as diferenças, dentro do qual a alteridade de cada um não implique uma afronta à visão única familiar autorizada.

As intervenções da psicóloga não estão sendo escutadas, talvez na medida em que o lugar da terapeuta pressupõe um lugar de terceiro que intercede no discurso familiar fechado, este não pode ser ouvido. Os vínculos familiares pareceriam estar fechados a qualquer manifestação de um terceiro que os questione e lhes permita ampliar a visão do grupo familiar e de cada um de seus membros. A estrutura familiar inconsciente dessa família denota, por conseguinte, uma incapacidade de abertura ao social, para seus membros, não cumprindo com a direção necessária a toda estrutura familiar: da natureza à cultura. Nessa família, não aparece a opção de inserção na cultura, no social, como uma possibilidade diferente que não corresponda apenas ao discurso familiar único.

Rosemary: Se eles vão embora, a empresa não vai me dar mais ajuda de custo e não vou poder me sustentar. Nossos filhos têm 17 e 20 anos, ainda somos nós os que decidimos.

Terapeuta: Marcela está pedindo que você escute sua dor e que a leve em conta.

Marcela: Eu posso ser responsável por mim mesma, por que vocês arruinaram minha vida? [Ela chora muito. Fico sem lenços para as lágrimas deles e ela pega folhas de desenho]. Aqui não conheço ninguém, estou sozinha. E meu pai, você pensa nele? Ele fica o dia inteiro em casa, um dia ele vai explodir. Eu o vejo todos os dias fazendo nada.

Rosemary: Como podemos pensar em morar na Bolívia sem trabalho? Não podemos voltar.

Marcela: Qual é nosso futuro aqui? Ir para a Bolívia?

Rosemary: [olhando para mim] Ela é irresponsável.

Terapeuta: Acho muito importante que consigam escutar os pedidos de cada membro da família, para que cada um ache um lugar no qual possa se sentir com possibilidades para o futuro. Marcela está colocando situações de peso, acho importante você escutar o que ela diz.

Marcela: Eu gostaria de estudar arquitetura, mas não consigo fazer isso aqui, se a gente vai embora, eu posso estudar lá. Você não pode mudar minha vida. Você cortou com a Bolívia, nós tínhamos carro ali, tínhamos tudo e aqui não temos nada. Algum dia você vai dizer: vamos embora? Eles obrigaram a gente! E o que fizeram com meu irmão? Quem é responsável?

Rosemary: Você tinha um relacionamento com um moço na Bolívia que não fazia sentido.

Marcela: Você também faz com que papai não faça nada o dia inteiro, você só quer a gente de teu lado!

Rosemary: Todos nós estamos fazendo um sacrifício, eu também me sacrifico por vocês, eu trabalho por vocês.

Alex: Mas você reclama de tudo o tempo inteiro.

Terapeuta: Parece que a expatriação para o Brasil tem sido muito dura para todos vocês e talvez este seja um espaço para falar disso e compartilhar.

Começam a aparecer no discurso familiar cobranças antigas, que abrangem a história familiar, escolhas anteriores, em que as opiniões de cada um deles não foram consideradas. Talvez, a dificuldade que estão expondo frente à adaptação a terras brasileiras traga junto outros momentos vitais em que os pais tomaram decisões unilateralmente, sem ter em conta a opinião dos filhos. Aparece aqui uma falha no processo de mudança que arrasta mudanças anteriores não elaboradas e não faladas entre eles. Ao enfrentar uma exclusão social de grandes proporções, no Brasil, começam a enxergar e abrir o discurso familiar às várias histórias de falhas das mudanças familiares anteriores, em que o outro, diferente, não era considerado.

Defrontamo-nos com um paradoxo: por um lado, a família foi exposta a várias mudanças, mas, por outro, o discurso familiar parece não ter sido modificado pelas experiências vividas, porque se apresenta como fechado ao diferente e obstruindo a possibilidade de entrada do "ajeno". Desenham-se então dois discursos: um, que abrange o real que os circunda e apresenta modificações e câmbios; e outro, que abarca a subjetividade familiar descrita a partir da estrutura familiar inconsciente, que aparece com imobilidade e imutabilidade frente ao devir do tempo e das situações. Entretanto, apesar das resistências familiares e do desmentido familiar, que não lhes possibilita perceber conscientemente a mudança, a estrutura familiar inconsciente está sendo atingida pela experiência de expatriação, ainda que seja pelo fracasso da mesma. A denúncia de Marcela, no encontro terapêutico, tenta quebrar o discurso familiar fechado, na procura de introduzir um espaço terceiro, que permita uma abertura e uma saída da submissão a uma forma de pensar só, como uma cosmovisão única que obstrua a entrada do novo.

Rosemary: Primeiro, Alex foi embora e, agora, você quer ir embora? Não vai dar. Marcela não pode morar sozinha, meu filho é responsável, vou ser sincera, ele cumpre com o que promete, é obediente, mas ela não. Minha mãe não quer saber de ter que cuidar dela, onde ela vai morar, na Bolívia?

Marcela: Eu sempre fui independente, tenho 20 anos, antes eu não estudava, e paguei o preço por isso, mas depois você disse: 'Vamos embora, ali vamos ter mais oportunidades'. Mas nada disso é verdade! Eu tinha meu namorado lá.

Rosemary: Ela não é estável.

Terapeuta: Rosemary, eu acho que você não está escutando o que Marcela está dizendo. Cada um enxerga a realidade de um ângulo diferente, e têm que aprender a se escutar. Terão que fazer um esforço para se escutar, para conseguir resolver a vida de cada um e tentar ter em consideração cada um de vocês. Em qualquer idade as pessoas têm que ser levadas em conta e escutadas, sobretudo por sua família.

Rosemary: Ela namorava um moço e depois o deixou, muito melhor ter deixado ele.

Marcela: Melhor para você.

Rosemary: Ela assumiu vir aqui, se ela foi irresponsável, é o problema dela. Ela foi à Bolívia para se encontrar com ele, minha mãe disse que ela é rebelde e foi embora sem avisar. Como posso deixar ela ir sozinha para lá? A empresa proíbe aos expatriados voltar tão cedo para o país de origem e ela foi igual.

Marcela: A adaptação dos filhos não pode ser assim.

[Rosemary não está escutando Marcela].

Rosemary: Ela é um problema, ela me pediu, por favor, para ir embora, para não brigar com o namorado, e deixei-a ir embora, mas tinha que voltar. Eu não tenho forma de mantê-la lá na Bolívia.

Marcela: Se você não aceita que eu vá embora e também não aceita ir embora comigo, esquece-se de mim!!!!

Terapeuta: Parece que Marcela tem tomado uma posição muito dura para tentar fazer-se escutar. Rosemary, ela está pedindo para você levar ela em conta e você está perdendo essa oportunidade, na hora em que ela abre o coração.

Rosemary: Se ela continua com esse moço, e com as mesmas amigas, isso não é permanente, novamente vai ter mudanças. Ela se impõe, mas ela tem uma grande instabilidade, tem que ter cuidados médicos, teve cirurgias importantes quando era menina e eu tenho que cuidar dela. Ela está me chantageando, mas o que a empresa me dá não é suficiente para pagar a Universidade dela.

Terapeuta: Está sendo difícil para vocês escutarem as diferenças que vocês têm, na forma de pensar, de agir e de ser. Cada um precisa ser escutado, para se sentir com um espaço para si, na família. Vocês se lançaram a uma expatriação com muito pouca informação, e isso não é por causa de um ou outro, é uma forma de agir de todos, no núcleo familiar. Agora que estão aqui, vão ter que ver como lidam com isso e conseguem tolerar o desengano e a decepção com a expatriação. Se vocês conseguissem se ouvir, poderiam se sobrepor à situação atual, superá-la como um obstáculo e crescer para o futuro. Acho, Rosemary, que está sendo muito difícil para você escutar a decepção de sua filha e seu marido, mas só compartilhando as dores pela frustração e a decepção vão poder progredir para frente. Por tudo isso, fazer terapia ajudaria vocês a elaborar a situação e aliviar a angústia que os invade. Eu posso orientar vocês para achar um lugar onde serem atendidos profissionalmente.

A família acusa a empresa de não lhe dar suficientes recursos para morar no Brasil, critica os funcionários de recursos humanos por não ter ajudado em tudo do que eles, como família, precisariam. Todavia, eles não conseguem se fazer donos da própria expatriação e da forma em que escolheram fazê-la, como uma escolha vincular peculiar adotada por todos como família. Aceitam a expatriação em total desconhecimento inconsciente de que estavam mudando de país, desconhecendo as diferenças existentes entre um país e outro. Eles vêm ao Brasil aguardando achar aqui os mesmos parâmetros culturais conhecidos da Bolívia, e a realidade os faz deparar com a interculturalidade. Em terras brasileiras, continuam negando e anulando essas diferenças. Essa família utiliza como mecanismo de defesa o desmentido a respeito da mudança de país, como forma de anular uma realidade diferente da que eles imaginam e que, por isso, se torna intolerável intersubjetivamente. O conteúdo do desmentido pode referir-se a elementos inconscientes que não conseguem apreender ou à situação política desfavorável que não pode ser colocada em palavras. Essas hipóteses ficam em aberto, sem resposta. Como consequência disso, a família não está conseguindo adaptar-se e modificar-se subjetivamente frente à mudança, parecendo fracassar na elaboração desse processo.

Parecem não perceber que a escolha da mudança é deles, e tentam fazer coexistir a mudança com aqueles parâmetros conhecidos que trazem do país de origem, não conseguindo dessa forma propiciar a mudança nem compreendê-la, e sim negá-la e desmenti-la. A família estaria estruturada em torno do desmentido, não habilitando à mudança, porém, perpetuando uma estrutura antiga em um cenário novo o qual não podem suportar. A estrutura familiar inconsciente resiste a ser modificada e perpetua um modo de vinculação que não inclui nenhuma alteração nem mudança. Essa família não consegue evoluir em função da interculturalidade, já que seus membros não conseguem realizar trocas entre as culturas dentro deles ou nos relacionamentos que estabelecem. Talvez pudéssemos dizer que estamos diante de uma grande resistência transubjetiva, intersubjetiva e intrassubjetiva a aceitar as mudanças e conseguir complexar a própria subjetividade, em função da interculturalidade.

6.3. CASO CLÍNICO 3

Família formada pelo pai, Marcos, de 30 anos, funcionário expatriado, Elizabeth, a esposa de 28 anos, as filhas do primeiro matrimônio de Marcos – Andrea, de 6 anos, e Maria Jesus, de 5

anos –, a filha do atual casamento, Eli, de 3 anos, e Josefina (avó, mãe de Marcos). Essa família vem da Bolívia, na sua primeira expatriação, estando no Brasil faz 8 meses.

Marcos: Os primeiros 6 meses foram difíceis para minha família, a cultura brasileira é bem diferente da boliviana. Foi bem difícil no início.

Elizabeth: Para mim foi bem complicado vir para aqui, já que na Bolívia eu trabalhava e estudava na universidade, foi uma mudança abismal. No Brasil, moramos num apartamento, lá morávamos em uma casa com quintal; aqui, ando a pé, na Bolívia, tinha meu carro. Eli, a pequena, sofreu por causa da língua, mas agora tudo é mais tranquilo. Ao nos mudar para o Brasil, a sogra veio morar junto conosco, assim como as meninas mais velhas, que na Bolívia moravam com a avó. Aqui é perigoso sair na rua, eu quase não saio, tenho medo que me atropelam na rua. Em Santa Cruz, eu ia ao parque com elas, aqui não saio. No início do colégio, no Brasil, as meninas ficavam presas a mim, mas agora não. Em 15 ou 20 dias, a gente viu a mudança, as meninas mais velhas já não sentem tantas saudades, acho que agora sou eu a que tenho que me acostumar às mudanças. Elas já falam português, porque aprenderam na escola, eu não falo tão bem assim. Em Santa Cruz, nós não morávamos todos juntos.

Marcos: Ao ter as três meninas juntas se faz mais difícil cuidar delas.

Desde o início, Elizabeth fala das dificuldades levantadas pela expatriação, nomeando a mudança como abismal. No dicionário, esse adjetivo refere-se a uma distância intransponível, desenha um abismo no meio de dois territórios, insondável, que não se consegue alcançar, e que dá pavor. Ela descreve assim como se sente, ao ter perdido as referências do mundo externo deixado para trás, na Bolívia. Concebe o morar no Brasil como estar em um espaço reduzido, altamente perigoso e no qual eles não conseguem se inserir e se sentem presos no apartamento onde moram. Elizabeth continua relatando como, no país de origem, tinham mobilidade, podiam se deslocar livremente, se apropriar de diferentes espaços nos quais circulavam e tinham independência. Aqui no Brasil, isso parece ter-se perdido, ela relata o sentimento de estar sendo atropelada, sem ter os códigos compartilhados para se expressar, sem um núcleo de pessoas de referência e muito sozinhos. Vemos como a fala de Elizabeth refere-se a si mesma, mas, ao mesmo tempo, remete a toda a família em face da mudança de país. A possibilidade de tecer a interculturalidade, no seio da família, parece até aqui como um abismo, como um espaço intransponível entre ambas as culturas.

Elizabeth: Na Bolívia, a avó sempre estava junto com as duas meninas mais velhas, que moravam na casa dela, porém, ao vir ao Brasil, decidimos não separá-las e trazer todo mundo junto para aqui. Agora que estão as três irmãs juntas, brigam o tempo todo. Antes, na nossa casa, Eli estava sozinha e não tinha com quem brigar; no entanto, agora que tem que dividir o espaço do apartamento, vive chorando por causa das brigas entre irmãs.

Josefina: Aqui e ali sempre é igual, elas sempre vão brigar.

Marcos: Ao vir para o Brasil, Elizabeth perguntou por que o sogro não vinha junto com a gente, mas essa foi uma decisão de minha mãe. Ela veio para cuidar das netas e para que Elizabeth possa ir à universidade, se quiser. Por outro lado, Elizabeth nunca teve muito contato com Andrea e Maria Jesus, elas foram criadas pela avó.

Descrevem uma nova conformação familiar adaptada à experiência de expatriação. É como se não conseguissem se escutar, já que cada um relata como vivencia a situação, sem considerar como o outro se sente. Elizabeth fala da solidão, Marcos parece não dar crédito às possibilidades de sua atual esposa para se desenvolver como mãe das três filhas dele e não consegue ouvir a solidão e desamparo que ela transmite, enquanto a avó só transmite uma posição negativa e desencorajadora, porque parece não acreditar que essa nova família possa tecer laços fortes entre si. Essa fala denota uma situação vincular em que estão juntos, mas sós, ao mesmo tempo, visto que os discursos parecem não se entrecruzarem para serem ouvidos; estamos em face de um discurso em que vários monólogos se unem, sem conseguir se encontrar como diálogo, permanecendo como monólogos coletivos.

Essa nova conformação familiar fica como incógnita. Na Bolívia, moravam separados e, na possibilidade da viagem, que faria com que morassem com uma distância maior, decidem modificar a família. O objetivo manifesto que trazem é juntar no mesmo espaço de moradia as três filhas de Marcos, ainda quando elas já moravam separadas. No entanto, desmontam laços estabelecidos na Bolívia: os avós morando com a filha deles e as filhas do primeiro casamento de Marcos, para construir uma nova família, na qual convivem três gerações. Não fica claro qual é o objetivo de quebrar outras conformações familiares para construir a família que vem ao Brasil. Talvez a angústia de separação, frente à expatriação de Marcos, fez com que se constitua essa atual família, para tentar anular a distância com ele. Será que essa nova família surge para contrarrestar a separação familiar? Fica em aberto a pergunta sobre o que eles procuram, com esses movimentos.

Apresentam-se, nesta nova família, no Brasil, a proximidade e o convívio das três gerações, o que gera brigas entre eles. Esse movimento denota uma falha, já que tentaram unir e acabam brigando por causa dessa união.

Elizabeth: Outro dia acordei e não achava a Eli, e entrei em desespero, procurando-a. A achei com a avó e me disse que, a partir de agora, a avó era sua nova mamãe.

Marcos: Eu expliquei a Eli que minha mãe era a avó dela e eu era seu pai e Elizabeth sua mãe.

Elizabeth: Como as meninas mais velhas chamam a avó de mamãe e, nesse momento, Eli não estava me vendo, ela chamou a avó de mamãe. Ela também perguntava pelo pai; talvez estivesse confusa, porque é a mais nova.

Marcos: A mãe de Andrea e Maria Jesus está na Espanha.

Elizabeth: Eu jamais tinha pensado em sair de meu país.

Marcos: Na Bolívia, nós morávamos com meus pais, até Eli nascer; nesse momento, fomos morar os três juntos: eu, Elizabeth e Eli. No Brasil, juntamo-nos e moramos os seis juntos.

[As filhas estão desenhando à mesa e, nesse momento, Andrea mostra o desenho da família que ela fez (Figura 5)].

Figura 5 - Desenho de Andrea da família em folha grande

Terapeuta: Então, ao vir ao Brasil, vocês mudam de país, de formato familiar e de forma de vida. Quantas mudanças juntas! Tal como Andrea está desenhando a família com um novo formato, acho que da mesma maneira vocês vão ter de se acomodar. Talvez isso também confunda, porque parecem não saber quem é a mãe, quem a avó e quem é o pai.

[Nesse momento, Andrea vira o desenho da família e mostra o desenho que fez no verso (Figura 6)].

Terapeuta: Quantas perguntas a serem respondidas! Nesse desenho, Andrea faz um rosto com formato de coração, mas com dentes e com olhos esquivos, que não olham de frente. Parece juntar no desenho as perguntas, as brigas, o amor, tudo no mesmo desenho, assim como vocês sentem todos esses afetos ao mesmo tempo, entre vocês. Na frente da folha está a família reunida, mas, no verso, aparecem os dentes, escondidos na parte de trás da folha. É difícil falar da brigas abertamente.

A nova família parece gerar confusão e as denominações dos lugares parentais surgem trocados e perdidos. Talvez tragam à tona marcas da história anterior, a qual se atualiza na mudança e nos novos intercâmbios que o novo desenho de morar representa para eles. Delineiam diferentes formas de morar e vínculos anteriores que ficaram separados, como situações de conflito atualizadas no aqui e agora, já que carregam aquelas marcas de conflito. Andrea e Maria Jesus não moram com sua mãe, Eli, sim, mas parece perdê-la na presença da avó, que é chamada de mãe. Marcos, no lugar de pai, não consegue ordenar essa família, estabelecendo espaços diferenciados e lugares a serem ocupados e sustentados. Elizabeth perde seu lugar de mãe, diante de uma avó que o usurpa, no mesmo momento em que a mãe de Andrea e Maria Jesus também parece perdê-lo. Pode ser que eles carreguem a fantasia de que a mudança poderia obliterar o conflito familiar que portavam, nesses lugares familiares confusos, e resolvê-lo, vindo a outro país e modificando essas marcas anteriores. Contudo, somente a troca de lugar de moradia não modifica os vínculos e os sujeitos que fazem parte dos mesmos. Os sujeitos precisam se modificar e mudar o modo de se vincular e, dessa forma, elaborar conflitos anteriores.

Figura 6 - Desenho de Andrea no verso do desenho anterior

Marcos: Quando me convidaram a vir para o Brasil, senti que era uma grande oportunidade, então decidi arriscar e aceitar o desafio. Acho que a mudança vai nos fazer enriquecer como pessoas, conhecer outra cultura e outra língua. Na Bolívia, estamos vivendo um momento político muito especial e o Brasil é um país imenso, economicamente forte, e que oferece muitas oportunidades; considero a expatriação como um desafio para conhecer e experimentar. Na época, lembro que conversei com a família, para ver se queriam conhecer outro país, e ficamos atraídos pela ideia e pela oportunidade que a empresa me oferecia.

Eli [dirigindo-se ao pai]: Obrigado, papai.

Elizabeth: Resulta difícil para Eli falar, ela sempre foi muito mimada, todo mundo sempre indicava que ela era mais nova. Agora, acho que ela se confunde com a língua, mas entende.

[Eli mostra o desenho (Figura 7) que ela fez. As irmãs o pegam e começam a brincar, brincando de adivinhar palavras, escrevendo em cima do desenho de Eli, em três fileiras com o nome de cada uma delas, marcando cada acerto e cada erro, na brincadeira entre elas].

Andrea: Eu sou Andrea e ela é Maria Jesus.

Eli: Eli.

Andrea: Eu gosto de viver aqui. Posso ir passear, andar de skate, vamos com Maria Jesus.

Josefina: [se dirigindo a Maria Jesus] Fala, bebê, ela não fala muito é um pouco especial [Maria Jesus fica calada].

Elizabeth: Quando ela está sozinha, ela fala, tem que ficar só com ela.

Figura 7 - Brincadeiras das meninas no desenho de Eli

Transmitem mensagens contraditórios, ao referir-se às formas de comunicação e às linguagens usadas. Elizabeth e Josefina situam, nas filhas menores, as dificuldades para fazer-se entender, sem ter em consideração que tanto falando, como Eli, quanto calando, como Maria Jesus, elas interatuam, desenham, brincam e se comunicam. Os adultos parecem ser aqueles mais atingidos pelas dificuldades para se fazer entender e isto é projetado nas filhas mais novas. Talvez isso denote o desamparo que sentem como núcleo familiar frente à perda dos referentes do contexto social que, por momentos, vivem como intransponíveis, mas que depois começam a sentir que conseguem superar e adaptar-se. Pareceriam estar discutindo sobre a interculturalidade, já que, além da língua, está-se discutindo sobre a possibilidade de estabelecer diálogos que conectem as duas culturas neles, conseguindo somar e não sobrar, abrangendo assim a inserção cultural. Eli poderia ter-se sentido invadida pelas irmãs que tomam conta de sua folha e do desenho dela, porém, ao contrário, as três irmãs armam brincadeiras nas quais se incluem e interagem todas. As resistências a misturar-se e interatuar parecem mais centradas nos adultos que não conseguem se comunicar e vincular tanto entre eles quanto com o mundo exterior.

Marcos: Tem sido difícil para elas, às vezes, minha casa parece um manicômio e eu não aguento nem 5 minutos lá. Com a mudança, o que mais se modificou é a língua, que é uma grande barreira para a comunicação, elas não podem falar nem com os vizinhos. A qualidade de vida tem descido aqui, já que elas não saem à rua. Na Bolívia, morávamos a 15 minutos do escritório, eu sempre almoçava em casa ao meio-dia, com a família, depois tirava um cochilo e às 14h30 tomava banho e saía fresquinho para trabalhar de novo. Ali tinha ânimo para estudar, jogar futebol e trabalhar; aqui saio às 13h, em um elevador apertado como lata de sardinhas para almoçar no centro e volto em casa à noite, muito cansado, o tempo é curto para compartilhar. Em resumo, temos menos qualidade de vida. Eu tenho dificuldade para aceitar o ritmo acelerado de trabalho das grandes cidades, aqui todo mundo mora longe; lá na Bolívia, até nas cidades grandes, as pessoas têm qualidade de vida.

Elizabeth: A gente nem andava muito lá, só um pouquinho no quarteirão. Aqui tudo é longe, sempre tem que andar muito, e eu não consigo carregar Eli nos braços, que já pesa 22kg. Por isso, não posso sair com ela, mas as outras duas meninas são mais valentes e andam.

Marcos: Lá nós tínhamos mais mobilidade para nos trasladar e os custos eram bem mais baixos. Tínhamos uma van e era bem barato tê-la.

Elizabeth: Você pode comprar um 0 km por um bom preço lá.

Marcos: Lá tudo é mais barato, alimentos, carros, moradia etc.

Elizabeth: Tínhamos um gato, um cachorro e um louro.

Marcos: Aqui mudamos para morar em um apartamento pequeno como uma caixa de fósforos.

Elizabeth: Temos pouco espaço. Eli sente a falta do pai, que vinha em casa para almoçar. Aqui o pai fica muito grudado com Maria Jesus, isso é automático.

Josefina: Elas não ficavam com o pai delas lá, o pai só vinha visitá-las e ia embora, elas sempre foram mais grudadas em mim. A pequena é mais da mãe, Maria Jesus é a pequena do pai.

Marcos: Eu viajo muito a trabalho [Maria Jesus se senta no colo do pai], sempre trabalhei em campo, porém, estou longe, por isso estou pouco com as meninas; quando nasceu minha primeira filha, eu estava no campo, quando nasceu Elizinha, eu cheguei 24 h depois. Não estou acostumado a estar com todo mundo junto.

Descrevem as distâncias entre os membros da família, do ponto de vista objetivo e subjetivo. Apesar de apresentarem a cidade de origem como um lugar no qual tinham mais tempo para se encontrar, isso nem sempre acontecia. Marcos diz que lá tinha tempo para tudo, mas não estava presente para usufruir desse tempo. Parece que, embora tendo a oportunidade para estar juntos, não conseguiam fazê-lo. A avó denuncia um pai falho, que só via as filhas por um curto tempo, enquanto Marcos descreve-se como estando sempre longe "em campo", como espaço restrito só a ele, ao qual as mulheres da família não conseguiam acessar. Aceitam participar da expatriação como uma oportunidade, talvez para se aproximar, como uma tentativa de sair de um modelo de relacionamento distante. Por outro lado, quando se aproximam muito, na convivência, o espaço familiar vira um "manicômio", no qual não aguenta nem 5 minutos. A tentativa de juntar-se em um espaço compartilhado falha, já que subjetivamente isso resulta intolerável; a proximidade entre eles, situação que permitiria trocas familiares, os sufoca, não encontrando espaço para cada um, na família. Denotam um estrutura familiar inconsciente: em que pese as mudanças no exterior, não têm conseguido se modificar subjetivamente, sustentando-se com a mesma estrutura, com intolerância para aceitar a diversidade dos sujeitos que a compõem. Tentam se estruturar como uma família em arco-íris ou reconstituída, a partir de um segundo matrimônio, mas vincularmente e subjetivamente isso não se sustenta. Se a expatriação tinha por propósito constituí-los como família ampliada, isso acontece, todavia, revela as brigas fazendo parte do acontecer intersubjetivo familiar, como uma outra interação da que eles fantasiavam.

Elizabeth: Os avós maternos dela sempre estavam por perto lá.

Marcos: Eli é muito mimada. Na Bolívia, nós nem tomávamos conta delas, agora tem uma grande mudança e temos que educá-las. Agora que estamos perto, melhorou o comportamento delas. Outro dia, Eli disse: "Não, pai"; falou em português para mim, antes ela não fazia isso, está crescendo e mudando.

Elizabeth: A questão dos avós é uma questão cultural. Os bolivianos geralmente vivem na casa de seus pais, são muito "mameros"¹¹. As casas são grandes, lá. Não cortamos cedo o cordão umbilical; só mais tarde. Eu sinto saudades de minha gente, de meus amigos. As pessoas aqui são amáveis, mas são fechadas, não fazem amizade facilmente.

Terapeuta: Estão falando de como é difícil cortar os laços com as famílias de origem, talvez isso esteja impedindo vocês de se aproximar de outras pessoas que não são os conhecidos de sempre da Bolívia. Aqui trazem a família inteira para não sentir a distância entre vocês, já que se descrevem como "mameros", mas surgem as brigas. Quantas mudanças, de país, de formato familiar, de conhecidos!

[Andrea mostra seu desenho da Figura 8 e diz que é ela, no Brasil. Depois, exhibe o verso da folha (Figura 9), no qual aparece um coração sorridente olhando de lado, e a Figura 10, onde desenha o pai trabalhando sozinho em seu escritório].

Terapeuta: Andrea sempre complementa o que os adultos dizem com seus desenhos. Aqui vejo uma menina do lado de uma caixa de correios, ela está esperando uma carta?

Andrea: Sim de algum país longe.

Terapeuta: Do lado da caixa de correios está a lava-roupas que vocês têm que compartilhar aqui no Brasil, para lavar as roupas de todos em uma mesma máquina. No entanto, parece que, falando de tudo isso, as relações entre vocês ficam mais leves, porque, na Figura 9, aparece um coração que já não tem dentes, como o anterior, e sim tem um sorriso para compartilhar. No desenho da Figura 10, o pai está sozinho trabalhando em outro espaço, que seria o espaço de trabalho dele.

Andrea: Verdade.

¹¹ Gíria em espanhol, com a raiz "mamá", que assinala o "grude" com as mães.

Figura 8 - Desenho de Andrea em folha pequena

Figura 9 - Desenho de Andrea no verso do desenho anterior

Figura 10 - Desenho de Andrea em folha pequena

Marcos: Em nosso condomínio tem um monte de pessoas e ninguém se conhece. Como os brasileiros não são integradores, a gente se junta com 7 famílias de bolivianos e sempre saímos juntos.

Elizabeth: Para mim, seria bom conversar com os vizinhos, mas nem sei quem mora na frente de meu apartamento.

Marcos: Falta mais fraternidade, aqui. Quando os bolivianos vão de visita à Bolívia, não querem voltar, já que sentem saudades. Em Santa Cruz, focamos nas relações pessoais, somos integradores, mas não nos metemos na vida do outro.

Elizabeth: Aqui, quando temos algum aniversário, eu vou, mas fico sozinha.

Terapeuta: Parece que vocês estão sentindo as perdas dos laços de lá, sobretudo os adultos da família. Mas, porque você fica só?

Marcos: O que você quer?

Elizabeth: Eu não quero ficar sozinha.

Josefina: Eu já me acostumei a viver sem amizades. As pessoas não são amigáveis.

Elizabeth: Quando vou à piscina, tento praticar o português, mas entro em desespero. No telefone, é bem difícil me fazer entender. Preciso continuar com minhas aulas de português.

Terapeuta: Elizabeth está compartilhando com vocês a dor que sente e como ela está sofrendo. É bom falar das coisas que doem, para que os outros entendam e possam ajudar.

Morar no Brasil oferece aos pais a possibilidade de se instalar no lugar parental e educar as filhas, mas isso parece difícil de levar para a frente, pois Marcos e Elizabeth se sentem sumamente fragilizados pela solidão e pela falta dos referentes do contexto sociocultural da Bolívia. Elizabeth fala de como sente falta do apoio dos pais dela, ao passo que Marcos traz ao Brasil a sua mãe, perpetuando assim seu lugar de filho. Apesar de Elizabeth expor sua dor e solidão, os outros parecem não a escutar, porém, não conseguem apoiá-la para ajudá-la a assumir seu lugar de mãe e esposa. Ela faz um pedido de ajuda que não é escutado, dentro da família. Se Marcos assumisse a função paterna, isso alavancaria o processo de constituição familiar, para permitir o desprendimento dos vínculos que os colocam no lugar de filhos-crianças, para se colocar no lugar adulto de pais cuidadores de suas filhas. Os desenhos das filhas mostram com clareza como elas visualizam a atual situação familiar, na qual buscam conseguir integrar "a caixa de correio com a lava-roupas", ou seja, a história anterior com a história atual, mas tendo em consideração a nova família de seis membros.

Josefina: Uma boa professora ensina e explica para você entender.

Elizabeth: Comunicar-me está sendo difícil. Como tem muitos perigos na rua, é importante conseguir falar e se fazer entender.

Josefina: Aqui não integram aos outros, nem para sair para fazer compras você consegue se fazer entender.

Elizabeth: Nós procuramos fazer amizades. Eu liguei para a esposa do chefe dele, mas ter três filhas se faz mais difícil ainda.

Terapeuta: Elizabeth, você repete muito quanto é difícil para você esta situação de mudança. Esta tem sido a primeira experiência que vocês têm, morando todos juntos com as 3 filhas e a mãe de Marcos. Estão se adaptando a muitas mudanças juntas. Quase poderíamos dizer que estão conformando uma nova família de 6 integrantes. Como tem sido essa adaptação?

Marcos: Maria Jesus não obedece muito.

Josefina: Ela nasceu pequenininha com 7 meses e ficou 3 meses na incubadora. Não sei bem como devo lidar com ela, já que é muito manhosa [nesse momento, Maria Jesus senta-se ao lado da irmã Andrea e mostra seu desenho, sem falar dele (Figura 11)].

Terapeuta: Que bonito desenho, Maria Jesus, vejo você, uma mesa com muitas cadeiras coloridas e do lado uma outra cadeira que parece ter uma menina pintada de preto meio escondida. Será que essa é você também? Parece uma Maria Jesus que se mostra e outra que fica excluída da mesa grande da família e escondida [dirigindo-se à família toda]: E a mãe de Maria Jesus e Andrea?

Josefina: Eu não sou a mãe.

Figura 11 - Desenho de Maria Jesus em folha pequena

Marcos: Quando Maria Jesus nasceu, nós tivemos problemas, ela ficou 3 meses na incubadora, depois que a gente se separou, elas viveram uns meses com a mãe. Depois minha sogra, minha ex-sogra pediu que tomássemos conta das meninas; e, como eu trabalho muito, elas foram morar com minha mãe. Maria Jesus foi prematura, pesava um quilo quando nasceu, tivemos muito trabalho para cuidar dela. Ela ficou sendo a pequenina.

Elizabeth: Ela é alérgica a lactose.

Marcos: Eu tenho alergias na minha pele, sou sensível e ela também, desde pequena, alergia a lactose, coçava o corpo todo dela. [Eli separa as irmãs e fica entre as duas]. Por isso ela é a mimosa da casa.

Josefina: Se você bate nela, não responde, fica quieta o tempo inteiro. Elas são minhas netas, eu gosto delas; eu vim aqui por elas, até deixei minha filha sozinha na Bolívia, estudando na universidade.

Terapeuta: Difícil para a avó também. Andrea e Maria Jesus, vocês têm contato com a sua mãe?

Marcos: Pouco contato, não gostam de falar no telefone.

Josefina: Maria Jesus sente saudades da mãe, ela me pergunta quando vamos voltar.

Elizabeth: Ela era muito pequena, quando foi morar com a avó, até os colegas de aula perguntavam por sua mãe, se ela tinha mãe, pois nomeava a avó como mãe.

Josefina: Talvez seja bom cortar a comunicação delas com a mãe, já que ela liga e as meninas não querem falar com ela, elas querem que venha, querem vê-la.

Terapeuta: É muito importante que elas se relacionem com a mãe. Algumas das condutas delas talvez denotem a falta que sentem da mãe. Andrea se desenhou a si mesma ao lado de uma caixa de correio, talvez aguardando notícias da mãe que está longe. Maria Jesus não fala, talvez porque sinta que não vão poder nem escutar, nem responder a suas perguntas; parece ter medo de perguntar. Ela não sabe e gostaria de saber, mas não consegue pôr suas perguntas em aberto. Por isso, no desenho, Maria Jesus aparece por um lado, claramente desenhada e, por outro, escondida nas sombras. As crianças, através das condutas, expressam o que sentem, porque, às vezes, não conseguem dizer o que sentem com palavras.

Através dos relatos, colocam Maria Jesus no lugar de depositária da doença na família, de forma a não fazer circular pelos vínculos familiares aquilo que ela carrega intrassubjetivamente. Por um lado, enfatizam a importância da união familiar, mas também mencionam a separação parental muito precoce, a avó materna que manda embora as netas, duas filhas que passam de morar com os pais a morar com a avó materna, com a avó paterna e, agora, com a família de três gerações, no Brasil, o que mostra uma falta de apoio e acolhimento para elas. Essa falta de permanência na moradia das filhas contradiz o perfil de família integradora que eles trazem, no início, já que se apresenta, assim, uma família que desintegra.

A questão que também circula no encontro familiar tem a ver com: quem é a mãe e quem é nomeada como tal, e como se ocupa esse lugar? É a avó, que agora mora com as três netas? É Elizabeth, atual esposa de Marcos? Talvez isso denuncie uma função materna falha, dentro da família, de sorte que escolhem Maria Jesus para ser depositária dessa dor.

Descrevem Maria Jesus em um lugar de fragilidade, contudo, em seus desenhos, ela evidencia uma boa integração corporal, faz desenhos coloridos, brinca com as irmãs em um bom relacionamento, o que a afasta desse lugar de doente. A família, nos vínculos entre si, a faz depositária da dor familiar que circula pela falha na função materna. Se a falha fica na fragilidade de Maria Jesus, eles não têm que tomar conta da falta de função materna que circula entre eles. Porém, ainda que de maneira silenciosa, ela se defende desse lugar, refugiando-se no vínculo com as irmãs e com o pai, conseguindo se constituir subjetivamente.

Josefina: Elas foram à escola nova e na primeira semana foram bem, depois começaram a chorar e eu também chorava na porta da escola. Um dia, a professora fechou a porta e deixou-as dentro da escola. Eu fiquei triste fora da escola, já que não podia me comunicar com elas.

Elizabeth: Eu expliquei para Eli que ela e eu íamos nos separar, para que compreenda que tinha que ficar na escola.

Josefina: Eu as educo de uma forma e Elizabeth educa de outra. Eu digo que a manteiga tem que estar fora da geladeira para não fazer que elas fiquem doentes, quando colocam a manteiga fria sobre o pão, e Elizabeth não concorda com isso. Temos costumes muito diferentes. São duas formas de educar dentro da mesma casa.

[Andrea e Maria Jesus pedem para ir ao banheiro e a avó as acompanha].

Elizabeth [quando elas não estão]: É muito difícil a convivência com minha sogra, no Brasil. [voltam].

Marcos: Nós trouxemos minha mãe para que cuide das meninas mais velhas, mas ela não quer sair de casa e fica trancada, por medo, parece só uma babá. Nós saímos na rua e minha mamãe fica em casa, não quer sair. Por mim, eu contratava uma babá para cuidar das mais velhas.

Josefina: Babá não, elas ficam comigo. As mulheres que têm filhos não precisam sair na rua.

Terapeuta: Vocês têm três gerações em casa, com formas diferentes de olhar para a vida e de educar. Você, Marcos, decidiu juntar a sua família, pois é o pai da família. Talvez todos estejam aguardando que Marcos indique quais são as normas a seguir, na casa e na família atual. Isso deixaria mais delimitados os direitos e possibilidades de cada uma, e ordenaria melhor a convivência em casa, ainda quando Marcos esteja viajando a trabalho. Mudar de país é difícil, visto que as pessoas perdem as referências conhecidas da cidade em que viviam, e vocês acrescentam a essa situação que juntaram 3 gerações da família, para formar uma nova. Seria bom vocês acharem uma forma de se estruturar como família de convívio, para aproveitar a expatriação e conhecer o novo país.

[Quando eles vão embora, tive que pôr ordem no consultório, porque as crianças tinham espalhado os materiais de desenho por toda a sala. Foi muito cansativo atendê-los, já que demandavam muita atenção. Uma semana depois, Elizabeth enviou um e-mail relatando que precisava ajuda, uma vez que a situação familiar estava muito

difícil para ela e queria fazer uma consulta psicológica. Encaminhei-a para uma analista que falava espanhol, mas ela não compareceu. Não tive mais notícias deles].

Apareceram aqui explicitadas as diferentes linhas de criação que coexistem dentro da família atual, com maneiras de educar que entram em conflito. Transmitem a fantasia que desperta a mudança temporária para eles: a de conseguir unir-se como família. Todavia, isso não parece ter sido possível intersubjetivamente, nos vínculos familiares. A estrutura familiar inconsciente não foi se adaptando aos vínculos atuais, permitindo que os relacionamentos se enriquecessem e ficassem mais complexos. Ao se reunir, despertam-se fantasias de loucura e asfixia entre eles, por isso, ficam estagnados na situação de família anterior que tinham na Bolívia.

Também não têm conseguido atingir a dimensão intercultural, já que sentem que a brecha entre as duas culturas é intransponível. Só enxergam a cultura brasileira desde o lugar de estrangeiro, não conseguindo deixar que interatuem intersubjetivamente as duas culturas. Mas, apesar das dificuldades para abrir-se à nova cultura, podem pedir ajuda, podem expor as dificuldades às quais se vem expostos e compartilhar dessas dificuldades, dentro do novo núcleo familiar. As filhas aparecem como aquelas que conseguem vincular-se e começar a desenhar essa nova família, na qual as três fazem parte do lugar filial que lhes pertence. Esses fatores fazem pensar que, com um pouco de ajuda, eles conseguiriam evoluir e abrir-se tanto à nova conformação familiar quanto à cultura do país de acolhida, para integrá-la à cultura do país de origem, ampliando, assim, a interculturalidade.

6.4. CASO CLÍNICO 4

Família formada pelo pai, Ernesto, de 36 anos, Mary, a esposa, de 34, o filho Erne, de 8 anos, e Brenda, de 6 meses (que não comparece). Essa família vem da Venezuela para o Rio de Janeiro, em sua primeira expatriação, fazendo 3 meses que estão no Brasil.

[Erne só fala em português].

Terapeuta: Erne, você só fala português? E seu espanhol, que aconteceu?

Ernesto: Ele é o que mais sabe português, pede todas as coisas pelo telefone para gente, até fala português quando os avós ligam.

Erne: [desenha com caneta figuras sozinhas, depois as rabisca todas, também palavras que não se entendem] (Figura 12) *Eu gosto do português.*

Desde o início, defrontamo-nos com um paradoxo dentro do seio familiar, o qual é encenado através da questão da língua. A língua inscreve os sujeitos em um espaço social, permitindo-lhes expressar-se, trocar com outros e compartilhar ideias e afetos. A língua marca um lugar de pertencimento a uma determinada cultura, a uma terra e a um povo. Mas, nessa família, o filho só fala português, a língua do Brasil, país de acolhida que não é a terra de origem, e os pais falam a língua materna do país de origem. Dessa maneira, aparecem na família duas línguas faladas pelos diferentes membros, dentro do mesmo vínculo. Isso abre várias questões para serem pensadas, já que aparece um filho falando português e uns pais falando espanhol. Esse paradoxo denota uma cisão, que permanece oculta, mas é denunciada no convívio das duas línguas dentro da mesma família.

Erne desenha figuras sozinhas e palavras incompreensíveis, que depois rabisca e esconde atrás das linhas. Algo fica velado nos desenhos do filho e no discurso familiar.

Mary: Nós ainda estamos desarrumando as malas. Aqui as pessoas têm sido muito acolhedoras conosco, na primeira semana foi difícil, mas depois... é só atravessar o túnel e já estou no Barra Shopping.

Figura 12 - Desenho de Erne em folha pequena

Ernesto: Isso é perigoso! É como dar uma navalha a um macaco.

Mary: A única que não compareceu hoje é Brenda, ela veio de avião para Brasil com 3 meses, agora está com 6 meses.

Ernesto: Na primeira semana, ela não dormia, nós tínhamos conosco só os brinquedos que vinham na mala e aguardamos pela mudança chegar com todas nossas coisas.

Mary: Erne também passou mal, tinha dores de cabeça, lembra? As malas demoraram para chegar. [Erne desenha, com vermelho, muitas linhas com pontas] (Figura 13).

Ernesto: Nós chegamos antes que as malas no Rio de Janeiro. Que praias bonitas tem aqui! Na Venezuela, nós também temos bonitas praias, já que morávamos em Maracaibo.

Mary: Aqui também podemos ir para a praia quando quisermos. Estou impressionada de como fazem esportes as pessoas no Brasil, as senhoras têm um corpo trabalhado! Todas usam biquíni, é impactante, até os velhinhos jogam voleibol na praia, se conservam muito bem de saúde. Na Venezuela, você não vê uma senhora de 40 vestindo biquíni, apesar de termos uma temperatura de 35 ou 40 graus.

Ernesto: Aqui tem uma cultura saudável, você acha uma academia em cada esquina.

Mary: Voltando a falar da Venezuela, Erne foi o primeiro neto menino, e minha mãe me ajudou muito a cria-lo, eu trabalhava e estudava. Agora que a gente veio para aqui, minha mãe está com tantas saudades dele que até passou mal, até febre ela teve. [Erne desenha] (Figura 14).

Ernesto: Ela o levava na creche e aguardava fora, lendo o jornal, que acabasse o horário para ir embora.

Mary: Os avós até o tiraram da creche para cuidar dele. Eu viajava muito a trabalho e eles tomavam conta de Erne, com certeza aqui ele deve sentir-se liberado daquilo. Aqui Erne está aprendendo a se virar na escola, ele pode, é uma criança. Meus pais são excepcionais, eu sinto muitas saudades deles, ainda que o Shopping ajude, mas...

Erne: Você gasta dinheiro lá. [Desenha uma figura só rodeada de linhas ao redor] (Figura 15).

Figura 13 - Desenho de Erne em folha pequena

Figura 14 - Desenho de Erne em folha pequena

Figura 15 - Desenho de Erne em folha pequena

Terapeuta: Erne, quantos desenhos você está fazendo! Seus pais contam a história da família e você conta sua história desenhando. Primeiro, um desenho rabiscado e incompreensível, porém, mostrando algo que fica oculto; depois, várias linhas com pontas e uma flecha que pode vir da Venezuela até aqui; depois, essa pessoa que parece levantar voo, como vocês vindo ao Brasil deixando os avós e, como consequência disso, você se desenha sozinho com seu nome, no Rio; logo, uma figura rodeada de linhas que a protegem ou a separam de fora.

Erne: Pode ser.

Ernesto: Eu vim escolher onde viver aqui, como eu vou viajar muito a trabalho tentei escolher um lugar de moradia com segurança. Na Venezuela, morávamos em um residencial que não era seguro, porém, aqui procurei um apartamento. Como eu vim aqui para cobrir missões no exterior e vou viajar a trabalho, procurei que eles tivessem tudo perto, até com linha de ônibus do lado. Você gostou do lugar que escolhi? Eu vou ter missões de 40 dias fora, na Nigéria, então, aqui no bairro, rodeados dos vizinhos, sinto que eles vão estar bem. Conseguimos uma moça recomendada para cuidar do bebê. Tenho que tentar compensar que Mary deixou na Venezuela oportunidades de trabalho, e Erne deixou os amiguinhos e as professoras.

Terapeuta: Erne, e você, o que acha? Desenhou uma figura sozinha com linhas ao redor, parece quase um cárcere, não pode se aproximar dos outros e fica só. É igual ao que teus pais relatam da dificuldade para falar português, aqui no Brasil; mas agora você só fala português, como é isso?

Erne [responde em português]: Eu tinha uma professora muito jovem lá, porém esqueci tudo da Venezuela, só me lembro de meu avô e eu não sinto saudades de nada, tenho amiguinhos novos na escola aqui.

Os pais compartilham um olhar positivo sobre a terra brasileira, colocando em palavras a boa acolhida que eles receberam no Brasil e como percebem as diferenças com a terra de origem e as aproveitam. Estão começando a virar interculturais, estabelecendo pontes entre as culturas conhecidas. No entanto, também falam da falta, das saudades, da família que ficou para trás e conseguem intersubjetivamente se pôr em contato com o luto pelas perdas. Por outro lado, dentro do mesmo núcleo familiar, Erne tenta desmentir as perdas, ao falar só em português e dizer que está bem adaptado na escola, com amigos, e ao não sentir saudades nem lembrar da terra de origem. Erne pareceria estar tentando anular e desmentir o pertencimento que a língua atrela à terra de origem. Novamente, aparece a cisão dentro da família.

O pai descreve uma procura pela segurança, dentro do Brasil, através da busca do apartamento, já que expõe que a moradia deles na Venezuela era insegura, e tenta assentar aqui a família em um lugar que subjetivamente lhes outorgue segurança. Ernesto menciona certas situações de desamparo as quais a família vai ter que enfrentar, porque ele foi

contratado para trabalhar no exterior e estará fora de casa, em longas viagens de 40 dias cada. Vemos como transmitem e transladam situações de risco social e desvalimento vividas na Venezuela também para o Brasil e a expatriação.

A questão que se apresenta é saber qual é a terra de pertencimento deles, isso é o que expatriação questiona; a quem eles são fiéis: ao Brasil que os acolhe e lhes oferece trabalho, ou à Venezuela, terra de nascença deles. Essa dicotomia aparece pela possibilidade de expatriação, e o filho tenta resolver essa questão desmentindo a cultura de origem, adaptando-se à nova cultura. Erne desmente o espanhol, deixando-o fora, e faz como se não o soubesse. Rompe com a cultura venezuelana, porque seria insuportável tolerar a perda, mas também internamente atravessado pelo fato de que a cultura chavista atacou e excluiu seu próprio pai. Essa dupla posição sustentada pelo mesmo membro familiar implica um paradoxo, no seio do núcleo familiar. O filho parece não tolerar essa dupla nacionalidade que morar no Brasil lhe proporciona. A rápida adaptação que Erne faz à cultura brasileira funciona como uma pseudoadaptação, já que, para conseguir se inserir na nova cultura, teria que processar a perda da cultura de origem – e isso parece não ser possível para ele.

O filho, ao falar apenas a língua do país de emigração, responde a uma lógica que fica oculta. Dentro da família, teríamos que pensar sobre o lugar da criança e com quem ele se identifica. Para Erne, as figuras parentais não aparecem como garantia de uma terra de origem e uma língua materna que lhe permita traçar as raízes primárias da cultura na qual foi criado, porque desmente esse pertencimento. Erne, ao desmentir a perda da terra de nascença, também anula as figuras parentais como possíveis modelos identificatórios que o ajudem a saber quem ele é e a que núcleo familiar pertence. A única menção às situações de angústia pela perda do país de origem vem situada no corpo e nos sintomas psicossomáticos que Erne exhibe, na vinda ao Brasil e frente às viagens do pai.

Terapeuta: E quando seu pai viaja 40 dias a trabalho, você sente saudades?

Erne: Não. [Erne desenha uma árvore sozinha, com um sol e nuvens] (Figura 16).

Mary: Ele se faz como se fosse um leão forte que tem que aguentar tudo, mas, no dia em que Ernesto viaja, ele se sente mal do estômago, vomita ou diz que está sem fome, mas, quando Ernesto não está presente ali, sim, ele me diz que está com saudades. Se faz de fortão para se sobrepôr à situação. Ele desenha muito bem e eu deixo que ele se expresse, não é fácil, mas isso é permitido para ele. Ele sempre é do contra. No primeiro dia de aula, não queria que eu fosse com ele na escola, tive que perguntar para descobrir como passou seu primeiro dia. Ele

faz de conta que é durão, dissimula. [Ernesto e Erne jogam baralhos]. Ele é acuado e diz: “Não doe”. Ele tem que se sobrepor à situação, cada um tem reagido diferente às coisas duras que passamos.

Terapeuta: De que coisas duras vocês estão falando?

Ernesto: Em 2002, nós aderimos à greve geral na Venezuela, é só por isso Chávez botou a gente para fora, fomos impedidos de trabalhar, eu estava na lista negra. Eu não estou aqui no Brasil só por prazer. Eles queriam nos botar para fora da Venezuela, vivíamos muito confortáveis, tínhamos até o clube da empresa com os amigos do trabalho e, de um dia para outro, ficamos sem nada. A família nos apoiou muito.

Mary: Apoiou mesmo.

Ernesto: Foi um tempo horrível, não tinha trabalho, só conseguia trabalhos temporários, e pensava: “Quando vamos voltar a morar juntos e trabalhar para sustentar a família?” Fomos como uma fortaleza; quando recebo a oferta da empresa brasileira, pensamos em tolerar um tempo fora e depois voltar, pensamos em aproveitar a oferta. Minha esposa aqui não pode trabalhar, porém tem que aproveitar o tempo dela, não na casa, mas para fazer algo novo. Todo mundo pergunta o que vou fazer se a gente se der mal no Brasil; eu penso em voltar e pronto. Todos diziam: “Você vai levar a família toda para Brasil, só por causa do trabalho?”

[Erne desenha uma figura com picos no corpo, que diz em espanhol: “Chávez, não se vá”. (Figura 17), e outra figura redonda, com cores e escreve, em espanhol: “Chávez, não se vá”] (Figura 18).

Figura 16 - Desenho de Erne em folha pequena

Figura 17 - Desenho de Erne em folha pequena

Figura 18 - Desenho de Erne em folha pequena

Terapeuta: Mas, ainda que o sonho seja ter a família junta, vocês vieram para o Brasil e se separam, já que Ernesto trabalha 40 dias fora. Puxa, Erne, você desenha figuras muito agressivas, parecem estar-se defendendo de alguma situação muito ruim... E aqui aparece uma árvore sozinha, como seu pai viajando sozinho a trabalho. Erne, você sabe o que seu pai faz lá na Nigéria?

Erne: Não.

Terapeuta: Você gostaria de saber?

Erne: Sim.

Terapeuta: Por que você nunca perguntou? [Erne encolhe os ombros] Acho que esta é uma ótima oportunidade para saber que coisas teu pai faz lá, nos 40 dias em que você não o vê, também para falar das saudades e não ficar sempre doente, por não conseguir falar. Você não tem que se fazer de fortão, para que eles fiquem tranquilos. Mas vamos saber mais sobre o trabalho de Ernesto.

A família traz ao encontro todas as mágoas vividas no país de origem, fazendo uso desse espaço para falar do acontecido. Aparecem ainda habitados por muito sofrimento e isso estaria atuando na adaptação ao novo país de moradia. Por um lado, parecem bem adaptados, mas apresentam uma falsa adaptação, porque a dor pelo vivido surge muito viva ainda e precisaria ser processada internamente.

Defrontamo-nos com uma família com uma conformação especial: convivem, nos vínculos familiares, com os vestígios da violência de estado sofrida por eles. Trata-se de um núcleo familiar que alberga um pai rechaçado pelo chavismo e deixado às margens do social, com um filho chavista que defende a causa dentro do núcleo familiar, uma mãe que fica politicamente do lado do pai, apesar de não ter sido impossibilitada de trabalhar, e uma filhinha bebê. Tal família alberga as duas correntes contrárias. O regime totalitário chavista pune o pai, por ter-se pronunciado contra ele, e a mãe apoia o pai. Ambos sentem-se expulsos do social venezuelano de que faziam parte, tanto no trabalho quanto na pertencimento social a uma instituição: na empresa que lhes dava trabalho e acolhimento, ao mesmo tempo.

No estado venezuelano, vemos a quebra das metagarantias que protegem os sujeitos; aquela Venezuela de que os pais faziam parte parece tê-los abandonado, deixando-os em uma situação de total desamparo, sem trabalho, sem espaço de pares, sem possibilidades de almejar outro trabalho, ou seja, fora do social que antes os acolhia. Nesse momento familiar,

oferece-se a oferta de expatriação a um país vizinho, e isso lhes dá uma nova oportunidade para se refazer.

Em função da situação de violência familiar vivida, vemos um filho identificando-se com a figura do líder/presidente, levantando a bandeira de Chavez, dentro das bordas da família; isso colocaria Erne em um lugar de confronto com as figuras parentais, já que o filho se sente amparado por um regime que expulsa os próprios pais. Pensamos no paradoxo que implica Erne como filho que apoia o chavismo, dentro do núcleo familiar, que, por sua vez, foi expulso do social chavista venezuelano. Na família, parecem repetir a experiência traumática vivida no país de origem. Vir morar em terras estrangeiras não tem gerado neles uma mudança interna nem vincular, pois a trazem consigo e continuam repetindo. Erne parece condensar e unir, em si mesmo, uma criança que, por um lado, se mostra com uma boa integração no país de expatriação, adotando uma pose de forte, pela qual nada o atinge, e, por outro lado, está fixado ao país de origem e ao regime chavista, que é central nessa expatriação. Ambas as posições são diametralmente opostas. Resulta aqui difícil estabelecer limites que diferenciem os três espaços psíquicos, já que o social, vincular e intrapsíquico encontram-se fortemente implicados e influídos entre si.

Erne traz as novas simbolizações estabelecidas pela língua portuguesa que o afastam da língua materna, como defesa daquele regime. Vemos que, ao se comunicar só na língua portuguesa, Erne a situa no lugar da violência, denunciando um apagamento da língua natal, que é o espanhol.

A situação de violência política vivida é carregada para dentro da família. Esse núcleo familiar está composto por um pai despoticado por seu governo e um filho que ocupa esse lugar de violência e expulsão. Contudo, apesar de todos os esforços estabelecidos pelo menino chavista, o paradoxo aflora, quando fala português e apresenta uma falsa adaptação ao país de expatriação.

Ernesto: Na Nigéria, tem um protocolo da empresa que, assim que desço do avião, tenho uma escolta armada, o trânsito é terrível lá, todos gritam, tocam sirenes e eu lá no meio de tudo isso. Tem 14 famílias expatriadas que moram lá, em um prédio com segurança, piscina, mas, quando você sai do prédio, ali você enxerga outro mundo. Lá eles comem a comida típica com a mão, eu não gosto dessa comida, é muito picante. Eu durmo em um apartamento que tem tudo e cozinheiro para mim, mas não posso sair de lá. Os expatriados que vão ao Irã dizem que ali é muito pior. Em uma ocasião, fizemos um churrasco com os brasileiros e portugueses. Também

conheço Lagos, lá o ambiente é de sobrevivência, as pessoas fazem xixi e cocô na rua. No Irã, as pessoas vivem bem, em cidades fabulosas, são muito religiosos, são lugares bonitos para morar, mas sem sair de lá.

[Erne pega folhas desenhadas por ele e as converte em aviões ou foguetes e os joga pelo ar].

Mary: Eu sempre estou com medo ao pensar onde pode estar Ernesto, ele viaja muito de avião e eu tenho medo por sua saúde, tem mudanças bruscas na alimentação, imagina do Irã à Venezuela, da Nigéria ao Brasil, às vezes vem com diarreias fortes.

Ernesto: Às vezes, passo muitas horas sem dormir, nessas viagens cumpridas.

Mary: Eu tenho medo que isso gere danos à saúde dele, o que mais me aterroriza é que afete a sua saúde.

Ernesto: Quando Chávez for embora, nesse tempo, vamos voltar a nosso antigo estilo de vida.

Erne: Não, não quero que Chávez vá embora.

Ernesto: Você fica no Brasil?

Mary: Ele é chavista, isso dói, mas se ele gosta de Chávez, o que vamos fazer? Nós íamos à marcha da oposição e ele gritava 'Viva Chávez!' Saiu comunista.

Ernesto: Chávez é carismático, mas... O governo se impõe em tudo lá, se você não concorda, tem que ir embora. A empresa lá reduziu um piso inteiro do prédio onde trabalhávamos. Os que ficamos fora do trabalho começamos a procurar trabalho fora do país, muitos foram para Colômbia, USA e Brasil. A empresa brasileira tem salvado muitos venezuelanos, todos os engenheiros estão saindo da Venezuela. O ambiente em geral tem mudado muito. Mary era professora universitária e diz que o governo tem-se infiltrado em tudo, já não temos liberdade nem na educação. Ele controla tudo.

Descrevem como a sensação de insegurança está ligada ao estado e à questão política. Aparece aqui um universo social que os contamina intrapsiquicamente e intersubjetivamente. O traumático, nessa família, tem a ver com as perdas como cidadãos, as quais remetem à proteção de seu país, que deixou de contê-los e fez com que saíssem da Venezuela, por causa da violência de estado. Quando o espaço não garante a proteção, esse espaço torna-se um espaço de ameaça. A família é uma das organizações que dão garantia aos sujeitos, constituindo uma imagem protetora, entretanto, nessa organização familiar, eles sofreram um ataque proveniente do espaço transubjetivo, que também implicou um ataque aos outros espaços psíquicos. A situação vivida no país de origem os faz aceitar a expatriação.

A incerteza, o medo e a desconfiança tingem os vínculos familiares, os quais se revelam contaminados pela experiência vivida. A violência política vem de fora e invade o seio dos

vínculos familiares. A ausência de garantias do exterior invade o interior familiar, deixando a família sem bordas que a delimitem e a assegurem. Nesse núcleo familiar, a criança é vista como um perigo para a família mesma, já que ela poderia denunciá-los, porque é chavista. A família perde suas bordas como espaço de contenção para os sujeitos que fazem parte dela. O social deixou os outros espaços invadidos com a violência de estado.

Essas são as marcas na história da família, anteriores à expatriação, que precisam ser reparadas na estrutura familiar inconsciente que os sustenta e configura, de forma vincular. Eles trazem muitas histórias das quais ainda não têm falado e que precisam ser colocadas em palavras e recebidas no seio da família.

Por outro lado, Ernesto expõe-se a fazer um trabalho na Nigéria, no qual também vai ter que enfrentar a violência e os perigos, deixando a família longe, em um país estranho, no qual tenta achar segurança para eles. Talvez eles estejam trasladando e reproduzindo a violência de estado vivida na Venezuela para a expatriação, sem possibilidades de superá-la e repetindo-a até em um país diferente. A possibilidade para pôr em palavras todas essas experiências pode ajudá-los a tramitá-las internamente e nos vínculos familiares.

[Nesse momento, Erne sai correndo da sala onde trabalhávamos. A terapeuta vai atrás dele e Erne pergunta quem ela é, se é chavista ou da oposição, quem a contratou para trabalhar com eles. Erne está muito assustado; então, voltamos para a sala e falamos também com os pais].

Terapeuta: Erne me perguntou quem eu sou e quem me trouxe a falar com vocês. Talvez ele esteja com o mesmo medo que teve na Venezuela, onde, por pensar diferente, algumas pessoas como o Ernesto foram excluídas do trabalho e do país. Nossa conversa é apolítica e só é parte de uma pesquisa em psicologia que investiga as famílias de expatriados, sem nenhuma vinculação com a Venezuela. Erne, você pode ficar tranquilo, eu tenho um voto de segredo profissional como psicóloga, dado pela ética de minha profissão.

[Os pais riem e abraçam Erne, pedindo para ele ficar tranquilo e sossegado].

Terapeuta: Talvez o que aconteceu aqui também dê conta do sofrimento de vocês e como Erne entendeu que o silêncio seria fundamental para salvar a família. Pode ser que ele fale em português como uma forma de apagar os rastros do passado de vocês, na Venezuela, mostrando que os traços do sofrimento vivido lá ainda persistem e vieram com vocês até o Brasil. Por isso, é muito importante que falem disso, visto que é uma forma de elaborar a situação de dor e se sobrepor à mesma.

O encontro com a terapeuta está carregado pela transferência com uma família afetada por um trauma familiar, em um contexto socioeconômico e político específico. O próprio contexto tem-se transformado em uma ameaça – ameaça à palavra e ameaça em nível simbólico.

Dentro do encontro analítico, vemos como Erne denuncia uma insegurança fundamental que torna hesitante o fato de falar, pois abrir a boca parece ser muito perigoso, no seio dessa família. Erne pergunta à terapeuta se ela é chavista ou não, pergunta se ela é ameaça ou proteção. Assim, inaugura um discurso com traços paranoicos, que nos dizem de um ataque ao vínculo familiar. Denota que a violência vivida pelo pai parece habitá-los como núcleo familiar. Aquilo que foi falha do social venezuelano aparece na transferência à terapeuta, como pergunta que se abre à estruturação dos vínculos. Aparece aqui uma transferência específica do medo e desconfiança vividas na Venezuela, agora fazendo-se presentes no encontro terapêutico, no Brasil; a migração mostra-se tingida por vivências anteriores que não permitem vivê-la como uma nova experiência, até que o terror vivido anteriormente seja elaborado e abandonado, em um processo de luto. A transferência é o instrumento que viabiliza a evolução desse processo, como forma de se aproximar da atual experiência de expatriação como um momento diferente, de novidade e de possibilidades vinculadas com a vida e o futuro.

Algo novo parece se desenvolver, quando a terapeuta abre, através da palavra, a possibilidade de compartilhar entre eles a violência do vivido e a possibilidade de construção conjunta de uma nova estabilidade criada por eles e entre eles, agora no país de expatriação. Isso acalma o clima de perseguição que tingia os vínculos, para estabelecer um clima emocional vincular com possibilidades para construir um vínculo novo e baseado nos traços vitais e libidinais que os unem.

Consideramos esse momento como uma ocasião privilegiada para habilitar mudanças vinculares, como um momento-dobradiça, de abertura a novos desenvolvimentos e criação de vínculos complexos e ricos, nos quais é possível dar possibilidades ao crescimento dos sujeitos que fazem parte desses vínculos e dos vínculos em si. Essa família está conseguindo fazer bom uso dessa possibilidade, já que, apesar das resistências, consegue pôr em palavras e em atos os medos e inseguranças vividas, para conseguir modificá-los e transformar-se entre si.

Mary: A professora de Erne está assombrada como se adaptou e se integrou aos coleguinhas brasileiros, ele joga com todo mundo, desde o primeiro dia de escola.

Terapeuta: Talvez sinta que esquecer a Venezuela, adaptar-se rapidamente e falar só português vão apagar os rastros de sua vinda do país de origem. Isso fala também do medo vivido lá.

Ernesto: Às vezes, ele diz que não quer comer e, como foi criado por meu pai e minha mãe, ele os enganava e escondia o que verdadeiramente queria. Mas eu conheço meu filho, ele guarda as fotos dos avós para ninguém ver. Nós gostamos da música de Maracaibo e ele também, só que diz que esqueceu tudo, porque está assustado por tanta perseguição política.

Mary: Ele tenta me proteger, já que eu fico muito tempo sozinha.

Ernesto: Quando eu viajo, ele é o homem da casa e cuida de tudo. Nós estamos sempre em comunicação, às vezes até brigamos pelo telefone.

Terapeuta: Não será pesado demais tanta responsabilidade para um menino de 8 anos?

Mary: Meu esposo e eu mantemos uma boa comunicação entre os dois, isso tem sustentado a relação. Fazemos diferentes atividades e levamos uma comunicação aberta e livre. Temos construído uma relação estável e sólida. Com Erne também, mas hoje ele está hermético e fechado.

Terapeuta: Talvez ele esteja se protegendo e tentando proteger vocês. Vejam que preocupado ele ficou, quando falaram da greve e suas consequências. Ele está preocupado e angustiado, é importante que vocês tentem apoiá-lo e falar do acontecido, para discriminar o passado do presente.

Ernesto: Se a greve fosse hoje, eu aderiria à greve geral da mesma forma que eu fiz, naquele momento. Ficávamos auditados, tinha perseguição. Fomos alertados de que o país ia por mau caminho. Até as melhores universidades sofreram intervenção.

Mary: Fizemos tudo por um ideal, nós nos desprendemos do que tínhamos.

Ernesto: Perdemos a batalha, mas valeu a pena. Na empresa em que eu trabalhava, mandaram embora muitas pessoas. Um gerente se suicidou, não estava preparado para tanta mudança.

Mary: Muitos casais se divorciaram, só ficamos 2 ou 3 casais juntos.

Ernesto: O afastamento acabou com o matrimônio. Todos meus colegas estão trabalhando, mas temos um plano para o futuro de fazer renascer a empresa que sofreu intervenção de Chávez. Eu aspiro a voltar para meu país. A comunicação na família é muito importante, já que, se não nos comunicarmos, isso pode gerar alguma doença.

Mary: Algumas pessoas adoeceram de câncer.

Ernesto: A empresa na Venezuela acabou, perdemos tudo e recuperamos outro trabalho, aqui no Brasil. Eu sei que meu trabalho é perigoso, quando viajo, mas se mantêm as regras de ir com escolta armada, e aí não tenho problemas.

Terapeuta: Vocês compartilharam hoje uma história de luta juntos e cada um, de sua forma, está colaborando. Até Erne, que hoje falou pouco, mas desenhou muito, foi fundamental que tenha escutado tanta informação que talvez estivesse faltando para ele. Vocês já sabiam disso, mas Erne ficou fora, por não perguntar e ficar calado, parecendo que estava tudo bem. Erne precisa ocupar o lugar de criança de 8 anos e deixar que os adultos, que são vocês, cuidem dele e da família toda, ou seja, precisa voltar a seu lugar de filho, menor de idade, para ser cuidado. Acho que tudo o que compartilharam aqui tem sido muito importante para vocês e pode ajudar a sarar as feridas do passado e constituir um presente bom, com possibilidades para todos.

Essa família apresenta-se como suficientemente permeável para conseguir aproveitar e viver um processo de mudança, dentro do encontro terapêutico. Manifestam que sentem que eles teriam duas opções: a de adoecer, como os que deixaram que o terror vivido os invadissem no corpo e nos relacionamentos; ou pôr o passado em palavras, para conseguir elaborá-lo e superá-lo. Apesar de apresentar resistências, sentiram-se habilitados a pôr, em palavras e em atos, as vivências de terror e medo vividas no país de origem, situação que os habilita a elaborar o vivido, processar o luto pela pátria perdida e estar mais abertos e expostos às novas situações que o país de acolhida pode lhes oferecer. Também conseguiram, assim, recuperar o clima familiar que os protege e lhes dá aconchego, como espaço de referência e resguardo frente às dificuldades do mundo exterior. Na medida em que processam o vivido, conseguem recuperar os vínculos familiares e se dispor para vivenciar a expatriação como situação de mudança, futuro e espaço de possibilidades várias, a serem vividas nos vínculos familiares.

A transferência tem operado aqui como ferramenta valiosa, a qual ajudou a recuperar a confiança vincular e colocar as vivências do passado na memória vincular, tornando-os assim habilitados para projetar-se no futuro. Poderíamos chamar essa transferência como transferência migratória, porque inscreve uma passagem do terror e medo, que os colocava na clandestinidade dentro do passado vincular deles, auxiliando-nos na prospecção da mudança e habilitação para continuar a se colocar em uma experiência de vida com possibilidades futuras, no novo país de moradia.

6.5. CASO CLÍNICO 5

Casal formado por Roberto, funcionário expatriado de 35 anos, e Júlia, a esposa de 35 anos. Eles vêm da Bolívia para o Rio de Janeiro e participaram da pesquisa lá.

[Eles chegam com atraso porque tinham confundido o dia do encontro].

Roberto: Eu nasci em Sucre, Bolívia.

Júlia: Eu nasci em Santa Cruz.

Roberto: A gente casou faz 6 anos. Eu vim no ano 2000 por um trabalho temporário no Brasil e gostei muito, agora fomos convidados a vir por um tempo, e aqui estamos. Morávamos em Santa Cruz e, como eu não tenho família lá, a família de Júlia passou a ser minha família. Minha irmã mora em Miami, já que foi embora com a família. Nós fomos convidados a vir para Brasil e aceitamos. Meu chefe boliviano não queria me liberar para vir, pois nacionalizaram a empresa lá e precisava de mim. Eu gosto da cidade aqui, Júlia também gostava do Brasil, pois veio a passeio [os dois riem um para outro]. Nós chegamos faz 8 meses e estamos nos adaptando bem; o único problema é o visto dela, pois não a deixam trabalhar, está fazendo aulas de português e aulas para dirigir carro, mas...

Júlia: Venho de uma família com 3 filhas, eu sou a do meio, a mais velha casou e foi para os USA. Quando eu escolhi minha profissão, gostava de tudo, meu pai sempre trabalhou em um banco e se deu bem na carreira, minha mãe era secretária educativa. E eu escolhi estudar direito.

Roberto: Você queria estudar relações internacionais e teu pai escolheu direito.

Júlia: Quando casamos, meu pai disse que meu esposo estava me levando embora. Depois, eu fiz um balanço geral e decidi estudar direito.

Roberto: Ela também gostava de trabalhar com crianças e adolescentes.

Começam narrando como se foi configurando o casal e se foram desprendendo dos vínculos da família de origem, para se constituir como uma nova conformação familiar. Construir um vínculo de casal implica romper os laços com a família de origem, para possibilitar a construção de um novo devir vincular, dentro do relacionamento de casal. Roberto denuncia o vínculo estreito que Júlia tinha com sua família e mostra como ele conseguiu ajudá-la a separar-se e advir ao novo matrimônio que estava se estruturando.

Por outro lado, mapeiam os diversos pontos cardeais nos quais os diferentes membros da família se encontram, evidenciando como estão estendidos por vários países. Nomeiam familiares em diferentes cidades da Bolívia e dos Estados Unidos. Ao citar a separação dos familiares, talvez estejam antecipando, no relato, contar sobre a dor que isso provoca em cada um deles e as consequências subjetivas que ditas mudanças igualmente geram. Defrontamo-nos com uma família fortemente atravessada pelas migrações motivadas fundamentalmente por razões econômicas.

Júlia: Trabalhei no colégio onde me formei. Faltava uma professora em direito, não era profissional em educação, mas consegui. Nós ficamos noivos, compramos um apartamento e conseguimos nos manter sós. Isto é uma coisa fora do comum em nossa sociedade, na Bolívia. Meus pais entraram em uma crise econômica e a única solução foi ir para os USA.

Roberto: Eles venderam a empresa de transporte que tinham.

Júlia: Tudo se desfez, uma tristeza grande. Continuei ensinando até que me exigiram título em pedagogia.

Roberto: Eu tinha trabalho, afortunadamente.

Júlia: Conseguimos morar sós, mas no costume social da Bolívia, todo mundo mora com os pais e nós conseguimos independência. Na Bolívia, não gostávamos de ir a baladas, sempre fomos dois bichos atípicos para a sociedade de lá, ninguém nos entendia.

Roberto: Os homens vão a festas e as mulheres também, eu não encaixava nisso, não gostava das festas de homens onde havia outras mulheres, não era para mim.

Júlia: Para trabalhar lá, você tem que ter amigos, estar por dentro do ambiente. As mulheres fazem festas em suas casas e convidam pessoas. Nós não entrávamos nessa. Eu não podia trabalhar à noite ou na política, já que era mulher e não queria descuidar da família. Também me sentia pressionada pela sociedade que perguntava o tempo todo quando íamos ter filhos. Ainda não tínhamos um orçamento que permitisse dar uma boa educação a nossos filhos, porém, aguardamos. As mulheres sempre iam bem vestidas, mas eu não gostava disso. Comecei a ficar com muita solidão, me sentia deprimida. Ante a oportunidade de vir para o Brasil, eu fui a pessoa mais feliz de ir embora de lá.

Relatam, na sequência, a dor pela separação das respectivas famílias, porque a situação econômica da Bolívia era desvantajosa e gerou a desagregação familiar. Vemos como o país de origem deixa de outorgar-lhes amparo, e isso produz a emigração familiar, motivada por

razões econômicas. O país de nascença parece expulsá-los, não lhes oferecendo a possibilidade para se sustentar economicamente lá.

Esse casal consegue constituir uma independência econômica com respeito aos próprios pais, situação não habitual na sociedade da Bolívia, colocando-os em um patamar diferente dos casais novos, os quais parecem sempre permanecer “grudados” a suas famílias de origem, sem estabelecer um caminho próprio e particular.

Também relatam como se sentiam estrangeiros dentro de seu próprio país. Não conseguiam se inserir na sociedade boliviana, pareciam não se adaptar aos costumes e rituais compartilhados pelos moradores da Bolívia. Isso foi instituindo uma separação, entre eles e a sociedade boliviana, e começam a se perguntar como criar e achar um espaço social no qual se possam sentir à vontade e junto a pessoas com quem dividir gostos e escolhas. O convite para a expatriação chega a eles, no mesmo momento em que essas questões os interrogam, de sorte que abraçam a ideia de sair do país na procura de um lugar de pertença social. Talvez a decisão de aceitar a expatriação possa se remeter a um desejo idealizado de achar um lugar para eles; ou se deslocar a outro país possa estabelecer uma distância que os habilite a ser e constituir-se subjetivamente.

Roberto: Eu não sabia como lidar com a sociedade boliviana, pensei em deixar meu trabalho lá, mas surgiu a possibilidade de vir para aqui e abracei a ideia.

Terapeuta: Parece que se juntou a oportunidade de vir com a vontade de vocês de irem embora.

Júlia: Tenho que aprender a ter paciência aqui e, já que não posso trabalhar, vou ter mais tempo para pensar. Sinto-me acompanhada pelos valores da religião católica: Deus envia aos seus filhos quando isso há de acontecer, mas, para mim, ainda não aconteceu. Vou estudar português na faculdade para obter um certificado, sinto que tudo isso está nos criando um laço de vida com o Brasil. Na Bolívia, todo mundo aprende inglês para ir morar nos USA, mas nós não gostamos dessa perspectiva; com a sociedade brasileira, sinto-me mais à vontade, é mais fácil. Sinto que vir aqui encheu um vazio que eu tinha; chegar aqui foi como ver uma luz, foi renovador. Tenho batido papo com outras mulheres expatriadas que sentem muitas saudades de lá, até das comidas.

Roberto: Temos poucas coisas que nos prendem à Bolívia, meu pai faleceu, só tenho minha mãe.

Júlia: Faz 8 anos que eu vim a passeio ao Brasil e fiquei fascinada, todo mundo dizia que eu não parecia boliviana. Miami não é o lugar para mim, sei de uma senhora que morreu sozinha em seu apartamento lá. Uma vez, Roberto viajou para o Japão e eu fui 7 dias aos USA para ficar com minha família, eles queriam que eu

ficasse mais dias, mas eu não aguentava mais. Eles são felizes na maneira deles e nós aqui, eu rompi o laço com minha família.

Roberto: É importante para deixar de pensar em tua mãe. Antes você ponderava, o tempo inteiro, se ela queria que você fosse lá ou não, mas, morando no Brasil, você não pensa nisso.

Júlia: Vou ficar 4 anos sem trabalhar aqui, mas não sinto o vazio profissional nem familiar, sinto minha vida plena aqui; quando digo tudo isso, as pessoas ficam surpresas. Meu pai veio nos visitar, minha mãe ainda não. É duro quando teu próprio país fecha as portas para você, os chefes de Roberto não queriam que ele viesse para Brasil, pedimos que nos ajudassem, mas... a luz se fez no Brasil. Era aqui. Não queremos voltar à Bolívia, somente saindo da Bolívia sabemos que não queremos voltar. Este país é aberto e ajuda a se reencontrar com você mesmo.

Roberto: Saímos de férias e fomos ver meu irmão em Genebra, depois eu fui para o Japão. Conhecemos outra parte do mundo que não conhecíamos. Ao nos localizarmos no contexto mundial, aprendemos como as pessoas vivem, isso é importante. As pessoas brasileiras são muito boas.

Assinalam que se sentiam como peixe fora da água no país de origem e acharam-se muito à vontade no país de expatriação, o que marca um movimento intersubjetivo. Até aqui, só assinalam aspectos positivos sobre o Brasil. Fazem uma dissociação entre os aspectos negativos que ficaram na Bolívia e, dessa forma, conseguem salvar exclusivamente o positivo para projetá-lo no Brasil.

Ao se comparar com outros expatriados, sentem a diferença, já que os outros estão com saudades e continuam lembrando e tentando recriar o contexto cultural da Bolívia, no Brasil, contudo, eles parecem poder aproveitar do social brasileiro, na medida em que não ficam atrelados afetivamente ao país de origem. Estendem-se sobre a experiência de expatriação que estão vivendo e fazem comparações entre a cultura de origem e a cultura brasileira, expõem aqui a escolha subjetiva que eles têm feito como casal. Podemos pensar que a interculturalidade está se compondo intersubjetivamente, no vínculo entre eles, visto que vão fazendo um trabalho de ida e volta entre as culturas e chegam à conclusão de que a escolha deles é pela cultura e pela terra brasileira. Não abandonam o conhecido boliviano, mas somam a identidade deles à marca que o Brasil deixa, na subjetividade que os constitui. Desse modo, a interculturalidade vai se instaurando como um tecido intersubjetivo vincular, a partir da trama que se estrutura entre as diversas culturas com as quais eles têm convivido. Desenvolvem a interculturalidade como uma rede de vínculos e experiências de vida que os modificam e os mudam.

Estamos assistindo à escolha e à transformação vincular na escolha para morar no Brasil. A interculturalidade está se constituindo nesse momento e modifica o vínculo entre eles e a estrutura vincular inconsciente de casal que traziam. Estamos defronte a uma modificação da estrutura vincular, no mesmo momento em que surge a interculturalidade como uma variável que adiciona subjetividade ao vínculo. Aqui vemos como o social brasileiro opera como um facilitador, para que essa mudança aconteça.

Júlia: Eu tenho vivido várias situações fortes e muito boas aqui.

Terapeuta: Você gostaria de contá-las?

Júlia: No apartamento onde a gente morava, foi uma senhora cristã a pregar no 6º andar e, ao subir, errou de andar e ficou no 5º, por sorte ela bateu na minha porta e começamos a falar, acabei sendo convidada por ela para fazer parte do grupo de mulheres que predicam e ensinam a Bíblia. Eu aprendo muito português lá também. Mas, o mais forte foi quando a gente estava procurando apartamento para morar. O prazo vencia em pouco tempo e não tínhamos achado um lugar que gostássemos. Eu sou muito cristã e descobri isso ainda mais no Brasil. Roberto achou um oferecimento de aluguel de um apartamento, e essa era nossa última oportunidade, já que vencia nosso prazo. Estávamos bastante angustiados e desesperados com a procura, você pode imaginar! Mas tivemos uma revelação, quando entramos no apartamento, a senhora da imobiliária abriu as persianas da sala e sabe o que dava para ver de lá? O Cristo Redentor. Foi uma experiência muito forte e reveladora, esse seria o lugar no qual íamos morar, Jesus ajudou a gente, foi muito forte.

Terapeuta: Que experiência bonita e forte ao mesmo tempo Júlia! Juntou-se aqui seu interesse pela religião com a cidade onde foram convidados a morar. Essas situações de vida parecem ter aproximado mais vocês dois como casal.

Roberto: Para ser feliz, você tem que querer sê-lo.

Júlia: Foi tão bom que decidissem trazer Roberto para trabalhar aqui!

Roberto: Eu trabalho e tenho uma esposa estável que me apoia, que mais posso pedir?

Júlia: Às vezes, eu sinto uma tormenta de ideias e tenho que limpar minha mente. Fui me encontrar com mulheres argentinas expatriadas e elas sentiam muita saudade, por ter saído do país de origem, e decidi não ir mais, não gostei. Aprendi a superar meus momentos sozinha e, dessa forma, não me sinto só. Interatuo no bairro com as vizinhas, ganhei amigas de culto de 80 anos, o padre me reconhece quando vou pela rua, estou feliz.

Roberto: Os bolivianos só falam de lá, a gente se junta com eles, mas estamos agora aqui [olha para ela, procurando um olhar de aprovação].

Júlia: Temos muito boa formação profissional da Bolívia, mas acho que os profissionais têm que sair de lá. Agora só ficaram grandes empresários ou aqueles que estão na política, os profissionais têm que sair de lá. Nós vendemos tudo, na Bolívia.

Roberto: Quando escutamos rumores do socialismo, decidimos vender tudo.

Júlia: Tomamos a decisão, e jogamos em tudo pelo tudo, agora temos que nadar, porque, se não a gente se afoga, toda essa experiência tem nos fortalecido. Estávamos tão carentes lá, eu sinto que melhorei como pessoa vindo ao Brasil, temos nosso apoio e isso é bom.

Terapeuta: Vocês têm conseguido aproveitar o melhor da experiência, crescer com o que deixaram para trás e tirar o melhor do que este país de acolhida têm lhes oferecido. Concordo com vocês em que têm crescido muito. Vocês também transmitem experiências de encontro com aspectos seus que não conheciam e que a experiência de expatriação ajudou a descobrir.

Expõem como tentaram estabelecer contato com expatriados de outros países e não se sentiram à vontade, pois os encontros eram sempre saudosistas, na lembrança do país perdido; porém, escolhem se afastar dessas pessoas e procurar interagir com os brasileiros. Vemos como tentam se afastar das pessoas que os vinculam a seu passado boliviano, no país de origem. Comentando sobre a experiência de expatriação, Júlia conta que é advogada e não pode trabalhar, no Brasil, pela documentação do contrato de contratação de Roberto. Ao mencionar sua profissão, aparecem, pela primeira vez, aspectos positivos que a Bolívia lhes deu, através da boa formação profissional. Poder entrar em contato com as situações boas que receberam, no país de origem, os habilita para organizar sua visão de mundo de um modo mais integrador e não tão dicotômico. Parecem poder identificar se e trazer à tona os aspectos positivos que herdaram da Bolívia, para uni-los internamente às novas experiências de vida.

Júlia foi refletindo sobre como achar internamente um objetivo pessoal para sua expatriação, para torná-la seu próprio objetivo, na procura de seu próprio desejo que a habilite a viver esse momento subjetivamente e não somente como companhia para seu esposo. Descobre gostos e interesses pessoais como forma de achar um objetivo genuíno e próprio, nesse tempo de vida.

Júlia descobre que, ao se aproximar a sua religião, sua escolha cobra significação como alternativa própria e, dessa maneira, sente-se amparada e reconhecida, conseguindo assim dar forma a seu próprio perfil na expatriação. Júlia decide unir-se ao grupo de mulheres da igreja que estudam Bíblia e predicam para os fiéis. Aqui, assistimos à conformação subjetiva da experiência de expatriação para Júlia, como experiência de vida na qual reescreve seus

interesses e se faz dona de seu próprio desejo. A expatriação passa a ser uma escolha, agora também para ela, na medida em que descobre um caminho pessoal de crescimento e aproveitamento da situação.

Dessa forma, Júlia estabelece uma relação entre seu desejo de aproximação à religião e sua mudança temporária ao Brasil. Ela relata como essa experiência de encontro entre seu desejo e a vista, do apartamento, da imagem do Cristo a marcou fortemente, permitindo-lhe desenvolver uma experiência de constituição subjetiva enriquecedora para si mesma.

Parecem entrar em contato principalmente com os ganhos frente à mudança, sem conseguir enxergar as perdas; talvez isso se deva a que ainda não toleram a vivência de perda (do país de origem, dos pais, dos irmãos etc.). De alguma maneira, as perdas aparecem negadas, pela dor que poderiam causar. Encontram, enquanto casal, uma complementaridade vincular para afastar o sentimento de perda, porque talvez não consigam suportar a falta. Esse processo intersubjetivo precisa de um tempo de elaboração e de integração dos ganhos junto às perdas, no caminho de construção e integração da expatriação. Vemos como esse casal se encontra elaborando essa situação, em uma posição intermediária que precisa ser tramitada subjetivamente, para formar parte do vínculo entre eles.

Como casal, estão desenvolvendo um perfil intercultural que se encontra em um momento intermediário de movimento paulatino de aceitação dos ganhos e das perdas. Por outro lado, a estrutura vincular de casal que trazem se constitui e se enriquece. Vão processando conjuntamente a interculturalidade com o vínculo de casal em processo de mudança. Conseguem visualizar a experiência de expatriação como uma escolha vincular e individual para cada um deles, deixando-os mais à vontade no achado intercultural de uma terra escolhida para morar, junto ao vínculo de casal que se modifica, na intersubjetividade.

6.6. CASO CLÍNICO 6

Família formada pelo pai, Luís Pedro, de 35 anos, funcionário expatriado, e Lola Maria, a esposa de 33 anos, com as filhas gêmeas Olívia e Rosário, de 8 anos. Há 6 meses trasladados da Argentina para o Rio de Janeiro, onde participam da pesquisa.

Luís Pedro: Nós viemos da Argentina, morávamos na Patagônia, depois fui transferido para Rosário e depois à capital. As meninas são gêmeas e nomeamos elas de Rosário, porque adoramos morar lá, e Olívia, pela novela. Olívia foi a que nasceu primeiro. Chegamos ao Brasil faz 6 meses. Viemos um mês antes, para conhecer a cidade.

Lola Maria: Achei o colégio para as meninas pela internet. É um colégio tranquilo, laico, como nós. Somos uma família de classe média. Eu penso que a expatriação tem um risco, uma vez que recebemos um apartamento de luxo para morar, um convênio médico, escola para as nossas filhas, de alto padrão, e um monte de regalias extras, por sermos uma família de funcionário expatriado. Porém, sinto medo de acharmos que todo o luxo que recebemos 'seja verdade', pois, quando voltarmos para Argentina, voltaremos a ser o que éramos. Isso pode ser um erro, ou pode dar uma confusão, porque 'você acaba achando que você é o que (ou quem) você não é'. Em minha terra, eu tinha coisas que me faziam pertencer à classe média e aqui tenho mais coisas que me incluem em uma classe social privilegiada, e eu não quero ficar contando com isso como se fosse meu, porque, lá na Argentina, não vou ter mais. Por tudo isso, achei importante procurar uma escola de classe média no bairro onde moramos e que as duas estejam juntas, na mesma sala de aula. Eu impus isso à escola como condição.

Luís Pedro: As meninas na escola também fazem coral.

Lola Maria: E aulas de língua portuguesa. Eu também estudo português, queria ir a um instituto de argentinos, mas a empresa não paga os cursos lá e estou tomando aulas particulares em casa.

É possível perceber que a família tenta preservar a identidade familiar anterior à sua vinda para o Brasil. Lola Maria põe em palavras o medo de não conseguir mantê-la, e o desejo de não permitir que esta se modifique, frente à expatriação. As transformações parecem atemorizá-los, por isso, buscam manter o mesmo formato do grupo familiar que tinham antes de sair da Argentina, principalmente como família atea e de classe média. Aparece um grande temor de que as mudanças — de grupo social, de ganho salarial, de escola e moradia de alto padrão — os transforme em outra família. Por isso, se defendem, tentando impedir que a expatriação os modifique. Isso aparece como uma resistência às possíveis mudanças — apesar de terem trocado de lugar de moradia, inúmeras vezes —, situação que tentam negar para sustentar a ilusão de que irão manter uma forma de viver homogênea e sem variações, aconteça o que acontecer, mudem para onde mudarem.

Lola Maria põe em palavras os medos familiares: de habituar-se à opulência na qual vivem, na expatriação, como se fosse própria, ou seja, não podem se apropriar do que recebem. Ao terminar o contrato de trabalho e deixar de ter esses privilégios, teriam de se haver com essa perda. Isso pode gerar uma certa crise de identidade, já que poderiam ficar sem saber quem

são, perdendo-se a si mesmos. Além disso, se perguntam como irão se sentir, quando voltarem à Argentina; se vão perder seus referenciais e não se reconhecerem, ou se vão conseguir saber quem eles são. Ou seja, tudo isso nos faz ver quanto Lola Maria é porta-voz do receio familiar de que as novas experiências não possam ser integradas.

Com a entrada das duas filhas gêmeas na escola, a condição que a mãe impõe é a de que não as separem. É possível que a mãe esteja expondo o medo que ela tem de deixar as filhas sozinhas, e por isso acredita que estando juntas na sala de aula estariam em um ambiente familiar, criando, assim, um microgrupo que recrie a família que vem de fora do ambiente escolar. Da mesma forma, quando mencionam as atividades que fazem na escola, falam do coral e nele, apesar de estar formado por muitas pessoas que cantam, escuta-se uma voz só, como a mãe desejaria que acontecesse com as duas filhas, em uma sala de aula só. Mantendo as filhas unidas, a mãe pareceria tentar que elas mantenham a lembrança de quem elas são, como estrangeiras de família argentina. Aparece um certo medo de mergulhar na cultura estrangeira — a brasileira —, porque, na fantasia, isso poderia modificá-los a ponto de não conseguirem se reconhecer. Estamos diante da angústia que eles vivem pela possível perda de identidade cultural. Parecem não poder achar um modo menos atemorizador de viver essa experiência. Sentem que, ao se abrir à cultura brasileira, correm o risco de perder totalmente a cultura argentina que trazem do país de origem; mas isso é um paradoxo. Gostariam de mudar, porém, ao mesmo tempo, de não mudar, o que é impossível. Eles parecem não perceber que já foram modificados pela experiência de mudança, e não conseguirão voltar a ser quem eles eram, já que mudaram. Na exposição ao novo da expatriação, necessariamente foram modificados e tocados pela experiência.

Essa situação de sentir-se expostos ao perigo da mudança é gerada pelo momento de expatriação e pela perda de país, de língua e de cultura como referenciais que os asseguram e orientam. É muito importante que possam expor essas angústias para serem colocadas em palavras, como forma de ajudar a elaborá-las e tramitá-las. Ainda quando tentam se defender das mudanças, negando-as, também se permitem falar dos medos e das fantasias que são geradas. Isso abre a possibilidade de que a terapeuta possa interpretar o que estão vivendo, para que consigam se haver com esse momento de vida.

Aparecem indícios de que a estrutura familiar inconsciente está sendo modificada pelas mudanças, embora com muitos temores e fantasias de perdas radicais; todavia, sabemos que só na possibilidade de mergulhar nos afetos que a situação desperta é que conseguirão se

apropriar da situação e deixar-se modificar. Seria esta uma forma de se fazer donos da situação e serem os gestores das mudanças que podem ter, no núcleo familiar.

Ir ao colégio geralmente representa uma etapa de separação dos pais, da casa familiar e o ingresso em um espaço terceiro de abertura ao social e à cultura, mas, nesse caso — adiciona-se aos medos esperados — que se trata de uma escola estrangeira em um país desconhecido. Por tudo isso, a angústia da separação é um afeto que os invade. Nas palavras da mãe, aparece a resistência a acolher as diferenças que corresponde ao mergulho na cultura brasileira.

Apresentam uma configuração familiar habitada pelo medo a separação e pela angústia que o desconhecido desperta neles, mas, por outro lado, eles se aventuram e mudam de país, de escola e de língua. Os medos não impedem que tomem suas decisões para operar, frente à realidade na direção escolhida. Encontram-se em uma fase intersubjetiva do processo de aceitação da mudança de país e de cultura e, no mesmo, tentam construir um continente onde possam ser eles mesmos e, além disso, não se modificar fora dos seus próprios desejos.

Na hora em que a mãe relata a necessidade de se abrir para aprender português, procura um grupo de iguais a ela, "estudar português em um instituto com argentinos". Isso expõe um paradoxo: por um lado, reconhece que precisa abrir-se a uma nova língua desconhecida, para poder assim acessar a cultura do país de expatriação, mas, por outro lado, procura seus iguais argentinos. Demonstra o medo de ser afetada pela experiência e pela cultura brasileira, aprendendo entre um grupo de iguais; parece tentar controlar as possíveis variáveis que poderiam modificá-los, fantasiando que isso seja possível. Aprender uma nova língua implica reconhecer o estrangeiro do outro e tentar se juntar a novas ferramentas que viabilizem a comunicação com o diferente, contudo, eles propõem fazer isso entre iguais, entre argentinos. Assim, a nova língua não se configura como um veículo para comunicar-se com o diferente e desconhecido da cultura de expatriação, mas como um movimento de aproximação para ficar perto dos iguais argentinos. Esse movimento familiar está cheio de paradoxos que impedem a entrada do diferente e "ajeno" da cultura brasileira. Denota a fase do processo de adaptação pela qual estão transitando.

Talvez Lola Maria ponha em palavras o medo por uma certa perda de identidade, depois de ter atravessado tantas mudanças, primeiramente dentro da Argentina, depois no Brasil. Isso pareceria expor o medo de perder a própria essência, após morar em tantos lugares. Desenha, assim, um movimento defensivo que tenta preservá-los frente a tantas mudanças. Parecem mostrar a dificuldade que eles têm para aceitar que estão em um país estrangeiro e que só

poderão descobri-lo, aventurando-se e abrindo-se à cultura do lugar. A busca por perpetuar a própria cultura poderia congelá-los e imobilizá-los no tempo passado, como se eles não estivessem morando no Brasil e como se a mudança não tivesse acontecido. No entanto, essa condição é própria do processo intersubjetivo que os sujeitos expatriados têm que perpassar, tendo que desenhar um movimento de ida e volta do familiar conhecido ao desconhecido e "ajeno", como forma de aplacar os medos que a adaptação a um novo país desconhecido desperta neles.

Luís Pedro: Eu sou analista de sistemas, expatriado, e a empresa nos trouxe porque querem ser internacionais. Mas, sabe o que sinto? Os brasileiros querem ser internacionais, mas são ah! [expressão de repulsa e irritação], por exemplo: enviaram uma quantidade grande de formulários para preencher antes de vir ao Brasil e depois ninguém os leu, ou os perderam. Recebi uns novos documentos para preencher e pensei 'Outro trabalho feito à toa para ser jogado no lixo, não vou fazer'. Estou na fase da expatriação em que já passou a novidade e estou de 'saco cheio', me desculpe o palavrão.

Terapeuta: Dá para ver que você está incomodado com o jeito dos brasileiros e com o Brasil.

Luís Pedro: Sim.

Lola Maria: Eu trabalhava na área de publicidade, em Buenos Aires, mas aqui não trabalho. Pensei em fazer teatro ou algum trabalho social.

[As filhas desenhavam o tempo inteiro, em silêncio. A terapeuta se aproxima e pergunta sobre os desenhos e elas vão relatando].

[Rosário começa desenhando com caneta vermelha uma cachorra com olhos assustados e uma fonte com um passarinho] (Figura 19).

[Olívia desenha uma menina colorida que esconde as mãos] (Figura 20).

[Rosário desenha com caneta vermelha uma menina que corre, um sol e uma flor, todos com olhos assustados] (Figura 21).

[Olívia desenha três flores e quatro corações em cadeia] (Figura 22).

Terapeuta: Os desenhos que vocês fizeram, até aqui, têm todos olhos assustados, estão correndo, fugindo, olhando para o lado desconfiados, escondendo as mãos, talvez com medo das mudanças e do país novo que o Brasil é para vocês. A solução parece estar no desenho da Olívia, que faz quatro corações em cadeia, como se fossem vocês quatro unidos, para se proteger, mas sem possibilidades de se separar, se diferenciar e conhecer cada um, de seu jeito, o país novo.

[Olívia faz contas, rabisca várias folhas, faz estrelas, corações, flores, todo colorido] (Figura 23). [Rosário desenha um cachorro com caneta vermelha, no verso do desenho de Olívia] (Figura 24).

Terapeuta: Nesta folha, vocês se unem muito mais, a ponto de não conseguir se diferenciar, não se sabe qual desenho é de quem, já que usam a mesma folha. Será que está proibido se separar?

[Rosário desenha com caneta preta e pinta, com canetas coloridas, três flores, duas iguais dos lados, uma diferente no meio e o sol grande; sobre a terra há muitas formigas pequenas e duas grandes, no meio, aos pés da flor diferente] (Figura 25).

Figura 19 - Desenho de Rosário em folha pequena

Figura 20 - Desenho de Olívia em folha pequena

Figura 21 - Desenho de Rosário em folha pequena

Figura 22 - Desenho de Olívia em folha grande

Figura 23 - Desenho de Olívia em metade da folha grande

Figura 24 - Desenho de Rosário no verso do desenho de Olívia

Figura 25 - Desenho de Rosário em folha grande

Terapeuta: Acho que Rosário está me respondendo com este novo desenho, onde vejo três flores que parecem as três mulheres da família, a mãe está no meio e é diferente das filhas que estão uma de cada lado, que são parecidas, mas não idênticas; e aqui está o sol, que simboliza o pai, que as ilumina e olha de cima. Todos juntos no mesmo desenho, igual à família de formigas que estão na terra – os pais são as maiores e os filhos, as menores. Todas as famílias juntinhas.

O pai traz os desencontros que sente ter com os brasileiros e se diz incomodado com as condutas diferentes das de seu país; fala dos afetos negativos que isso suscita nele, gerando um conflito interno entre ambas as culturas. Encontram-se chateados com a cultura brasileira, por isso depreciam o país, pelos pedidos inúteis que recebem e frente aos quais se sentem desrespeitados e não ouvidos, no Brasil. Eles vieram incomodados com o país, mas, por outro lado, tomaram a decisão de vir e aceitar a oportunidade para trabalhar aqui.

As filhas não verbalizam o que estão vivendo, todavia, fazem uma profusão de desenhos para expressar de forma gráfica o processo pelo qual estão passando. Os olhos dos desenhos são esquivos, com um caráter paranoide, demonstrando medo e escondendo esses afetos, para não mostrá-los. O medo impede que aflore a curiosidade para conhecer o novo que se lhes apresenta, de forma que todo o diferente suscita medo e desconfiança. As filhas respondem ao mandato familiar de ficar juntas, desenhando uma no avesso da folha da outra, uma bem perto da outra, para não se deixar modificar pela cultura brasileira.

Os desenhos são bem elaborados, trazem uma rica produção gráfica, a qual expressa o que estão sentindo nesse momento, expondo um rico mundo imaginativo.

Rosário, na Figura 19, desenha-se a si mesma como uma cachorra. Olívia, na Figura 20, desenha-se como menina muito colorida, mas com as mãos escondidas e os olhos esquivos. Na Figura 21, Rosário desenha uma menina correndo para se encontrar com uma flor grande, que não a olha: a flor parece estar observando o sol; tanto a flor quanto o sol observam de soslaio. Olívia, na Figura 22, desenha três flores que podem simbolizar as três mulheres da família, duas estão juntas e outra separada, e, do lado, aparecem todos como família, “grudados”, com formato de corações em cadeia. A terapeuta interpreta os desenhos a partir de um olhar vincular que os engloba intersubjetivamente como família, e as meninas respondem à interpretação de forma gráfica. Na sequência, depois da interpretação da terapeuta, Olívia, na Figura 23, modifica a sequência de desenhos figurativos que vinha fazendo, riscando agora números e contas, como em racionalização. Rosário, no verso da

mesma folha, faz uma cachorra com mais caracteres animais e menos humanos, em comparação com a que tinha feito no início. A interpretação parece ter modificado o discurso familiar e a resposta apresenta-se na mudança de estilo dos desenhos.

Em razão da nova interpretação da terapeuta, na Figura 25, Rosário responde de modo gráfico, desenhando duas famílias no mesmo habitat, uma família de formigas e outra família formada por três flores e um sol. Pareceria concordar com a interpretação que foca no mandato familiar para ficar sempre juntos e na dificuldade que isso produz neles, na hora de se separar.

[Olívia enche uma folha grande com estrelas, em lápis preto, e as pinta de amarelo e azul dos lados (Figura 26). Do outro lado da folha, desenha um rio com dois peixinhos vermelhos, de um lado, e uma estrela, do outro lado do rio; no meio do rio tem um sol grande, o qual cobre de amarelo e laranja a metade da folha] (Figura 27).

[Rosário desenha com caneta preta duas cachorrinhas. Uma delas está chorando e está de mãos dadas com outra cachorrinha] (Figura 28).

Luís Pedro: Está chorando a cachorra?

Rosário: Está [Os pais se entreolham, surpreendidos pelo fato de a cachorra estar chorando].

[Olívia desenha um sapo colorido dentro de uma poça de água, e diz "O sapo está feliz"] (Figura 29).

[Rosário começa a desenhar uma história em quadrinhos e Olívia conta a história (Figura 30). No verso da folha anterior, desenha a loja onde compram o casaco, vemos a vitrine que oferta o casaco e a cachorra que sai vestindo o casaco novo. E escreve: "Fim"] (Figura 31).

[Depois, Olívia desenha outra história em quadrinhos e Rosário a conta] (Figura 32).

Lola Maria: O sapo está na água?

Olívia: Está faltando uma coisa [Desenha uma boca aberta sorridente]. *O sapo está feliz.*

Figura 26 - Desenho de Olívia

Figura 27 - Desenho de Olívia em folha grande no verso do desenho anterior

Figura 28 - Desenho de Rosário em folha pequena

Figura 29 - Desenho de Olívia: "O sapo está feliz"

Figura 30 - Desenho de Rosário em folha pequena

Figura 31 - Desenho de Rosário no verso do desenho anterior

Figura 32 - Desenho de Olívia em folha pequena

Luís Pedro: E você, Rosário, que está desenhando?

Rosário: O tubarão rasgou o casaquinho da cachorra.

Lola Maria: O casaquinho pode ser substituído.

Luís Pedro: Mas era o casaquinho favorito da cachorra.

Lola Maria: Minhas filhas são sempre assim, se complementam, uma desenha e a outra escreve os contos. Elas agora estão preocupadas com a cachorra, que está com sinusite.

Luís Pedro: Estão fazendo acupuntura para cachorros nela.

Rosário: [relata um conto] A Turma da Cora. Cora foi de avião para o Brasil; quando chega lá, vai para o rio e um tubarão come o casaco dela, então, ela vai ao shopping e compra outro casaco [assinala a primeira história em quadrinhos]. Aqui comprou o casaco.

Terapeuta: Olívia, você desenha um rio e Rosário faz o conto do rio: sabem que me fazem pensar na cidade em que vocês moram agora, Rio de Janeiro, tem um grande mar aqui.

[As duas meninas riem e aprovam].

Terapeuta: Vocês falam de coisas que perderam ao vir morar aqui, umas se recuperam, outras não, mas se ganham coisas diferentes que vocês nem sabiam que existiam.

Olívia, a partir das Figuras 27 e 28, começa a contar a história da vinda deles para o Brasil, especificamente a cidade do Rio de Janeiro; faz isso quando introduz nos desenhos um rio à margem do qual há dois peixinhos iguais e, na outra margem, uma estrela, com um sol que os ilumina a todos. Assim, começa a relatar o percurso afetivo e vincular que implicou para eles a vinda à cidade que fica do lado do mar. Por momentos, os desenhos de Olívia parecem menos elaborados, mas é ela que dita o caminho e as mudanças no discurso familiar, através de seus desenhos no encontro terapêutico. Rosário desenha figuras mais estruturadas, mais próximas do humano, atribuindo às vezes características humanas às cachorras.

Frente ao desenho do rio, as meninas começam a pôr no papel aqueles afetos que a mudança operou nelas. Rosário desenha duas cachorras de mãos dadas, uma das quais está chorando. Isso faz com que os pais compreendam que os desenhos estão representando o que estão sentindo sobre a experiência de expatriação, não transmitindo isso através da palavra, mas de maneira gráfica, de um modo diferente ao deles, e fazendo parte do discurso vincular sobre o percurso familiar; por isso, olham-se surpreendidos. Depois do desenho de Rosário, em que

expressa dor lágrimas, Olívia tenta aplacar esse sofrimento, desenhando um sapo que, além de ter um sorriso no rosto, afirma verbalmente e escreve que "está feliz". Olívia parece ser a voz familiar que consegue se arriscar e se aproximar da dor, para expressá-la e compartilhá-la com sua família e, quando isso parece não ser possível, esquematiza números e contas, como forma de recorrer à racionalização como defesa que obstrui a dor pelas perdas e a mudança de país. Por um lado, expõe os afetos claramente e, por outro, tenta contê-los para que não os inundem. Rosário estrutura uma história gráfica e verbal para dar conta do processo vivido.

Quando a mãe questiona Olívia sobre o sapo, ela rapidamente dá resposta aos pedidos maternos, mencionando a "falta" e adicionando uma boca sorridente como forma de assegurar sua felicidade. O sapo, ao estar na água, remete ao universo materno de modo regressivo – e é justamente isso que Olívia precisa reafirmar à sua mãe. O sorriso e a afirmação sobre estar feliz parecem querer obstruir aquilo que falta.

O pai parece abrir a possibilidade de falar sobre a dor, quando inquire a Rosário sobre seu desenho, habilitando-a a pôr em palavras aquilo que fica "rasgado e quebrado", sem possibilidades de ser reparado. Entretanto, a mãe interrompe o caminho de abertura aos afetos frente à dor pela perda que o pai abriu, intercedendo na fala, tentando obstruir a menção àquilo irreparável. Lola Maria diz que o "casaquinho pode ser substituído", como se um objeto conseguisse se sobrepor à perda, anulando-a. Traz a possibilidade de repor aquilo perdido, como se não permanecessem marcas pelo perdido, tentando assim recorrer a uma reparação maníaca que permita obstruir o que ela não consegue tolerar afetivamente.

Este é um momento de virada no discurso familiar, já que o pai se encarrega da função paterna, habilitando a entrada da dor pelas perdas vividas, no discurso conjunto e na interação com as filhas. Luís Pedro quebra o discurso endogâmico de fechamento familiar, para habilitar uma abertura através de compartilhar a dor pela perda e pô-la em palavras com um discurso que libera as filhas para abrir seus sentimentos e expô-los, no seio da família. Quando o pai diz compreender a dor que Rosário põe em palavras, aludindo a que se tratava "do casaquinho favorito do peixinho", abre um espaço para trabalhar os afetos que aludem à dor pelas perdas vividas. Podemos considerar este como um momento importante de mudança no discurso familiar, porque aparece uma abertura que habilita as filhas a falar daquilo que as magoa e a pensar como tentar elaborar esse momento, na aceitação daquilo deixado para trás que não anula a dor e permite que seja compartilhada. O casaquinho devolve a Rosário parte da perda do país de origem, pois seria como trazer com ela um pedacinho do país dela, mas o

tubarão ataca e quebra o casaquinho que poderia reparar e outorgar amparo, em função do perdido.

Aparece agora uma personagem, que até aqui estava oculta – a cachorra deles, que veio junto desde Argentina. A cachorra Cora ocupa um lugar importante na família, já que representa um vínculo afetivo do passado que os acompanha nas viagens. Cora parece ter a função de dar aconchego e, ao mesmo tempo, ajudar a matar as saudades do deixado para trás, no país de origem. Mas a cachorra está doente e isso parece ser um motivo de preocupação que todos tentam solucionar, através da acupuntura ou com algum tratamento que devolva a saúde a esse animal de estimação familiar. A cachorra é agora a protagonista do conto que Rosário relata e Olívia desenhou.

Na viagem para o Rio, Cora faz o mesmo percurso que a família: de avião, carregando bagagem, subindo e descendo do avião. Ao chegar, ela vai à praia e ali ocorre o problema: aquele que era seu casaquinho preferido é comido por um tubarão que estava escondido no rio e aparece para tirar dela aquele objeto que lhe trazia lembranças da Argentina. Nesse momento, Cora chora frente à perda e tenta repor a perda no *shopping* da nova cidade, mas, no desenho, o *shopping* tem as portas fechadas. Apesar disso, Rosário afirma que ela conseguiu comprar o casaquinho. Por um lado, ela se permite fazer saber aos pais que as perdas a afligem e, por outro lado, pretende repor a perda no *shopping*. Contudo, o que parece importante é que o conto se intitula "A turma de Cora", ou seja, que eles são um grupo familiar e que mutuamente se acompanham e apoiam; a despeito das perdas, não estão sós, e sim na mútua companhia. No verso da folha anterior, desenha duas cachorras, uma sem cabeça, nem pés, nem mãos, e escreve: Fim. (Figura 31).

No verso da história em quadrinhos, Rosário desenha a loja em que compram o casaco, aparece a vitrine e a cachorra que sai vestindo o casaco novo. Ela escreve a palavra "Fim". Pareceria expressar como gostaria de pôr fim a essa situação de dor. As meninas são as que sugerem comprar o casaquinho novo no Rio, de sorte que trazem o bom do viver no Brasil como forma de elaborar a situação de perda, para começar a vida nova. Elas conseguem tirar os pais da dor e do lamento pelo luto.

As filhas confirmam que estão compartilhando, na família, o que as mudanças têm levantado afetivamente nelas, o que produz uma mudança no discurso materno.

Lola Maria: Até a cachorra Cora adora o Brasil, come as cascas do mamão que a gente dá para ela, e o coração da maçã.

Rosário: Eu conto a segunda história em quadrinhos. Olívia tem um gato que estava dormindo no avião vindo para Brasil e uns ratos o estavam procurando; o gato quis agarrar os ratos, mas eles escaparam. Quando o avião aterrissou, o gato estava feliz, mas os ratos foram ao mesmo hotel que eles.

Luís Pedro: Eles vão ter que aprender a viver juntinhos, o gato e os ratos.

Terapeuta: Vocês estão falando de uma experiência de vida de aprendizado e como é difícil aprender a lidar com o diferente.

Lola Maria põe em palavras, pela primeira vez, através da Cora, as coisas que o Brasil oferece para eles aproveitarem, mencionando os frutos que degustam aqui. No resgate dos aspectos positivos, talvez estabeleça um *link* entre o casaco perdido da Argentina e aquele que podem comprar aqui, na terra de expatriação, que de alguma forma lhes permite estar agasalhados e recuperar, dessa maneira, o calor perdido de uma forma diferente.

O pai também consegue fazer essa virada, quando traz a necessidade de aprender a lidar com a rivalidade entre Brasil e Argentina e aprender a viver juntos “numa boa”, assim como o gato e os ratos. Traz a necessidade de repensar a rivalidade entre gato e ratos, para ser integrada no cotidiano da expatriação deles.

As filhas conseguiram reverter o discurso familiar e abandonar o lamento pela perda e o receio a se abrir ao novo, para achar as coisas boas que o Brasil tem para lhes oferecer. Esse movimento de abertura dos pais vem sendo conseguido através das filhas.

A personagem da cachorra ganha significação, neste ponto. Rosário a trouxe a partir de seu primeiro desenho; Cora era ilustrada, por momentos, com caracteres humanos e, em outras situações, com suas características animais. A cachorra, que os vem acompanhando ao longo do tempo, ocupa um lugar subjetivo na família, como objeto intermediário na denominação de Kaës, ou objeto transicional, na definição de Winnicott. Cora pode ser objeto de projeções de cada um dos membros da família, ao mesmo tempo em que é um animal de estimação o qual faz parte do núcleo familiar e o ajuda na adaptação ao novo, no encontro com novos laços nos lugares de moradia, além de representar a permanência do antigo, da cultura de origem, transformando-se em resguardo da história de vida compartilhada dessa família. Vemos a importância da cachorra como um membro a mais dessa família, ao longo do tempo.

Na segunda história, agora desenhada por Olívia e contada por Rosário, repete-se a sequência na qual os participantes são a vítima e o opressor, de forma alternada. Novamente estão viajando para o Brasil de avião, mas agora são gato e ratos. Vemos um gato que fica dormindo na viagem, ocultando aquilo que está reprimido nele, que é a raiva por causa da viagem e a vontade de brigar e pegar seus inimigos. Quando o gato dorme, as vítimas transformam-se em opressores, pois os ratos querem pegar o gato. No entanto, a repressão falha e a situação se inverte: o gato acorda e agora quer pegar os ratos, que conseguem escapar. Por momentos, colocam-se no lugar do ameaçado, sem defesa alguma possível, enquanto, outras vezes, no lugar do ameaçador que avança sobre seus oponentes. Aparecem aqui os sentimentos agressivos reprimidos que a viagem desperta neles e como tentam se colocar em um lugar apaziguador ou de oposição, dormindo. Vemos como o conflito se dirime entre as culturas, situação na qual ora sofrem passivamente, ora atacam ativamente.

Quando parece ter acabado a briga, porque o avião aterrisou e os animais estavam a salvo, o perigo aparece novamente, porque todos vão ao mesmo lugar, que é o hotel. Nesse sítio, aparece a transitoriedade de moradia que os atinge, visto que perderam a casa na qual moravam como lugar conhecido, para hospedar-se em um lugar de passagem, que é o hotel, ou seja, sem moradia fixa que os acolha e resguarde. Achando-se sem defesa, frente a um espaço desconhecido, o gato perde forças e fica como perdedor; inverte-se a relação de poder entre o gato e os ratos. O desenho é rico e organizado, com detalhes que ilustram a situação: o gato por momentos está bravo, por momentos triste, por momentos ataca e por momentos fica indefeso, sem possibilidades.

Luís Pedro resolve a situação, dizendo que o gato e os ratos vão ter de aprender a viver juntos, talvez se referindo à briga interna que ele expôs, no início do encontro, entre a cultura brasileira e a cultura argentina. Ele foi aquele que falou da dificuldade de fazer essa junção e aprender a viver entre diferentes, conseguindo aproveitar aquilo que o país de acolhida lhes oferece, porém, conseguindo ser argentinos morando no Brasil.

Tradicionalmente, o gato e os ratos são rivais, da mesma forma que os argentinos e os brasileiros. Esse caso abre a pergunta sobre o que significa migrar ao Brasil sendo argentinos. Será que isso é possível? Será que conseguirão se sobrepor às rivalidades interculturais, aproveitando a experiência para si mesmos, como momento enriquecedor de crescimento e aprimoramento intersubjetivo? A expatriação lhes impõe um grande investimento subjetivo para conseguir adaptar-se, ao mesmo tempo em que buscam conservar suas peculiaridades

individuais; no Brasil, eles são gatos, mas, na volta à Argentina, vão ter que virar ratos, deixando os brasileiros no lugar de gatos, por sua vez. Essa contínua exigência de alternar, em diferentes lugares subjetivos, lhes ajuda a ganhar plasticidade interna e possibilidades de se transformar de acordo as circunstâncias, porque a situação de expatriação lhes exige mudanças internas e a volta ao país de origem também impõe a exigência de se acostumar novamente à cultura de origem.

No final do encontro terapêutico, circulava entre eles um clima de concórdia e alívio, por ter exposto as dificuldades que a situação lhes impunha, ao mesmo tempo em que falaram dos ganhos e do positivo que podem guardar internamente, em suas histórias de vida.

Essa família encontra-se no processo de elaboração da interculturalidade, que será conseguido quando vençam as resistências e consigam se abrir ao novo, apesar de que isso foi conseguido ao longo do encontro. Essas modificações foram percebidas no discurso familiar que foi sendo modificado, indo das perdas até achar os ganhos. Isso já está gerando uma modificação da estrutura familiar inconsciente, ao estar em processo de elaboração do luto pela perda da cultura, mas também pela elaboração da rivalidade entre culturas. Esse processo acarreta a elaboração da diferença marcada pela hostilidade e a rivalidade entre Brasil e Argentina, obrigando-os a negociar para se sobrepor a isso. As filhas parecem estar mais abertas a essa negociação, já que mencionam a possibilidade de repor o casquinho rapidamente no *shopping*, porque, no início, os pais estava reticentes, acreditando que não haveria forma de repor, totalmente embasados pelo luto e por aquilo que o Brasil tinha tirado deles; mas, depois, isso se reverte e conseguem começar um intercâmbio entre o bom e o ruim, para obter um equilíbrio. Parte da resistência a aceitar o positivo que o Brasil lhes providencia vem do medo que eles têm de se iludir com os ganhos, como se fossem deles, e não saber o que fazer depois, quando voltarem a seu país. Aceitar o Brasil significaria passar por cima da rivalidade cultural, para conseguir gerar uma abertura para a possibilidade de escrever uma história familiar criativa e de aproveitamento da nova experiência de vida.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De onde vem o beija-flor? Não existe uma única resposta pra essa pergunta, elas são muitas. A cada cultura, a cada língua, uma história, uma forma de entender a vida. (Yaguarê Yamã, 2012).

Esta pesquisa possibilita pensar os processos psíquicos do sujeito contemporâneo. Para tal finalidade, discutiremos questões referentes à população de expatriados latinoamericanos — com a qual escolhemos trabalhar — como aquela que permite explicitar melhor a subjetividade atual. Fica fora da pesquisa a população de refugiados, exilados, etc. As conclusões a que chegamos implicam um trabalho abrangente, que vai além da população dos expatriados em si. Estamos nos referindo aos sujeitos da hipermodernidade, pós-modernidade ou capitalismo avançado, como alguns autores mencionam. Os expatriados aparecem como aqueles sujeitos mais afetados por essa forma de vida do mundo globalizado, como nômades contemporâneos, nos quais se vê, de modo mais evidente e amplificado, esse transcorrer contemporâneo. Todavia, todos nós, sujeitos do século XXI, somos afetados por essa forma de habitar o planeta, estando assim todos comprometidos pelos processos de globalização do mundo atual.

O psicanalista e sociólogo John Clare sublinha algumas ideias sobre a aventura da migração. "A chegada a um lugar estrangeiro tem a qualidade do sonho. A nova língua/localização coloca o indivíduo em um espaço intermediário entre o lar e a intensidade e vivacidade da vida em uma nova cultura" (CLARE, 2004, p. 14, tradução nossa). O autor nos põe em contato com uma forma de ganho cultural, reservada àqueles que consigam arriscar-se frente ao novo que as culturas acordam em nós, inseridos no mundo planetário e cosmopolita.

A presente pesquisa afunila o devir contemporâneo, centrando-se nos sujeitos expatriados. O processo de expatriação, por um lado, se associa aos ganhos, tanto financeiros quanto de plano de carreira e experiência de vida do expatriado funcionário da empresa multinacional; mas, por outro lado, eles abandonam o país de origem, as raízes nas quais foram criados, o contexto cultural do qual fazem parte, o contexto da família estendida que os acolhe, a língua materna para se comunicar etc. A face que as empresas mostram de modo manifesto, na hora da contratação, aponta para os ganhos e as vantagens da experiência, porém, o que fica oculto por trás da oferta de ganho financeiro são as perdas a ela inerentes. O ganho financeiro

apareceria como uma forma de compensar o que é perdido, mas tal oferta seria uma falácia, por afirmar que se pode substituir por um ganho material uma perda subjetiva.

Contudo, ao lado das perdas, também podem surgir os ganhos subjetivos, já que cada família construirá uma experiência singular, nessa procura que representa um processo criativo para gerar uma forma de melhor usufruir da experiência e se enriquecer subjetivamente. Judith Szekacs-Weisz salienta "[...] quão essencial um segundo olhar pode ser, que permita fazer um balanço do que foi perdido e do que foi encontrado, ao longo da passagem pelo deslocamento de um país, de uma língua e uma cultura para outra " (SZEKACS-WEISZ, 2004, p.27, tradução nossa).

Trata-se de migrações temporárias, mas isso não exclui o sofrimento que toda migração implica pelas perdas e dificuldades, para se situar e se nortear no novo contexto, estranho e desconhecido. Um longo processo de conhecimento e reconhecimento do território de imigração deve ser feito pelo expatriado, tanto internamente quanto externamente, no ambiente a ser habitado. O deslocamento migratório tem um preço subjetivo a ser pago e é por isso que Kathleen Kelly-Lainé menciona que

[...] o aprendizado da língua do exílio significa ter que lidar, viver com, e tentar reparar a perda e aceitar se constituir em um “estrangeiro”, “*foreigner*”, “*étranger*” (palavra que, em francês significa estrangeiro e também estranho e bizarro). Ser um estrangeiro significa “não ser” como os outros” (KELLY-LAINÉ, K. 2004, p.7, tradução nossa).

A condição de ser estrangeiro pode obstruir o crescimento ou permitir ao sujeito uma elaboração e transformação psíquica e vincular, dependendo de cada caso singular.

Do ponto de vista psicanalítico, sabemos que toda escolha traz consigo uma perda, porque, no momento em que o sujeito opta por mudar de vida e espaço de trabalho, deixa de dar continuidade ao percurso de vida que estava tendo. Dentro do espectro das perdas, bem sabemos que temos um leque importante de formas com que os sujeitos conseguem atravessar essa situação e elaborar o processo. Alguns sujeitos conseguem construir uma experiência subjetiva que os faz crescer e aprimorar aptidões que não sabiam que tinham, enquanto outros sujeitos podem ficar fixados nas perdas, sem apresentar possibilidades para sobrepor-se às mesmas. Consideramos que o espectro nas maneiras de se encarregar da experiência de expatriação pode caminhar de uma experiência de enriquecimento pessoal e vincular ao limiar do traumático, do ponto de vista psicanalítico.

Entendemos o processo de expatriação como um processo vincular em que os sujeitos constroem um modo de vivenciar a experiência do laço social, com o casal e a família que os acompanha, por um lado, e com a empresa que os traz a terras estrangeiras e os recebe nelas, inserindo-os na cultura do país anfitrião, por outro. Do trânsito dos vínculos depende o modo como a expatriação será vivida pelo grupo familiar, tanto a experiência exitosa quanto a fracassada. Somente nos vínculos do casal e da família é que se joga o processo de expatriação como um espaço de novidade e criação de vida ou de fratura e falha subjetiva, para transitar e viver a experiência.

Nos três espaços psíquicos, reconhecemos diversos tipos de conflitos:

1. *no espaço transubjetivo*: a perda das metagarantias e do conhecido entorno sociocultural que outorga apoio e reconhecimento, assim como as normas que indicam o permitido e o proibido; diante da mudança do social cotidiano, os sujeitos precisam fazer uma nova descoberta subjetiva, no país estrangeiro. A perda da posição social que tinham no país de origem; em face do estrangeiro da cultura de país de expatriação, sentem-se excluídos e também se excluem reciprocamente; apresentam resistências a abrir-se ao social, por medo de perder a identidade da nacionalidade de origem¹²; depreciam a cultura brasileira, para sustentar e ficar aderidos à cultura de país de origem; sentimento de solidão, por desconhecer as pessoas, e saudades do entorno do país natal¹³; vulnerabilidade social no país estrangeiro; resgate de valores religiosos que os acompanham e amparam, independentemente do país em que vivam¹⁴.
2. *no espaço intersubjetivo*: nos vínculos familiares, surgem divergências políticas, achando-se integrantes de partidos opostos dentro da mesma família; resistência de alguns membros da família a se abrir à mudança, por medo de permitir modificar-se, quando outros conseguem fazê-lo, chegando até ao fracasso da experiência e à volta ao país de origem; desacordos e questionamentos sobre a que nacionalidade as famílias serão fiéis, se à brasileira ou à do país de origem; antigos conflitos familiares não elaborados que se reeditam e contradizem a fantasia de que, na expatriação, poderiam desaparecer, gerando brigas familiares até chegar à ruptura familiar; dificuldade em aceitar o "ajeno" do outro, no núcleo familiar; frente à angústia da separação da

¹² Mencionam o perigo de gerar "[...] uma confusão, já que você acaba achando que você é quem você não é"

¹³ Apontam que "[...] aqui não conheço ninguém, estou sozinha".

¹⁴ Uma expatriada diz: "[...] me sinto acompanhada pela religião católica".

família, desmontam vínculos familiares, para criar novas conformações familiares que mitiguem o desmembramento familiar, unindo três gerações na convivência, o que gera brigas familiares¹⁵. Modificação da maneira de morar, que, no país de origem, era junto aos pais¹⁶, possivelmente sem discriminação das gerações, e, no Brasil, passam a ser independentes, constituindo-se como núcleo familiar, tomando as rédeas da própria família¹⁷.

3. *no espaço intrassubjetivo*: intrapsiquicamente, podem aparecer mecanismos de defesa por causa da mudança, como: negação da situação atual, ou uma recusa a aceitar a nova cultura e ficar dessa forma fechado e aderido à cultura do país de origem; de acordo com o momento vital de cada sujeito, a expatriação pode ajudar a progredir na mudança subjetiva, ou se tornar mais difícil; geram-se situações de confusão da identidade, por causa das mudanças¹⁸; um encontro com aspectos pessoais desconhecidos que a mudança desperta e consegue que os sujeitos se façam donos do próprio desejo¹⁹.

No trabalho, analisaram-se, em cada família, quais marcas aparecem em cada espaço psíquico, mas, de acordo com o conceito de aparelho psíquico de três espaços psíquicos, os mesmos estão em interação e se superpõem, não podendo existir um, se o outro não existir; funcionam em influência mútua. Em alguns casos clínicos, fica difícil delimitar os três espaços, já que, ao se influenciar, também podem operar com fronteiras difusas e imprecisas.

7.1. A MIGRAÇÃO SE DESFAZ E/OU EVOLUI E/OU SE MODIFICA?

A questão que caberia nos perguntar é: quando poderíamos dizer que o migrante consolida sua migração? Em algum momento, ele deixa de ser um imigrante?

Quando o migrante começa a sentir que faz parte do país de migração, isso implica que alguma modificação subjetiva começa a tomar conta dele, apesar de jamais perder as marcas de sua origem, por ter nascido, crescido e se constituído em outra cultura. Talvez isso

¹⁵ Dizem que "[...] é muito difícil aqui para nós, já que a família está dividida".

¹⁶ Nomeiam-se como "mameros", ficando muito dependentes das mães, apesar de terem constituído uma nova família.

¹⁷ Afirmam: "[...] aqui consigo ser o pai de nossa família".

¹⁸ Um sujeito diz: "[...] eu era... sou mecânico de aviões".

¹⁹ Uma expatriada analisa: "[...] descobri, aqui no Brasil, que sou muito crista e não sabia".

constitua um paradoxo eterno entre o lugar do migrante e o do cidadão não migrante. Os expatriados, como nômades contemporâneos, representam uma amostra desses sujeitos, eternos itinerantes, andarilhos pelo mundo, em procura de uma marca que os identifique e os institua; não estamos nos referindo somente ao expatriado, mas igualmente ao sujeito contemporâneo atual.

Susana Seidmann salienta que o êxito de uma migração depende da integração ao cotidiano do país de migração; isso pressupõe que o migrante se insira nas estruturas sociais do país receptor, que mude aqueles que são os "outros significativos" e que esse mundo social que o rodeia lhe outorgue reconhecimento. Isso virá a acontecer, na medida em que os sujeitos migrantes consigam aceitar os outros, no país de migração, dando conta de realizar um processo de trânsito entre uma cultura e outra. A migração bem-sucedida também implica uma mudança na visão de mundo. No entanto, o sujeito constitui-se em função de um conjunto de identificações culturais e vinculares, tanto pertencentes à sua cultura de origem quanto às culturas pelas quais transitou e que o marcaram subjetivamente. Estamos falando de um sujeito intercultural que se define como pertencente a várias culturas. Isso não significa que esse sujeito adira a todas as culturas como um todo, mas, que, a partir da construção da interculturalidade, consegue fazer suas as partes de cada uma das culturas pelas que transitou, estruturando uma rede interna própria que diz respeito às marcas culturais. Na construção da interculturalidade, no espaço intersubjetivo, combinam-se representações vinculares, seja dos sujeitos marcantes do novo país, seja dos outros significativos do lugar de origem, que não se abandonam, só se acrescentam uns aos outros. Aludimos a uma rede vincular própria composta por marcas vindas de diversos outros significativos pertencentes a diferentes culturas. A interculturalidade aparece aqui como uma trama feita de retalhos na qual se unem e se entrelaçam as diversas marcas simbólicas culturais que cada sujeito escolhe dentro dele, transformando-o. A psicanalista polonesa Eva Hoffman compartilha que "[...] o apego à primeira língua e à origem, se você pode transportá-los com sucesso de um lugar ao outro, são a fonte de apegos posteriores, os quais permitem que você venha a amar novos mundos, e amar o mundo de novas maneiras" (HOFFMAN, 2004, p.65, tradução nossa). Assim, define e delimita o que nomeamos, na presente pesquisa, como o sujeito intercultural.

Nesse processo, influem os vínculos com o grupo primário, a família e o grupo de pares e colegas em geral, que possam acompanhar o migrante a fazer parte de essa nova cultura grupal no país receptor. Só dessa maneira os sujeitos poderão constituir uma nova identidade cultural que opere como protetora daquela identidade antes ameaçada pela mudança de país.

Esses sujeitos deverão ter a opção interna de criar uma "cultura migratória", como um marco de significados dentro do qual migrar seja uma possibilidade a ser cumprida. Colaboram na construção dessa cultura migratória os aspectos específicos do lugar de migração que devem ser integrados nessa nova construção cultural.

Para migrar, o sujeito deve contar com pontos de referência concretos no lugar de destino, pessoas que o conectem com a estrutura ocupacional, figuras de contenção emocional que o recebam e lhe reafirmem sua identidade e sua razão de ser. (SEIDMANN, 1990, p. 5, tradução nossa).

Vemos como, nessa migração consolidada, se alargam as possibilidades de interação com diversas culturas, línguas, pessoas, assim como a vivência interna de cultura ampliada, além da cultura da terra de origem. Nesse processo de criação de uma estrutura cultural nova, os sujeitos vão construindo pontes que lhes ajudam a ir e vir, a sentirem-se partícipes de várias culturas, através do sentimento de pertencimento. Só na elaboração do afastamento simbólico da cultura de origem se pode criar um novo espaço transubjetivo que dê lugar a um novo tecido cultural de elaboração e transformação do apreendido, anteriormente. Estamos desenhando, assim, um espaço que amplia a bagagem cultural nos sujeitos, já que começam a tecer dentro deles uma nova trama intercultural, a partir das trocas e interações com várias culturas. Mas, essa estrutura é uma construção que cada sujeito irá armando dentro de si: a "identidade intercultural" será uma produção própria e inédita de cada sujeito, sob a influência de diferentes culturas.

Poderíamos considerar essa nova instância como uma nova cultura, integradora e transformadora dos três espaços psíquicos, construída pela interação entre várias marcas culturais, que estrutura um novo espaço subjetivo de ampliação cultural que chamamos "interculturalidade".

Teríamos que estabelecer a diferença entre um processo migratório definitivo e um processo de migração temporária, como a expatriação de sujeitos contemporâneos que decidem ter esse estilo de vida. A diferença centra-se em que, na migração definitiva, os migrantes se trasladam de país por um tempo ilimitado, enquanto, na expatriação ou migração temporária, os expatriados migram por um tempo limitado, fixado antecipadamente, de sorte que, quando esse período finaliza, voltam à terra de origem ou aceitam ser expatriados novamente a outro país de destino. A migração definitiva poderia ser representada — tomando emprestado um conceito da geometria — como uma semirreta que tem um começo, um ponto de partida, mas

não tem um fim. A migração temporária poderia ser descrita como um segmento de reta, que tem um começo e um fim, ou seja, um ponto de partida e um ponto de chegada ou a construção de uma nova semirreta, pela modificação da rota traçada. A diferença fundamental consiste no final da experiência: na migração definitiva, não aparece um tempo de finalização, ao passo que, na migração temporária, os sujeitos ficam sempre pendentes do regresso, desenhando-se assim uma rota de ida atrelada sempre a outra de volta.

A migração definitiva defronta os sujeitos com o país de migração, dentro do qual vão ter que se colocar. Na migração temporária ou expatriação — ao estar planejada, desde o início, como uma via de ida e uma de retorno — expõe os sujeitos ao risco de ficarem atrelados à espera da volta e do regresso, não lhes permitindo usufruir o momento de imersão na nova cultura. A perspectiva de retorno instala uma diferença subjetiva na experiência de mudança, o que foi constatado nos casos clínicos apresentados.

À guisa de hipótese, pensamos que essa situação também poderia gerar o efeito contrário, já que o fato de morar provisoriamente no Brasil poderia levá-los a ficar mais à vontade, na cultura brasileira, experimentando, protegidos pela ideia da saída. Nesse sentido, o retorno estaria preservando a cultura de origem, e os sujeitos poderiam funcionar como um "falso *self*", em um "como se" pertencessem à cultura estrangeira, mas não pertencendo. Contudo, isso não se manifestou nos casos clínicos da pesquisa.

7.2. INTERSUBJETIVIDADE NA EXPATRIAÇÃO

Centramo-nos agora nos processos intersubjetivos na constituição da experiência de expatriação.

Os expatriados submetem-se a um intenso e constante trabalho subjetivo, pois oscilam entre vários territórios, várias línguas, várias pessoas, o que os obriga a um trabalho de discriminação e discernimento constante, para diferenciar contextos a todo momento. Este seria um trabalho subjetivo de discriminação contínuo entre o próprio e o "ajeno", aquilo com o que se identificam e aquilo que os diferencia; um movimento de ida e volta do que lhes pertence e do que nomeiam como estrangeiro. Esse é um trabalho psíquico imposto pela globalização: os trabalhos em vários continentes, o trânsito veloz por vários territórios geográficos, várias línguas, diferentes modos sociais de interagir, diversas formas de

comunicação etc. Esse movimento produz uma circulação e um trabalho psíquico de integração a todo momento, das identificações culturais primeiras e das marcas intersubjetivas provenientes dos novos universos culturais; um trabalho de discriminação e montagem contínuo. Esse movimento interno de ida e volta, das marcas da cultura de origem às marcas das novas culturas, obriga o sujeito a criar uma grande plasticidade interna que habilite esse movimento de umas às outras. Jacqueline Amati Mehler ressalta que

[...] a organização mental multilíngue “pode” às vezes aumentar a riqueza, plasticidade e o desenvolvimento geral da rede simbólica. A reformulação interna do velho patrimônio psíquico na nova língua representa não só uma simples operação de “tradução” ou “comutação”, mas um aumento em seu significado. (AMANTI-MEHLER, J. 2004, p.174 apud AMANTI; ARGENTIERI; CANESTRI, 1991, tradução nossa).

Nesse contínuo trânsito interno e externo, vai-se constituindo uma trama que alberga as diferentes marcas transubjetivas. Mas, cada sujeito faz uma escolha pessoal e única dos aspectos culturais que tomara para si, e que farão parte desse enramado intercultural. Essas marcas dos distintos aspectos culturais se entrelaçam, sempre conservando suas diferenças, contudo, tendendo a se estruturar como rede subjetiva nos sujeitos que nomeamos como interculturais e contemporâneos.

Denominamos o presente estudo como pesquisa psicossocial, considerando que o social funciona como pano de fundo, facilitando ou obstruindo o desenvolvimento psíquico subjetivo e vincular. Aparece aqui um mundo exógeno que contém os conflitos externos, age e deixa marcas no endógeno de cada sujeito, como conflitos internos. Advertimos que a constituição subjetiva se estrutura diferentemente, quando apoiada sobre uma situação social favorável e sólida ou sobre uma conjuntura desfavorável e frágil. Um espaço não se constitui sem o outro, influenciando-se mutuamente. Torna-se difícil separar o social e vincular do psíquico, uma vez que não pensamos esses espaços como isolados, mas em interação. A psicanálise tradicional focou-se fundamentalmente no mundo intrapsíquico, tentando isolar o mundo externo, o qual só aparecia como interferência. Na psicanálise vincular, essas fronteiras nem sempre são tão nítidas, porque fatores econômicos, sociais, culturais, além de fatores psíquicos, convergem e se entrelaçam de forma entremeada na família e nos vínculos.

Os sujeitos pertencentes a uma cultura só constroem fronteiras internas que os contêm dentro de uma determinada forma de se desenvolver no mundo e se inserir no social. Pensamos que, frente às migrações, essas fronteiras que operavam como continente se perdem, cabendo ao

sujeito criar um novo espaço que lhe permita se sentir amparado, protegido e sustentado, num contexto sociocultural diferente. Esse processo corresponde a uma aceitação da distância imposta pela migração com a cultura de origem, para poderem estar abertos a apreender a nova cultura do país de migração. Na expatriação, as fronteiras parecem ser mais lábeis, já que não se dá só uma ida e volta do país de origem a outro país, mas a vários países, com diversas culturas e diferentes inserções sociais.

No processo de criação intersubjetiva desse novo universo intercultural, outro parâmetro a ter em consideração é se os sujeitos expatriados conseguem deixar que o país de acolhida "os receba", porque só a partir desse movimento é que começaria o processo de interculturalidade. Alguns deles desenvolvem uma forte resistência a aceitar serem modificados por uma cultura diferente da deles, mas, nos vínculos familiares, podem-se ajudar para se sobrepor a essa resistência e se exporem à novidade da outra cultura, ou fracassar na tentativa de viver em um país diferente, uma vez que procuram fazê-lo da mesma forma que o fariam no país de origem. Descrevemos um processo de apropriação e de pertença da cultura de origem, junto ao processo de incluir e tornar próprios, modos de circulação social e de compreensão cultural do novo país de expatriação. Esse movimento implica ter acesso à alteridade do outro, pertencente à outra cultura, o que construiria uma novidade na apreensão do diferente a que o outro nos confronta.

Outra das variáveis a ter em consideração é a vivência que os sujeitos trazem do "tempo". Às vezes, colocam-se olhando somente para o retorno ao país de origem, o que gera uma sensação de parada temporal²⁰; outros se sentem forçados a ficar no aguardo do tempo do outro, o que impõe uma adaptação ao ritmo do brasileiro, ainda contra sua vontade; outros, diante das saudades, expressam o desejo de viajar com maior assiduidade ao país de origem, criando uma rotina de viagens constantes²¹. No que diz respeito ao ritmo de vida, sentem uma grande diferença: percebem que os brasileiros agem devagar e de modo instável, o que os coloca como estrangeiros, fora desse formato. Também mencionam que os brasileiros vivem com uma melhor qualidade de vida, fato que faz com que os considerem "espertos", no sentido positivo e negativo do termo, ou também como alheios e despreocupados pelas

²⁰ O esposo da funcionária expatriada destaca: "[...] pensamos regressar, eu não posso fazer nada aqui, estou atado de pés e mãos".

²¹ Dizem: "[...] gostaríamos de viajar a nosso país uma vez por mês, é muito difícil aqui para nós".

questões dos outros.²² Algumas famílias sentem o transcorrer do tempo rápido, pela inserção na cultura brasileira; outros vivem um ritmo devagar, por ficarem fechados dentro da casa, no mundo deles, por temor a deixar-se influenciar pela cultura brasileira. O ritmo é ainda pontuado frente à nova língua portuguesa, que defronta os estrangeiros a um ritmo de falar que tem a ver com a prosódia da língua; não é somente falar rápido ou devagar, e sim a modulação do português. O português, como língua estrangeira, compõe um outro jeito para compreender a interculturalidade. As línguas portam uma acentuação diferente, a qual constitui uma forma de falar peculiar. Lembramos aqui que Freud falava inglês perfeitamente, mas — nas palavras de sua paciente —, falava inglês com a entonação alemã, porém, estaria sempre falando uma língua estrangeira.

A língua carrega sons peculiares, em sua sonoridade, no sotaque a ser utilizado ao falá-la, remetendo à temporalidade no modo de falar e tentar se comunicar, que não pode ser abandonada conscientemente. Alguns autores discutem como a língua se vincula à própria função materna, como um achado primitivo que o sujeito guarda, na forma de sons precoces que remetem a uma volta à terra natal atrelada à língua materna. O estrangeiro aparece, além das palavras, vinculado à sonoridade e ao ritmo, como fator que opera além do simbólico em si.

Diante da exposição a várias línguas, o sujeito intercultural vai se modificando. Nancy Houston e Julia Kristeva questionam as estruturas primárias como somente retidas na língua primária ou língua materna. Eva Hoffman, a esse respeito, enfatiza que

[...] a integridade das verdades da infância misturam-se com as divisões da dúvida adulta. Quando falo polonês agora, estou infiltrada e permeada pela declinação do inglês, na minha cabeça. Cada idioma modifica o outro, nos cruzamentos com o mesmo, e o fertiliza. Cada idioma faz o outro relativo. (HOFFMAN, 2004, p.32, tradução nossa).

Tem-se igualmente a variante do "espaço" e como os sujeitos habitam e ocupam os espaços onde moram: alguns ficam reclusos no espaço da casa, por sentir que o ambiente externo é hostil e perigoso, outros reclamam da perda dos referentes externos que os orientavam nos ambientes conhecidos do país de origem; outros se lançam à possibilidade de inserção nos

²² "Os brasileiros querem ser internacionais, mas são ah [expressão de repulsa e irritação], por exemplo: enviaram uma quantidade grande de formulários para preencher antes de vir ao Brasil e depois ninguém os leu, ou os perderam".

espaços que os rodeiam como um ganho e decidem explorar o mundo circundante, para aprender dele e se inserir no social do contexto do país de expatriação.

Através da experiência de expatriação, os sujeitos defrontam-se com a diversidade cultural. Podem não conseguir tramitar afetivamente a mudança de país ou conseguir dita transformação, criando um espaço interno para tramitar as perdas, abrir-se simultaneamente para instituir um espaço para "o novo" da cultura estrangeira, o que se acrescenta à sua experiência de vida como sujeito vincular²³.

No intercâmbio intercultural, os expatriados tentam estabelecer bordas que discriminem culturas. Na medida em que as mesmas estão diferenciadas, podem se estabelecer vários entrecruzamentos entre elas, já que jamais poderiam se dissolver no tão citado mundo global. Dessa forma, estaria sendo aberto um leque de possibilidades culturais em interação, sem que umas anulem as outras, mas estabelecendo uma trama que sustente e estruture a identidade intersubjetiva dos sujeitos vinculares.

O momento de expatriação:

- a) pode ser vivido como uma situação nova de abertura à novidade de uma experiência subjetiva peculiar. Ao ser vivida desse modo, a expatriação em si traz um crescimento para o sujeito vincular e amplia sua experiência de vida. Para desenvolver essa experiência, de forma criativa, precisa-se de um ato de ruptura, o qual inclui um processo de luto, uma quebra com a terra natal e com a família estendida de seu entorno de nascença. Só através do viver essa perda é que pode ser habilitada a experiência como situação que soma e acrescenta a intersubjetividade do sujeito vincular²⁴. Viver essa mudança permite que não se estruture a expatriação como uma perda irreparável, a qual nunca poderá ser reestabelecida;
- b) a posição intermediária seria quando aparecem resistências a aceitar as mudanças, por parte de alguns membros da família, o que pode levar a situação de elaboração a ficar detida, de maneira que os sujeitos vivam em outro país, tentando reproduzir a forma de viver no país de origem²⁵, ou gerar um conflito vincular que, se não consegue ser resolvido, pode provocar uma quebra da experiência de expatriação familiar. Na

²³ Sujeito vincular é aquele que, por definição, nasce em vínculo. O ponto de partida fixa-se na condição de indefenso originário do *infans*, constituindo os vínculos primevos como vínculos significativos que se tornam inconscientes. Concebemos, assim, um sujeito sempre em vínculo com outros (leia-se o conceito no livro *Famílias Monoparentais*, de WEISSMANN, 2009).

²⁴ Nas palavras de um dos sujeitos pesquisados: "[...] aqui me descobri, sinto que podemos ser mais nós".

²⁵ Uma jovem diz à mãe expatriada: "[...] eu estou aguardando, quero ir embora daqui".

presente pesquisa, vemos como, nas famílias com filhos/crianças, são os adultos aqueles que empregam esse mecanismo de defesa, frente à dificuldade subjetiva de aceitar a mudança. Nesses casos, no vínculo com os filhos, esse conflito consegue ser elaborado, já que as crianças podem ajudar a tramitar as perdas de forma vincular, situação que habilitaria o acesso à novidade da cultura do país de expatriação. Contudo, nas famílias com filhos adolescentes ou jovens, geralmente são eles que apresentam fortes resistências e, se as mesmas não conseguem ser resolvidas no seio vincular familiar, podem acabar com uma quebra familiar, com membros das famílias retornando ao país de origem e o funcionário expatriado ficando no país de expatriação;

- c) por outro lado, a experiência pode ser vivida como traumática, quando as famílias não conseguem aceitar a distância com a cultura de origem, elaborar o luto para se dispor à nova situação; entretanto, podem viver um eterno luto não elaborado, que aparece como uma queixa constante em cobrança pela cultura do país de origem, sem possibilidades de acessar a cultura do país de acolhida. Essa experiência pode acabar com a expatriação, uma vez que pode interromper o tempo de moradia temporária no novo país e fazer com que os sujeitos retornem antecipadamente ao país de origem²⁶.

Tratar-se-á de pensar essas famílias a partir de suas características, suas bordas e seus modos de vinculação na atualidade. A estrutura familiar inconsciente, que dá sustentação aos vínculos familiares, é modificada pela experiência, com diferentes proporções equivalentes a como, vincularmente, essas famílias vivem as mudanças. Mas, mesmo para aqueles que, a modo de resistência, tentam desmentir a mudança e não conseguem se fazer donos da experiência, a estrutura familiar inconsciente sempre se modifica, estruturando inconscientemente as maneiras de se relacionar e se transformar, a partir das culturas que os moldam. Certas estruturas familiares inconscientes podem deixar seus integrantes atrelados ao conjunto, como única forma de subsistir como núcleo familiar com a cultura de origem; outras estruturas podem permitir a seus integrantes ter um certo grau de independência, para se constituir intersubjetivamente, enquanto, em outros casos, a família pode ser o principal veículo para habilitar seus membros na constituição e transformação subjetiva singular e única, apoiados nos vínculos familiares.

²⁶ Na colocação "[...] quero que você me tire daqui".

Na estrutura familiar inconsciente, encontramos diferentes lugares ocupados por distintos membros da família, correspondentes a diversas funções. Na expatriação, os pais, no lugar paterno e materno, têm uma incidência direta sobre a decisão de aceitar ser expatriados, já que são eles que decidem e escolhem, frente à proposta da empresa. Todavia, os filhos, crianças ou adolescentes, cumprem um papel mais passivo, porque têm que aderir às decisões tomadas pelos pais e se submeterem às escolhas parentais. Isso coloca essas duas gerações em posições diferentes: uns tomam as decisões e outros as acatam. Nos casos clínicos, aparecem posições de revolta dos filhos, adolescentes e crianças, opondo-se à escolha parental, tentando dificultar o processo de mudança ou fazendo um boicote ao mesmo. Ao sofrer passivamente, desde o lugar de filhos, eles sentem relegados seus desejos e vínculos e vão ter que aprender a lidar com essa situação. Vemos, assim, duas gerações impactadas de forma diferente pela experiência compartilhada. A partir de outro ponto de vista, Eva Hoffman assinala sobre "[...] a mudança nas relações familiares internas, que acontece muitas vezes em famílias de imigrantes, nas quais os pais se tornam desorientados e os filhos transformam-se, em certa medida, nos intermediários entre eles o mundo externo" (HOFFMAN, 2004, p.58, tradução nossa). Conformam-se, por conseguinte, um outro devir dos vínculos familiares em face do deslocamento migratório.

Nas famílias de expatriados, vemos a importância que têm os animais de estimação que os acompanham, na migração temporária, ocupando o lugar de objetos intermediários ou objetos transicionais, os quais auxiliam nas mudanças internas e externas desse processo. Os integrantes da família outorgam um lugar dentro do espaço vincular familiar para esses animais de estimação, e seus membros projetam neles afetos difíceis de aceitar como próprios, evidenciando grandes demonstrações de carinho. Fazem parte do espaço familiar, ao ponto de ser desenhados pelas crianças, nos casos clínicos apresentados, expondo as preocupações que eles têm sobre sua saúde, até mencionando a aceitação ou a desaprovação pela terra de expatriação. Os animais de estimação são aqueles que lembram os vínculos do país de origem, já que vêm com a família, na mudança, ao mesmo tempo em que fazem parte da expatriação no país de acolhida. Poderíamos definir a função deles como de estabelecimento de uma ponte afetiva que indica uma presença no próprio processo de mudança.

Os sujeitos constituídos no seio das famílias expatriadas podem vir a se tornar sujeitos interculturais, ou “cidadãos do mundo”, nas palavras de um pai que sentia que, outorgando esse estatuto de sujeito global ao filho, ele o estava instrumentalizando para se inserir no hoje e no amanhã. Contudo, nem todos os sujeitos que vivem a experiência de expatriação

transformam-se em sujeitos interculturais, com a possibilidade de integrar os três espaços psíquicos à mudança; com as consequentes transformações, teremos que ir conferindo isso, caso a caso, na pesquisa, já que alguns o conseguem, outros ficam a meio caminho e outros fracassam na experiência, permanecendo presos à cultura de origem, sem permitir a integração com culturas alheias e não conseguindo se modificar, nem interna, nem externamente.

7.3. COM QUEM FAÇO A REDE DE LAÇOS SOCIAIS?

Pensaremos na estruturação desses sujeitos expatriados no entorno social.

Os vínculos familiares de sangue ficam como referentes ao país de origem. No país de expatriação, estruturam-se redes vinculares que são escolhidas, como malha que dá sustentação a toda a família, no meio social. Assim, os grupos familiares escolhem suas redes de pertencimento, não ficando mais sustentados pela consanguinidade, mas pela escolha intersubjetiva.

Garcia Canclini enfatizava como, ao lado de um sujeito que transita no mundo virtual, viajando de um país a outro, trabalhando em vários espaços simultâneos e distantes, sempre tem que aparecer alguma âncora subjetiva estável que o sustente e apoie, para conseguir esse modo de morar subjetivo, no mundo contemporâneo. A família aparece aqui como aqueles vínculos seguros que garantem ao expatriado uma permanência que lhe possibilita se estruturar subjetivamente, em uma dupla condição: de viajante virtual no espaço aéreo, ao mesmo tempo em que é membro de uma família estável que o aguarda e o ampara.²⁷

Os fatores que unem os grupos sociais podem ser a língua materna, que arma uma rede comum com o país de nascimento, ou a religião comum, ou o trabalho, ou um clube que nucleia, estruturando, dessa maneira, um novo universo de sustentação que essa família passa a sentir como sendo o lugar da família ampliada, no país de origem, constituindo-se no laço social que sustenta a cultura de expatriação. Uma expatriada dizia: “Com Maria jamais falaria, se eu vivesse no Uruguai, mas como aqui somos as duas estrangeiras, gosto de ser sua amiga”.

²⁷ O caso clínico 4 ilustra essa situação levada a um extremo. Trata-se de uma família que, frente à violência de estado, aceita ser expatriada a um país estrangeiro, Brasil, como lugar geográfico fixo, no qual permanecerá; mas, o funcionário expatriado é convidado a trabalhar em outro continente, indo e vindo de um terceiro país, na África.

Talvez as escolhas para se relacionar se façam com base em outros parâmetros, os quais não seriam usados no país de origem: no país de expatriação, as escolhas podem estar norteadas pelo sentimento de solidão e desamparo ou por uma nova forma de ser e de se identificar.

Ademais, pensamos que os sujeitos nas escolhas podem procurar ficar igualados com os que vivem uma experiência similar, como forma de estabelecer um laço fraterno que arme mutuamente uma malha de contenção na expatriação. Esse laço fraterno operaria como amparo e acolhimento junto às experiências vividas.

Os sujeitos que chamamos de interculturais vão compondo um psiquismo, no qual as diversas representações vão se entrelaçando internamente, deixando rastros das várias inscrições culturais. As marcas inscritas pelas passagens por diversas culturas compõem sujeitos com aparelhos psíquicos capazes de integrar o diverso e o diferente.

Esta pesquisa deixa várias questões abertas, para continuar pensando, na procura por apreender ao sujeito da contemporaneidade.

A modo de finalização, fazemos nossas as palavras de Judit Mészáros, para quem "[...] precisamos deixar claro que cada perda carrega dentro de si as sementes da criação de um desenvolvimento positivo" (MÉSZÁROS, 2004, p.10, tradução nossa).

REFERÊNCIAS²⁸

AMANTI- MEHLER, J. Immigration, Loss & Memory. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. **Lost childhood and the language of exile**. London: Imago MLPC and The Freud Museum, 2004.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENGHOZI, Pierre. Aula na USP, em 19 de agosto de 2013. Curso de extensão universitária na modalidade de difusão: A psicanálise dos laços sociais: construção e reconstrução da malhagem dos continentes genealógicos familiares e comunitários V.

BERENSTEIN, I. **El sujeto y el otro**. De la ausencia a la presencia. Buenos Aires: Paidós, 2001.

_____. **Devenir otro con otros**. Ajenidad, presencia, interferencia. Buenos Aires: Paidós Psicología Profunda, 2004.

_____. **Del ser al hacer**. Curso sobre vincularidad. Buenos Aires: Paidós, 2007.

_____; PUGET, J. **Lo vincular**. Clínica y técnica psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1997.

BÍBLIA Online. **Antigo Testamento**. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/>
Acesso em: 15/02/2015

BLEGER, J. **Simbiosis e ambigüedad**. Buenos Aires: Paidós, 1984.

_____. **Temas de psicologia**: entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOURDIEU, P. Um mundo norte-americano. A nova bíblia de Tio Sam. **Jornal Le Monde**, Dossier: 1 de maio de 2000. Disponível em:
<https://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=271>. Acesso em: 21/05/2014

CERTEAU, M. Californie, um théâtre de passants. **Autrement**, n. 31, abr. 1981.

CLARE, J. Introduction. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. **Lost childhood and the language of exile**. London: Imago MLPC and The Freud Museum, 2004.

DICCIONARIO de la lengua española © 2005 Espasa-Calpe: España.

DREXLER, J. El país con el nombre de un río. **Álbum Sea**. Virgin Records España, 2001. 1 disco sonoro.

FERNANDES, M.I.A. Os sentidos do morar: uma questão para a Psicologia Social. In: **Negatividade e Vínculo**. A Mestiçagem como Ideologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

²⁸ As referências bibliográficas estão de acordo com a norma NBR 6023, preconizada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As traduções do espanhol são livres da autora.

FERNANDES, M.I.A.; CORREA, O. R.; COLOSIO, R. Processos Migratórios na Cidade da São Paulo/BRASIL: os sentidos do morar e a cidade. In: CONGRESO DE FLAPAG. **Anais...** Buenos Aires, 2013.

FERNANDES, M.I.A; GOMES, I.; LEVISKY R. Corpo familiar e a diversidade cultural no Brasil: repercussões no setting. In: CONGRESSO DA AIPCF. **Anais...** Bourdeaux, França, 2014. (Não publicado)

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. Regis, 2004.

FORTUNA, C.; SILVA, A. S. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SOUSA SANTOS, B. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREUD, S. (1908) El poeta y los sueños diurnos. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973a, v. II.

_____. (1919) Lo Siniestro. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973b, v. III.

_____. **Diário de Sigmund Freud: 1929 - 1939 - Crônicas Breves**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GARCIA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2012.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas de la Interculturalidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

GENESIS. **Dancing with the moonlight knight**. 1973.

GIDDENS, A. **Sociology**. Oxford: Polity Press, 1990.

GOMEL, S.; MATUS, S. Del sufrimiento vincular a la construcción de ilusión. In: GASPARI, R.; WAISBROT, D. **Familias y parejas Psicoanálisis, vínculos, subjetividad**. Buenos Aires: Psicolibro, 2011.

HOFFMAN, E. Between worlds, between words: some thoughts on self-translation. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. **Lost childhood and the language of exile**. London: Imago MLPC and The Freud Museum, 2004.

KAËS, R. Différence Culturelle, Souffrance da La Langue el Travail du Prèconscient dans deux Dispositifs de Groupe. In: KAËS, R. et al. **Différence Culturelle et Souffrances de L'identité**. Paris: Dunod, 1998.

KELLY-LAINÉ, K. Preface in three voices. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. **Lost childhood and the language of exile**. London: Imago MLPC and The Freud Museum, 2004.

KOLTAI, C. De uma língua a outra por meio das migrações. São Paulo: Centro de Estudos Psicanalíticos, 18 abr. 2011. (Conferência).

LEITE, D. M. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira, 1954.

MÉSZÁROS, J. In: SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. **Lost childhood and the language of exile**. London: Imago MLPC and The Freud Museum, 2004.

MINAYO, M. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOLNAR M. In: FREUD, S. **Diário de Sigmund Freud: 1929 - 1939** – Crônicas Breves. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MORO, M.; REVAH-LEVY, A. Soi-même dans l'exil. Les figures de l'alterité dans um dispositif psychothérapique. In: KAES, R. et al. **Différence Culturelle et Souffrances de l'Identité**. Paris: Dunod, 1998.

MOURÃO CAVALCANTI, A. Psiquiatria, outros olhares... A Etnopsiquiatria segundo Tobie Nathan, **Psychiatry on line**, Brasil, 2001. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano01/mour0201.php>. Acesso em: 10/12/2015.

PACHUK, C.; FRIEDLER, R. **Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares**. Buenos Aires: Del Candil, 1998.

PUGET, J. Formação Psicoanalítica de Grupo. Un espacio psíquico o tres espacios. Son superpuestos? **Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo**, Buenos Aires, t. XII, n. 1 y 2, 1989.

_____. In: BERENSTEIN, P. **La adopción y el vínculo familiar**. Buenos Aires: Lugar, 2014.

_____; MÉNDEZ, M.L. Mesa de apertura. In: CONGRESO DE FLAPAG. CLÍNICA DE LA DIFERENCIA E INTERCULTURALIDAD. **Anais...** Buenos Aires, 2013 (não publicada).

ROSA, M.; CARIGNATO, T.; BERTA, S. Metáforas do deslocamento: Imigrantes, migrantes e refugiados e a condição errante do desejo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SEIDMANN, S. **Migración y cambio**. La búsqueda de la identidad. Buenos Aires: UBA, Facultad de Psicología, 1990.

SELVATICI, M. Fenómenos de transculturación en la asistencia de parejas. In: CONGRESO DE FLAPAG, XVII. **Anais...** Santos, 2007.

SOUSA SANTOS, B. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pela mão de Alice**. O social e político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2008.

SZEKACS-WEISZ, J.; WARD, I. How to be a bi-lingual psychoanalyst? In: **Lost childhood and the language of exile**. London: Imago MLPC and The Freud Museum, 2004.

VENTRICI, G.; ZADUNAISKY, A. Trans-subjetividad, Transubjetivo. In: FRIEDLER, R.; PACHUK, C. **Diccionario de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares**. Buenos Aires: Del Candil, 1998.

VIÑAR, M. **Mundos adolescentes y vértigo civilizatorio**. Montevideo: Trilce, 2009.

WEISSMANN, L. Famílias de expatriados. In: Congreso Internacional de Psicoanálisis de Pareja y Familia, 4. Sufrimiento vincular y sus transformaciones en el psicoanálisis de pareja y familia. **Anais...** Buenos Aires, 2010. v. 1.

_____. Sujeitos Multiculturais? Cidadãos do mundo? **Boletim Online Departamento de Psicanálise Instituto Sedes Sapientae**, São Paulo, Instituto Sedes Sapientae, 30 ago. 2011.

_____. Sujeitos Multiculturais? Cidadãos do Mundo? In: GOMES, I. C.; FERNANDES, M.I.A.; LEVISKY, R. B. (Org.). **Diálogos Psicanalíticos sobre Família e Casal**. 1. ed. São Paulo: Zagodoni a, 2012. v. 1, p. 213-217.

YAMÂ, Y. **A origem do beija-flor**. Guanãby Muru-gáwa. Maraguá: Peirópolis, 2012.

BIBLIOGRAFIA

- AKHTAR, S. **Immigration and identity**. Maryland: Jason Aronson, 2004.
- AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**. Do pictograma ao enunciado. São Paulo: Imago, 1979.
- BERENSTEIN, I. **Psicoanalizar uma família**. Buenos Aires: Paidós, 1990.
- _____. La alteración del sujeto y el otro. In: CONGRESSO FLAPAG, 2009. **Anais...** Campinas, 2009.
- _____; PUGET, J. **Psicoanálisis de la pareja matrimonial**. Buenos Aires: Paidós, 1988.
- BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.
- D'ARDENNE, P.; MAHTANI, A. **Transcultural counselling in action**. London: Sage, 1994.
- DEBIAGGI, S.; PAIVA, J. (Org.). **Psicologia e imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- FOULKES, E. **Diferir y Convivir Identidad, goce y multiculturalidad**. Buenos Aires: Letra Viva, 2010.
- FREUD, S. (1929) El malestar en la cultura. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973a, v.II.
- _____. (1920-1921) Psicología de las masas y análisis del yo. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973b, v.II.
- GRIGNON, C.; PASSERON, J-C. **Lo culto y lo popular: miserabilismo y populismo en sociología y en literatura**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1991.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madrid: Alianza, 1984.
- HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. **Beyond Culture**. New York: Anchor, Doubleday, 1976.
- KÄES, R. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- _____. **Um singular plural**. A psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Loyola, 2011.
- KOLTAI, C. (Org.). **O Estrangeiro** São Paulo: Escuta, 1998.
- MICELI, S. **A noite da madrinha**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- NATHAN, T. **George Devereux and clinical ethnopsychiatry**. 1999-2010. Disponível em: <http://www.ethnopsychiatrie.net/GDengl.htm>. Acesso em: 12/12/2014.

PASTORI, S.; NICOLAU, R. (Org.) **Encontro Transcultural:** subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado. São Paulo: Escuta, 2012.

PAZOS DE WINOGRAD, M. I.; GUTKOWSKI, S. **Emigración, salud mental y cultura.** Buenos Aires: Del Candil, 2003.

ROSINSKI, P. **Coaching y Cultura.** Buenos Aires: Gran Aldea, 2008.

STURM, G.; BAUBET, T.; MORO, M. R. Mobilising Social and Symbolic Resources in Transcultural Therapies with Refugees and Asylum Seekers: The Story of Mister Diallo. In: DROZDEK B. WILSON, J. **International and Cultural Psychology:** Voices of Trauma. Treating Survivors across Cultures. New York: Springer, 2007.

TROMPENAARS, F. **Nas ondas da cultura.** São Paulo: Educator, 1994.